

Reinaldo Santos Neves

(Organização)

Paulo Roberto Sodré

(Edição)

Edição fac-similada

História da
Literatura
do Espírito Santo

PARTE 2

*Sátira,
Modernismo,
poesia, ficção,
crônica*

 **EDUFES**

Reinaldo Santos Neves

(Organização)

Edição fac-similada

Paulo Roberto Sodré

(Edição)

História da
Literatura
do Espírito Santo

 **EDUFES**
Vitória, 2023

PARTE 2

*Sátira,
Modernismo,
poesia, ficção,
crônica*



**Universidade Federal
do Espírito Santo**



Editora Universitária – Edufes

Filiada à Associação Brasileira
das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514
Campus de Goiabeiras
Vitória – ES · Brasil
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852
edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor

Paulo Sergio de Paula Vargas

Vice-reitor

Roney Pignaton da Silva

Chefe de Gabinete

Aureo Banhos dos Santos

Diretor da Edufes

Wilberth Salgueiro

Conselho Editorial

Ananias Francisco Dias Junior, Eliana
Zandonade, Eneida Maria Souza Mendonça,
Fabrícia Benda de Oliveira, Fátima Maria
Silva, Gleice Pereira, Graziela Baptista
Vidaurre, José André Lourenço, Marcelo
Eduardo Vieira Segatto, Margarete Sacht Góes,
Rogério Borges de Oliveira, Rosana Suemi
Tokumaru, Sandra Soares Della Fonte

Secretaria do Conselho Editorial

Douglas Salomão

Administrativo

Josias Bravim, Washington Romão dos Santos

Seção de Edição e Revisão de Textos

Fernanda Scopel, George Vianna,
Jussara Rodrigues, Roberta Estefânia Soares

Seção de Design

Ana Elisa Poubel, Juliana Braga,
Samira Bolonha Gomes, Willi Piske Jr.

Seção de Livraria e Comercialização

Adriani Raimondi, Ana Paula de Souza Rubim,
Dominique Piazzarollo, Marcos de Alarcão,
Maria Augusta Postinghel



Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

NEPLES

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Valdemar Lacerda Júnior

Diretora do Centro de Ciências Humanas e Naturais

Edinete Rosa

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Maria Amélia Dalvi

Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo

Sérgio da Fonseca Amaral

Digitalização das imagens

Ana Paula de Souza Rubim

Projeto gráfico, diagramação e capa

Juliana Braga

Revisão de texto

Fernanda Scopel

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

H673 História da literatura do Espírito Santo [recurso eletrônico] :
Parte 2 – sátira, modernização, poesia, ficção, crônica / Reinaldo
Santos Neves (organizador); Paulo Roberto Sodré (editor). -
Dados eletrônicos. - Vitória, ES : EDUFES, 2023.
3 v. ; 29,7 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-7772-560-1 (v.2)

Edição fac-símile

Modo de acesso: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/774>

1. Literatura brasileira - Espírito Santo (Estado). 2. História.
I. Neves, Reinaldo Santos. II. Sodré, Paulo Roberto.

CDU:821.134.3(81)(091)

Elaborado por Ana Paula de Souza Rubim – CRB-6 ES-000998/O

Sumário

Prefácio • 6

Fábio Assanti Medina

Apresentação • 8

Paulo Roberto Sodré

Sérgio da Fonseca Amaral

Parte 2 • 16

Introdução, Oscar Gama Filho • 18

Sátira, Luiz Busatto • 30

O Modernismo antropofágico, Luiz Busatto • 39

1. A Semana de Arte Moderna em Vitória • 41
2. O movimento antropofágico no Espírito Santo • 62

Muito soneto e algum verso livre: 1930/50, Luiz Busatto • 97

A ficção: 1930/60, Renato Pacheco • 121

Os cronistas, Renato Pacheco • 153

Posfácio • 175

Oscar Gama Filho

Prefácio

FABIO MASSANTI MEDINA¹

As bibliotecas são tradicionalmente conhecidas como guardiãs do saber, preservando em suas estantes uma vasta coletânea de obras de valor inestimável, repletas de histórias e conhecimento. Entre tantos tesouros, destaca-se *História da literatura do Espírito Santo*, uma coletânea de ensaios criada na década de 1990 por Reinaldo Santos Neves, e assinados por Deny Gomes, Renato Pacheco, entre outros, que se tornou uma preciosidade para a literatura capixaba, graças às pesquisas do professor Paulo Roberto Sodr .

Esse conjunto de obras, produzido a várias mãos, ainda na época da máquina de escrever, cont do riquíssimo datilografado, foi doado   Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, onde se tornou parte do acervo da biblioteca de obras especiais, e onde foi cuidadosamente mantido e preservado durante os anos que se passaram.

Por décadas, a guarda dessa obra possibilitou a descoberta e o encantamento com as produ es de autores que se debruçaram sobre temas relevantes para o estudo da literatura do nosso estado. Infelizmente, a a o do tempo degradou o material original, com suas páginas amareladas e suporte fragilizado, tornando o acesso cada vez mais difícil. Apenas armazenar esse material não seria suficiente; era imperativo salvaguardar e também democratizar esse conhecimento.

Diante disso, empenhamo-nos em ampliar o acesso a essa valiosa fonte de conhecimento e saber contextualizado da literatura capixaba. Um conhecimento tão significativo não poderia permanecer restrito, sem ser manuseado e apreciado.

Sem negligenciar os direitos intelectuais das obras, buscamos incansavelmente a republica o desta obra, da qual um dos autores, Renato Pacheco, infelizmente já não está mais entre nós, e assim conseguimos o consentimento dos herdeiros legais para levar esse cont do além dos limites físicos da Biblioteca e da Universidade, tornando-o disponível e acessível novamente.

Diante dessa realidade, do desejo, da vontade, de uma insistência em querer trazer aquele cont do, aqueles escritos tão enriquecedores para os pesquisadores do tema, nasce um pedido, uma proposta, uma ideia. A republica o desta obra.

1. Diretor da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Assim, por meio da chancela da Universidade, com a contribuição da equipe da Editora Universitária, a Edufes, surge a edição fac-similada desta obra, apresentando-a em um novo formato, no contexto da virtualização dos conteúdos, de forma a democratizar e ampliar o acesso ao material.

Num contexto mais abrangente, semelhante à tecnologia da época, com o uso da máquina de escrever, a qual fixou caractere a caractere no papel os escritos daqueles autores sobre a história da literatura no Espírito Santo, este material em toda sua essência irá novamente permitir que outros possam transpor as barreiras físicas e atingir novas perspectivas de acesso.

Apresentação

PAULO ROBERTO SODRÉ
SÉRGIO DA FONSECA AMARAL

No extinto Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo (Cultural-ES), dirigido por Luiz Guilherme Santos Neves², Reinaldo Santos Neves³ coordenou a elaboração da *História da literatura do Espírito Santo*, no período que compreende aproximadamente o final dos anos 1980 e o início dos 1990. Com o apoio do Fundo de Cultura do Espírito Santo (Funces), Reinaldo Santos Neves organizou uma equipe de pesquisadora/es renomada/os entre intelectuais da época no Espírito

2. Luiz Guilherme Santos Neves (Vitória, ES, 24 de setembro de 1933) lecionou História do Espírito Santo na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde se aposentou. Historiador, ensaísta, dramaturgo, romancista, contista e cronista, vem publicando diversas obras, de que se destacam: *Queimados*, documento cênico (1977); *Insurreição do Queimado, Episódio da história da Província do Espírito Santo*, de Afonso Cláudio, introdução e notas (1979); *A nau decapitada*, romance (1982); *As chamas na missa*, romance (1986); *Viagem à Província do Espírito Santo*, de Auguste-François Biard, estudo introdutório (1988); *Torre do delírio*, contos (1992); *Passeio pelo Centro de Vitória na companhia de Rubem Braga*, crônicas (1992); *História, geografia e organização social e política do município de Anchieta* (1995); *História de Barbagato*, narrativa para crianças (1996); *Procissão de São Benedito em Vitória*, texto e pesquisa (1996); *Os bondes de Vitória*, texto e pesquisa (1997); *Escrivão da frota*, crônicas (1997); *Crônicas da insólita fortuna*, crônicas históricas (1998); *Singular plural – memória cultural capixaba*, pesquisa e texto (1998); *A casa edificada – o Programa de Cooperativas Habitacionais no Espírito Santo e sua ação na expansão urbana da Grande Vitória* (1998); *O templo e a força*, romance (1999); *O Capitão do Fim*, romance (2001); *Eu estava na armada de Cabral*, romance paradidático (2004); *O auto do túmulo de Anchieta: uma farsa no estilo de Gil Vicente* (2007); *Crinquinim e D. Pedro II em Nova Almeida*, narrativa para crianças (2008); *Cidadilha – crônica inverossímil da cidade inexistente* (2008); *Memória das cinzas* (2009); *Breviário do folclore capixaba* (2010). Além disso, é membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Comissão Espírito-Santense de Folclore (NEVES, M., 2021-). Sobre sua obra, a *Fernão: revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo* publicou o Portfólio Luiz Guilherme Santos Neves (Vitória, ano 3, n. 5, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/fernao/issue/view/1306>).

3. Reinaldo Santos Neves (Vitória, ES, 3 de dezembro de 1946) é graduado em Letras (Português e Inglês) pela Ufes. Escritor, tradutor, editor e servidor técnico aposentado da Ufes, atuou nessa instituição como diretor da Divisão de Editoria da Fundação Ceciliano Abel de Almeida (1978-1989), coordenador de literatura da Secretaria de Produção e Difusão Cultural (1992-1995) e coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, de 1996 a 2012, quando organizou várias edições do seminário sobre o autor capixaba, *Bravos Companheiros e Fantasmas*, e de seus anais. Dentre suas

Santo: Deny Gomes, Francisco Aurelio Ribeiro, Luiz Busatto e Renato Pacheco, docentes da Ufes, e Oscar Gama Filho, atualmente membro da Academia Espírito-Santense de Letras (AEL), como o são também Busatto, Pacheco e Ribeiro. O projeto foi desenvolvido a partir da produção de ensaios individuais, acerca de contextos, obras e autores/as da literatura brasileira situada no Espírito Santo, estudos que convergem para a perspectiva ao mesmo tempo histórico-literária e crítica.

Esse projeto arrojado, contudo, ficou na minuta datilografada e conservada em três pastas, felizmente doada à Biblioteca Central da Ufes, registrada em 1992 no setor de Coleções Especiais e inserida na coleção interna “Espírito Santo”⁴ com a chamada número 869,0 (81) (091) H 673.

Três partes compõem o datiloscrito, cujo conteúdo pretendemos aqui apenas disponibilizar gratuitamente para estudantes de graduação e de pós-graduação e para outros/as interessados/as em fonte de pesquisa sobre a literatura aqui produzida. O propósito de analisar o documento criticamente ficará, assim esperamos, a cargo de futuros/as pesquisadores/as do assunto.

A **Parte 1** é dividida em três subpartes, todas assinadas por Oscar Gama Filho⁵: “Brasilologia”, “Barroquismo” e “Romantismo”, estudos que propiciam um conhecimento e uma análise

publicações literárias, destacam-se: *Reino dos medas*, romance (1971); *A crônica de Malemort*, romance (1978); *O poema graciano*, poesia (1982); *As mãos no fogo*, romance (1984); *Má notícia para o pai da criança*, contos (1995, 2019); *Sueli: romance confesso* (1989); *Muito soneto por nada*, poesia (1998); *A confissão*, novela (1999); *Crinquinim e o convento da Penha*, narrativa para crianças (2001); *Kitty aos 22: divertimento*, romance (2006); *A longa história*, romance (2007); *Crinquinim e a puxada do mastro*, narrativa para crianças (2008); *A ceia dominicana: romance neolatino* (2008); *A folha de hera: romance bilíngue* (três volumes: 2011, 2012, 2014); *Heródoto, IV, 196*, contos (2013); *Dois graus a leste, três graus a oeste*, narrativa (2013); *Mina Rakastan Sinua*, contos (2016); *Poesia 64-14* (2017) e *Blues for Mr. Name ou Deus está doente e quer morrer*, romance (2018). A *Fernão: revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo* publicou o Portfólio Reinaldo Santos Neves, sobre sua obra (Vitória, ano 1, n. 1, jan./jul. 2019). Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/fernao/issue/view/977>.

4. Agradecemos a Franjuslene Darlei de Moraes e a Arlete Franco, funcionárias da Biblioteca Central da Ufes, a gentileza de nos informar a respeito da doação e registro do datiloscrito em 1992.

5. Oscar de Almeida Gama Filho (Alegre, ES, 31 de março de 1958) é o quarto ocupante da Cadeira 21 da Academia Espírito-Santense de Letras. Poeta, dramaturgo, ensaísta e compositor, além de psicólogo clínico, vem publicando desde 1979. Destacam-se em sua bibliodiscografia: *De amor à política* (1979), poemas em edição marginal, em conjunto com o poeta Miguel Marvilla; *Congregação do desencontro* (1980), poemas; *História do teatro capixaba: 395 anos* (1981); *Estação Treblinka Garden* (1982), peça teatral; *Onaniana* (1983), poema dramático; *A mãe provisória* (1984-1985), tragicomédia; *Teatro romântico capixaba*, ensaio (1987); *O despedaçado ao espelho* (1988), poemas; *Eu conheci Rimbaud & Sete poemas para armar um possível Rimbaud mesclado com O barco ébrio/Le bateau ivre* (1989), ensaio-tradução-conto-poema; *Razão do Brasil em uma sociopsicanálise da literatura capixaba* (1991); *Ovo alquímico: romance em cacos*, escrito com seu filho Alexandre Herkenhoff Gama (2016); “Metacrítica – questão de método, ou nova interpretação da *História da literatura brasileira*, de Carlos Nejar” (Academia Brasileira de Filosofia, 2023); *Samblues* (1992), composições musicais; *A essência da poesia* (1996); *O relógio marítimo* (2001), poemas; *Os últimos poemas – desesperados – de amor* (2001); *Antes do fim – depois do começo* (2005), contendo músicas em parceria com Mario Ruy. Participou, como idealizador, da tentativa de criação de uma Editora Cooperativa de Escritores Capixabas, em 1978, durante a qual, ainda em 1978, organizou a primeira oficina literária do Espírito Santo. É membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (ACADEMIA, [s. d.]; NUNES, 2005).

das condições históricas e sociais em que se desenvolveram as letras brasileiras e locais sob a colonização portuguesa. A primeira subparte, “Brasílogia”, se divide em três tópicos: “Tratado da Razão do Brasil”; “Fenomenologia do Brasil” e “O Estado sem povo”. A segunda, “Barroquismo”, é desenvolvida por meio de dois tópicos: “Igreja, Estado e cultura” e “Pré-Barroco e Barroco”. A terceira e última, “Romantismo”, discute esse período em três tópicos: “Romantismo: princípios e fins”, “Pré-Romantismo” e “Romantismo”.

Composta por seis subpartes⁶, a **Parte 2** expõe uma análise da literatura espírito-santense da primeira metade do século XX. Oscar Gama Filho contextualiza as primeiras décadas do Novecentos na “Introdução”. Luiz Busatto⁷ observa, na primeira subparte, a sátira em prosa e verso. Na segunda, ele historia e investiga a recepção no Espírito Santo da Semana de 22, em “O Modernismo antropofágico”⁸. A terceira subparte, “Muito soneto e algum verso livre: 1930/50”, também de Busatto, aborda a poesia predominantemente acadêmica desse período. Renato Pacheco⁹ (*in memoriam*) observa a narrativa ficcional, em “A ficção: 1930/60”, e a crônica, em “Os cronistas”.

6. Na montagem das partes do datiloscrito em pastas, ocorreu um engano na sequência das subpartes, ficando a “Introdução”, de Gama Filho, e a “Sátira”, de Luiz Busatto, na Parte 1, embora sejam itens da Parte 2, como demonstra o Sumário original, inserido na página 174 desta edição. Em que pese a materialidade original do datiloscrito – que apresenta como limite dos volumes a folha de créditos (e a rubrica a lápis) que pretendia(m) dividir os três volumes –, optamos por realocar as subpartes, dando à edição uma sequência correta dos itens que compõem a *História da literatura do Espírito Santo*.

7. Luiz Busatto (Acioli, ES, 18 de outubro de 1937) é formado em Letras Clássicas e especialista em Teoria Literária e Literatura Portuguesa (em Braga, Portugal). Estudou Filosofia no Centro Filosófico Internacional de Gallarate, Milão, durante três anos. Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutor na mesma área pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é professor fundador das cadeiras de Teoria da Literatura e Linguística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina, ES, e de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Espírito Santo, onde entrou por concurso. Ensaísta e poeta, publicou ensaios e poemas: *Montagem em Invenção de Orfeu*, ensaio (1978); *Amor de asas e outros ensaios* (1985); *O bicho antropoide*, poemas (1985); *Vida pequena*, poemas (1992), livro que recebeu, em 2012, segunda edição no Projeto Nosso Livro, uma publicação conjunta da Secretaria de Educação do Espírito Santo e do jornal *A Gazeta*; *O Modernismo antropofágico no Espírito Santo*, ensaio (1992). Vem se dedicando aos estudos da imigração italiana no Espírito Santo, de que resultou o livro *Nomes e raízes italianas* (2010), além de vários artigos em jornais e revistas. Fez parte do extinto Grupo Letra, dos anos 1980. É o segundo ocupante da Cadeira 24 da Academia Espírito-Santense de Letras (ACADEMIA, [s. d.]).

8. Esse estudo foi publicado pela Ufes, em 1992, com o título *O Modernismo antropofágico no Espírito Santo* (ACADEMIA, [s. d.]; NEVES, R., 2019, p. 94).

9. Renato José Costa Pacheco (Vitória, ES, 16 de dezembro de 1928-Vitória, 18 de março de 2004). Formado em Direito e Filosofia, realizou o Mestrado na Escola de Sociologia e Ciências Políticas de São Paulo. Atuou como magistrado e foi professor de História da Universidade Federal do Espírito Santo, onde se aposentou. Em sua produção de romancista, poeta, historiador e folclorista, destacam-se: *Bilhete para Cervantes*, poemas (1947); *Poesia entressenhada*, caderno de versos (1948); *Antologia do jogo do bicho* (1957); *Presentes de Natal para três pessoas simples*, caderno de versos (1968); *A oferta e o altar* (1983, 4. ed.), romance; *Fuga de Canaã*, romance (1981); *Reino não conquistado*, romance (1984); *Cantos de Fernão Ferreiro e outros poemas heterônimos* (1985); *Augusto Ruschi, o verdureiro que virou cientista*, em parceria com Sandra Medeiros (1986); *Vilão farto*, romance (1991); *Espírito Santo, impressões* (1991); *Ecoporanga* (1992); *Espírito Santo, Brasil* (1993); *Estudos espírito-santenses* (1994); *Índice do folclore capixaba*

Por fim, a **Parte 3**¹⁰ procura rastrear a produção literária brasileira do Espírito Santo contemporânea (isto é, até os anos 1980). Seis estudos compõem as subpartes desse volume: “A prosa de ficção contemporânea: o romance” e “A prosa de ficção contemporânea: o conto” são assinados por Francisco Aurelio Ribeiro¹¹. “Os anos 70 e 80: a poesia” tem autoria de Deny Gomes¹². Ribeiro assina também “A literatura infanto-juvenil”. Renato Pacheco (*in memoriam*) produziu “As publicações literárias (ou quase)” e “As associações literárias e outras manifestações grupais relacionadas com a literatura”.

Passados trinta anos de sua elaboração e de seu ineditismo, o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples), do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)

(1994); *Norte do Espírito Santo: ciclo madeireiro e povoamento* (1996); *Vila Velha da Senhora da Penha* (1997); *Eu vi nascer o Brasil, romance* (1997); *Comes e bebes do Espírito Santo* (1998); *O centauro enlouquecido e o pintor amante* (1998); *Dias antigos* (1998); *Porto final*, antologia poética organizada por Reinaldo Santos Neves (1998). Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo desde 11 de abril de 1953 e segundo ocupante da Cadeira 33 da Academia Espírito-Santense de Letras, onde entrou no dia 13 de maio de 1949 (ACADEMIA, [s. d.]).

10. No sumário geral, há apenas duas partes. Contudo, na divisão exposta nas pastas, os doze estudos estão separados: na Parte 2 estão os capítulos sobre a literatura do Espírito Santo produzida na primeira metade do século XX; na 3 estariam os capítulos a respeito da literatura contemporânea até os anos 1980.

11. Francisco Aurelio Ribeiro (Ibitirama, ES, 22 de agosto de 1955). Graduado em Letras (Português e Inglês) e em Direito, especializou-se em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 1979. Realizou o Mestrado em Literatura Brasileira (1986) e o Doutorado em Literatura Comparada (1990) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor de Literatura e pesquisador da Literatura e História do Espírito Santo nas áreas “Mulher e Literatura” e “Questões da Alteridade” na Ufes, escreveu obras de crítica literária, poesia, crônicas e narrativas para crianças. Dentre suas publicações, destacam-se: *O gato xadrez*, narrativa para crianças (1985); *Estudos críticos da literatura capixaba* (1990); *Ora, pombas*, narrativa para crianças (1990); *A modernidade das letras capixabas* (1993); *A literatura infantojuvenil de Clarice Lispector* (1993); *A gralha e a tralha*, narrativa para crianças (1993); *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica* (1995); *Das cidades e sua memória* (1995); *Vida vivida*, poemas (1997); *Antologia de escritoras capixabas* (1999); *Fantasmas da infância* (1997); *Leitura e literatura infantojuvenil* (1998); *A casa mal-assombrada* (1999); *Literatura e marginalidades* (2000); *Haydeé Nicolussi: 1905/1970. Poeta, revolucionária e romântica* (2005); *A vingança de Maria Ortiz e outras crônicas* (2006); *O Convento da Penha. Fé e religiosidade do povo capixaba* (2006); *Afonso Cláudio. Coleção Grandes Nomes do Espírito Santo* (2007); *Ainda resta uma esperança. Haydeé Nicolussi: vida e obra* (2007); *Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo*, em parceria com Thelma Maria Azevedo (2008); *Olhar para o mundo*, crônicas de viagem (2009); *Gentes de minha terra. Etnias 2* (2009); *Nos passos de Anchieta* (2009); *Literatura do Espírito Santo. Ensaio história e crítica* (2010); *Ensaio de leitura e literatura infanto-juvenil* (2010); *Adeus, amigo e outras crônicas* (2012); *Método confuso. Mendes Fradique: vida e obra* (2012); *O menino e os ciganos*, narrativa para crianças (2012); *Ler e escrever Rubem Braga* (2013); *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas* (2013); *Histórias capixabas* (2019). É o terceiro ocupante da Cadeira 6 da Academia Espírito-Santense de Letras e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (ACADEMIA, [s. d.]).

12. Deny Pacheco Gomes (São Luís, MA, 1938). Licenciada em Letras Neolatinas, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1959), foi professora titular de Teoria da Literatura na Universidade Federal do Espírito Santo, onde se aposentou. Em 1978, fez, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, um laboratório de Criação Literária coordenado por Geir Campos e Antonio Torres, entre outros escritores. Em 1979, coordenou com a professora Maria da Graça Aziz Cretton um curso semelhante na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em Vitória, implantou na Ufes, em 1981, a Oficina Literária como atividade de extensão. Recebeu a Medalha de Honra, outorgada pela Ufes, em 1987, pelos relevantes serviços prestados à instituição; a Ordem do

do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Ufes, solicitou à direção da Biblioteca Central da Ufes, sob a direção de Fabio Massanti Medina, a consulta e a posterior digitalização do datiloscrito, solicitamente atendidas.

Documento precioso para os Estudos Literários que se dedicam à literatura brasileira realizada no estado, a *História da literatura do Espírito Santo*, como se pode notar no sumário de seu conteúdo, abarca cerca de cinco séculos de produção verbal criativa. O escopo abrange uma grande diversidade de gêneros e de formas literárias na famosa tríade de modalidades da literatura ocidental: narrativa, dramaturgia e lírica, seja em prosa, seja em verso, seja ainda em diagramação visual (ou lino signo). Além disso, abrange formatos de publicação, como o livro e o periódico, oferecendo uma ideia das atividades literárias, editoriais e divulgadoras desenvolvidas por aqui.

Produzido no ambiente de reflexões e discussões teórico-metodológicas do final do século XX (anos 1980), os três volumes ganham importância hoje devido a vários aspectos, na medida em que nos informam acerca da materialidade da pré-produção editorial (há marcas, por exemplo, de inserções e de revisão a caneta em algumas folhas); da concepção de historiografia e crítica literária dos/a autores/a; da perspectiva ideológica, teórica e metodológica a partir da qual as obras foram recebidas, selecionadas, analisadas e apreciadas; da fortuna crítica ou do estado de arte a respeito da literatura local. Cada um desses ângulos – e de outros possíveis – oportuniza investigações variadas, cujos resultados, em projetos de iniciação científica, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado, poderão auxiliar na compreensão mais abalizada tanto da literatura aqui produzida como da crítica que lhe vem sendo dedicada.

Um empreendimento como esse – tanto da *História da literatura do Espírito Santo*, nos anos 1980, como de sua edição fac-similada, em 2023 – poderia ser reduzido a um ufanismo extemporâneo ou a uma defesa provinciana da cultura de uma região, isto é, de um *capixabismo*. Entretanto, como vem refletindo João Claudio Arendt, em especial no artigo “Regionalidade(s) e literatura: aportes para um debate teórico” (2021), a relação da região, do regionalismo e da regionalidade com a literatura tem exposto noções fecundas para a situação e o entendimento mais claro do que se deve entender por delimitações do que tomamos por *microssistemas* literários, como os que

Mérito Maria Ortiz (1996) e o Título de Cidadão Espírito-Santense (1998), concedidos pela Assembleia Legislativa do Espírito Santo. Ensaísta e poeta, publicou “Presença de Camões na Literatura de Cordel” (1980); *Traços do ofício: textos de Oficina Literária*, organização (1983); *No meio do caminho tem um poeta*, organização (1987); “Oficina Literária: tempo e espaço para a criação”, artigo (1989); “Sueli sob o signo da ambiguidade”, artigo (1993); “Com a palavra, a mulher”, artigo (1994); *O desejo aprisionado*, poemas (1994); *Daqui mesmo: 34 poetas*, organização (1995); “O mofo no pão, e O queijo e os vermes: uma série de estranhas coincidências”, artigo (1995); “O mofo no pão, O queijo e os vermes, O nome da rosa: dúvidas e evidências em um complicado processo”, artigo (1995); “Os medonhos insucessos do Vilarejo e outras histórias”, artigo (1995); “Amylton de Almeida entre o romance e o cinema”, artigo (1996); *A múltipla presença: vida e obra de Amylton de Almeida*, organização (1996); *De folhas versadas: vida e obra de Roberto Almada*, organização (1998); *Revelação do olhar feminino*, organização (1998); *Júbilo e agonia: vida e obra de Amylton de Almeida*, organização (1999); *I Varal de Poesia da Estação 1ª de Manguinhos*, participação (1999) (RIBEIRO; AZEVEDO, 2008, p. 99-100).

compõem, por assim dizer, o *macrossistema* literário brasileiro. Esses termos nos ocorrem a partir dos argumentos de Arendt (2015), em “Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais”, ao tratar do sistema literário de um país continental como o Brasil:

O rumo da investigação [sobre região, regionalismo literário e regionalidade] fez-me pensar que, em um país como o Brasil, com uma dimensão territorial que quase corresponde à do continente europeu (são mais de oito milhões de quilômetros quadrados divididos em 26 estados, contra dez milhões de quilômetros quadrados distribuídos em 46 países independentes, incluindo outros dez territórios), é inconcebível o fato de pesquisadores e historiadores da literatura não identificarem e enfocarem com maior precisão os sistemas literários que se desenvolvem nos inúmeros âmbitos regionais do país. Da mesma forma, também me pareceu impossível aceitar que, à revelia da pluralidade cultural do Brasil (historicamente desenvolvida), ainda se considerem as manifestações literárias de Norte a Sul como uma unidade aparentemente homogênea, todas elas convergindo para um (epi)centro geográfico e sociocultural (ARENDR, 2015, p. 111).

Por essa lógica, é inevitável considerar que cada região geopolítica (Norte, Nordeste, Sul, Centro-Oeste, Sudeste, Amazônia, Sertão, Serra Gaúcha etc.) ou, em especial, cada unidade federativa (por sua vez, com sua[s] regionalidade[s]¹³) do Brasil elabore, mesmo a par do considerado historicamente eixo “central” paulista-carioca, seus próprios sistemas literários, que compõem, ao fim, o brasileiro¹⁴.

Nesse viés, tratar da literatura brasileira produzida especificamente na Amazônia, englobando toda a região Norte (e não somente o estado do Amazonas), ou na Serra Gaúcha, recortando uma parte regional do Rio Grande do Sul, ou em Pernambuco, no Tocantins ou no Espírito Santo é investimento acadêmico importante, uma vez que releva no aparentemente homogêneo sistema literário brasileiro *geral* (ou *macrossistema*) o que historiadores/as e crí-

13. Esse termo é entendido por Arendt como “[...] particularidades culturais de um espaço regionalizado ou que se regionaliza” (2015, p. 115), como a Serra Gaúcha no Rio Grande do Sul. Em “Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais”, de 2012, ele afirma que: “Embora Haesbert tenha definido a regionalidade, num sentido lato, como ‘propriedade ou qualidade de ‘ser’ regional’, que ‘envolveria a criação concomitante da ‘realidade’ e das representações regionais’ [...], penso que existam, em sentido estrito, regionalidades, ou seja, múltiplas propriedades ou qualidades de ser regionais em uma única região. A ideia de regionalidade no singular dá a impressão de existir um bloco homogêneo, quando, na realidade, regionalidades díspares e conflitantes coabitam em um único espaço social, as quais levam a identificações divergentes. Há uma luta constante no campo das representações simbólicas, com a eliminação e a criação de novas fronteiras regionais, fruto das manifestações de autoafirmação das regionalidades. Dessa forma, existe um modo de ser regional não em forma de bloco compacto e coeso, mas cheio de fissuras e imperfeições” (p. 89).

14. Não cabe nos limites desta apresentação desenvolver esse raciocínio, que aqui apenas sugerimos.

ticos/as literários/as concentrados/as no famoso (e desconstruível) “Eixo Rio-São Paulo” não conseguem, por inviável, abarcar¹⁵.

Nesse sentido, e levando em conta que “[...] uma literatura regional se relaciona com outros sistemas literários e se insere em uma trama maior da literatura nacional e, às vezes, transnacional [...]”, uma noção como “literatura em uma região”, proposta pelo pesquisador alemão Jens Stüben e discutido por Arendt (2021, p. 16), enseja e ajusta a compreensão da concepção e da produção da *História da literatura do Espírito Santo*, que, não se restringindo à defesa de um regionalismo laudatório do que se publicou em terras capixabas, acaba por pretender intuitivamente nos anos 1980¹⁶ “[...] definir e caracterizar a vida literária em um contexto regional”, considerando-se a “[...] existência de um conjunto de elementos de natureza sociocultural, tal como autores, leitores, editoras e outras instituições de fomento ao livro e à leitura” (ARENDR, 2015, p. 121).

Assim, alguém que se interesse pela produção literária verbal modernista ou voltada para o público infantil e juvenil, para além dos reconhecidos centros literários do país, encontrará, numa fonte como esta, informações e análises úteis para uma pesquisa que procure perceber e dimensionar aqueles assuntos em território nacional de maneira mais detalhada, matizada ou *regionalizada*.

Inspirados nessas coordenadas teóricas em franco desenvolvimento, e junto do Neples, com o apoio da Biblioteca Central e da Edufes, e com o consentimento gentil dos/a autores/a e de seus/suas representantes, a quem agradecemos muito, pretendemos, com esta publicação fac-similada eletrônica de acesso público e gratuito, garantir o registro de uma importante produção histórica e crítico-literária, de maneira a oportunizar e estimular (e colaborar com) a pesquisa em vários planos sobre a literatura brasileira *em uma região* como a espírito-santense.

Referências

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS. **Patronos & acadêmicos**. Vitória: AEL, [s. d.]. Disponível em: https://www.ael.org.br/patronos_e_academicos/pagina_1.html. Acesso em: 30 jun. 2023.

ARENDR, João Claudio. Do outro lado do muro: regionalidades e fronteiras culturais. **Rua**, Campinas, v. 2, n. 18, p. 182-199, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638287/590>. Acesso em: 30 jun. 2023.

ARENDR, João Claudio. Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais. **Todas as Letras**, v. 17, n. 2, p. 110-126, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/7121/5420>. Acesso em: 29 jun. 2023.

15. Mesmo com as louváveis tentativas de pesquisadores como Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa, *Enciclopédia da literatura brasileira* (2001), e Carlos Nejar, *História da literatura brasileira* (2010).

16. As discussões sobre o assunto são relativamente recentes (ARENDR, 2021, p. 17).

ARENDR, João Claudio. Regionalidade(s) e literatura: aportes para um debate teórico. *In*: MOLINA, Hebe Beatriz; CASTELLINO, Marta Elena; VARELA, Fabiana Inés Rita (org.). **Literatura y regionalidades**. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2021. p. 12-18. Disponível em: https://bdigital.uncuyo.edu.ar/objetos_digitales/17014/molinaycastellino-literaturayregionalidades.pdf. Acesso em: 28 jun. 2023.

HISTÓRIA da literatura do Espírito Santo. Vitória: Cultural-ES, [1992]. 3 v. Datiloscrito inédito constante do acervo das Coleções Especiais da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo. Tombo n. 869,0 (81) (091) H 673.

NEVES, Maria Clara Medeiros Santos (org.). **Estação capixaba**. Vila Velha, 2000-. Disponível em: <https://estacaocapixaba.com.br/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

NEVES, Reinaldo Santos. **Mapa da literatura feita no Espírito Santo**. 2. ed. Vila Velha; Vitória; Cariacica: Estação Capixaba; Neples; Cândida, 2019. (Série Estação Capixaba, v. 20). Disponível em: <https://blog.ufes.br/neples/files/2019/10/Mapa-da-literatura-brasileira-feita-no-ES-de-Reinaldo-Santos-Neves.-1.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2023.

NUNES, Pedro José (org.). **Tertúlia**: livros e autores do Espírito Santo. Vitória, 2005-. Disponível em: <https://www.tertuliacapixaba.com.br/index.html>. Acesso em: 28 jun. 2023.

RIBEIRO, Francisco Aurelio (org.). **Patronos e acadêmicos**. 4. ed. Serra: Formar, 2014.

RIBEIRO, Francisco Aurelio; AZEVEDO, Thelma Maria (org.). **Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo**. Vitória: Academia Espírito-Santense de Letras, 2008.

BIBLIOTECA CENTRAL
COLECOES ESPECIAIS
UFES

PARTE II

HISTÓRIA DA LITERATURA DO ESPÍRITO SANTO

Obra elaborada sob a coordenação da
CULTURAL-ES - Centro Cultural
de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo,
com recursos do
FUNCES - Fundo de Cultura do Espírito Santo.

P A R T E I I

INTRODUÇÃO

Oscar Gama Filho

INTRODUÇÃO

A abolição da escravatura constituiu uma verdadeira mudança, "por decreto", de modo de produção, e, mesmo tendo sido imposta "de cima para baixo" — processo autoritário herdado da formação do Estado —, sob pressão originada mais das estruturas jurídico-política e ideológica do que da estrutura econômica brasileira, determinou o "término" precoce do escravismo e o "começo", também prematuro, do capitalismo. De fato, entre as suas principais causas econômicas estavam os interesses da Inglaterra, de quem o país era dependente e que desejava ampliar o mercado consumidor de seus produtos.

Entretanto, a artificialidade desse "término", ocorrido sem o amparo de outras medidas estatais no nível das estruturas jurídico-política, econômica e ideológica, fundamentais para concretizar a libertação, manteria grande parte da população negra em posições sociais que reproduziam — de maneira distorcida e diferenciada, presente ainda hoje — aquelas que o escravismo lhe reservava. A lei áurea, se por um lado foi uma conquista, por outro, conseguiu cortar pela raiz a produção de uma contra-ideologia negra eficaz cujos parâmetros teóricos lemos nas entrelinhas dos textos abolicionistas, e cuja prática teve seu ponto máximo na organização dos quilombos.

Além disso, apesar de o modo de produção brasileiro passar a ser o capitalismo, no Espírito Santo agrícola, sustentado pela monocultura cafeeira, as relações de produção e as forças produtivas continuaram predominantemente não-capitalistas até o advento da industrialização fomentada pelo golpe militar de 1964. Era tamanha a carência de negros para a lavoura capixaba que, segundo Vilma Almada, já no período de desagregação do sistema escravista — de 1874 a 1884 — a província apresentou um percentual de aumento líquido da população escrava de 14,3%, superior ao de outras regiões cafeeiras, como o Rio de Janeiro, com 10,3% e Minas Gerais, com 1,9%¹⁰⁶.

¹⁰⁶ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. op. cit., p. 176-7.

Tendo permanecido apegados ao escravismo mesmo quando ele agonizava, a abolição descapitalizou os proprietários, que perderam um de seus mais valiosos bens. A situação se agravou porque a etapa de acumulação primitiva do capital, requerida para o estabelecimento do capitalismo, não havia, com raras exceções¹⁰⁷, atingido um desenvolvimento substancial. Nessas condições, sem poder, em geral, pagar salários a empregados fixos, os fazendeiros os contratavam, caso necessário, por um determinado período ou por empreitada. A maior parte do trabalho, no entanto, era executada por parceiros agrícolas, rendeiros e — nos minifúndios — pela própria família. Vilma Almada sintetiza a conjuntura reinante com precisão:

"(...) Na verdade, constatamos terem sido poucos os fazendeiros que, no Espírito Santo, mesmo após 1888, possuíam a solvência financeira de que fala Conrad para arcar com as despesas do trabalho assalariado. Isto nos leva a crer que também nesta província a população pobre formada de ex-escravos, libertos e imigrantes europeus foi, na sua maioria, absorvida como mão-de-obra em relações de trabalho como arrendamento, meação e colonato que, conforme destaca José de Souza Martins, não podem ser consideradas relações de produção capitalistas, além do que, como nos adverte Peter Eisenberg, poucas mudanças estruturais trouxeram."¹⁰⁸

A vinda de colonos estrangeiros ajudou a substituir a mão-de-obra escrava. No século XX, a saga dos imigrantes seria um dos principais temas do romance regionalista capixaba. O próprio Graça Aranha buscaria inspiração para Canaã em fatos ocorridos na atual Santa Leopoldina.

¹⁰⁷ O capitão Francisco de Souza Monteiro constituiu uma dessas exceções. A fortuna que amealhou permitiu-lhe a fundação da mais sólida oligarquia local. Jerônimo, Bernardino e Fernando, seus filhos, ocuparam altos postos públicos: os dois primeiros presidiram o Estado e o último foi o segundo bispo da diocese do Espírito Santo. Seu neto, Carlos Lindenberg, elegeu-se governador em duas ocasiões (*ibid.*, p. 98-9). José Teixeira de Oliveira (*op. cit.*, p. 401), afirma que "em escala bem mais modesta do que na Província do Rio de Janeiro, o Espírito Santo teve a sua nobreza do café representada pelos Barões de Itapemirim, Aimorés, Timbal e Guandu."

¹⁰⁸ ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. *op. cit.*, p. 56.

Ainda que artificial, o seu "começo" introduziu, no inconsciente coletivo nacional, o modo de produção capitalista, que se empenhou em remover os obstáculos à sua implantação definitiva. Intransponíveis sob o regime monárquico, esses obstáculos o conduziram a uma aliança com o militarismo e com o positivismo que resultou na proclamação da república, feita, como de costume, à revelia do grosso da população. Ambos foram incorporados em sua estrutura porque, além de representarem uma continuidade do autoritarismo fundador do Estado, constituíam defesas obsessivas contra a psicose nacional latente que — afetada pelas crises oriundas da mudança de modo de produção — ameaçava emergir. Quebrar a lei com a desculpa de melhorá-la, uma típica compulsão obsessiva, mesmo tendo o seu preço, se repetiria doravante na vida do país — nas revoltas tenentistas, na rebelião de trinta, no Estado Novo, no golpe de 64 —, sempre acompanhada do militarismo e do positivismo¹⁰⁹. A bandeira nacional — com o lema comtiano "ordem e progresso" — foi o símbolo da aliança entre o autoritarismo, o positivismo, o militarismo e o capitalismo. Essa mistura resultou em um modo de produção sui generis que, no Brasil e no Espírito Santo, contrariando a doutrina liberal clássica, adquiriu um caráter intervencionista cujo objetivo seria a eliminação dos elementos não-capitalistas por-

¹⁰⁹Evidentemente, não pretendemos identificar manifestações ocorridas ao longo de tão grande espaço de tempo com a filosofia positivista pura, mas sim com os seus princípios básicos, que se enraizaram na cultura brasileira. Foram eles os responsáveis por uma prática que tentou controlar, prever e manipular os movimentos da sociedade nacional através de uma razão fundamentada no autoritarismo de métodos supostamente científicos. O lema comtiano "ordem e progresso", por exemplo, e surpreendentemente análogo à ideologia que, depois de 1964, situou a segurança nacional — leia-se "ordem" — como fator sine qua non do progresso.

Por outro lado, o comportamento dos nossos líderes, em toda a história da república, parece ter obedecido às compulsões obsessivas do país, que se acham presentes, não só no autoritarismo, mas também nas tentativas de instaurar ordem no caos criado por eles mesmos; na astenia posterior à luta do Estado contra suas tendências; no perfeccionismo das aparências, mera tentativa de exorcizar a imperfeição real; na conjugação de prodigalidade e de avareza no gasto do dinheiro público; na agressividade disfarçada por palavras que a justificam como necessária à paz; na produção de um número excessivo de leis desrespeitadas até pelos seus autores; na coexistência de um hipermoralismo de superfície com uma desonestidade íntima; no brilhantismo de planos e de leis inexecutáveis; nas condutas ritualizadas dos desfiles e das demonstrações patrióticas; na apologia do saber em um país de analfabetos e nos discursos barrocos e vazios a favor dos pobres que, na verdade, dissimulam a injustiça social e a opressão da classe dominada.

ventura existentes. A nomeação de Afonso Cláudio, intelectual positivista — autor da História da Literatura Espírito-Santense —, como primeiro governante republicano dos capixabas, comprova a importância da filosofia de Comte na conjuntura política da época.

Obcecados pela ânsia de progresso plantada pelo positivismo e pelo capitalismo no inconsciente coletivo, vários presidentes do Espírito Santo tentaram modernizar o Estado. Moniz Freire (1892-1896), entre outras medidas, contratou o engenheiro positivista Saturnino de Brito para realizar o projeto do "Novo Arrabalde" de Vitória, que, depois de executado, abrangeria uma área muito superior à então ocupada pela capital. Jerônimo Monteiro (1908-1912), com o objetivo de diminuir a dependência da monocultura do café, interveio na economia, fundou o Banco Hipotecário e Agrícola do Espírito Santo; incentivou o estabelecimento de fábricas; criou uma Companhia Industrial que deu início a diversas empresas; construiu hidrelétricas; abriu estradas; introduziu novas técnicas agropecuárias; reformou o ensino; implantou os serviços de água, luz e esgotos da capital e a remodelou em profundidade. Florentino Avidos (1924-1928) completou a obra de remodelação urbana de Vitória, modificando seus traços coloniais.

As várias tentativas de fomentar o capitalismo esbarraram em quedas dos preços do café, principal componente da receita, e na carência da infra-estrutura exigida por uma indústria. Havia falta de meios de transporte adequados, água encanada, energia, maquinário, mão-de-obra qualificada, capital e tecnologia. De resto, os produtos fabricados nem sempre encontravam mercado e, quando chegavam a ele, geralmente não apresentavam uma competitividade satisfatória¹¹⁰. Completando o quadro, os profissionais de nível universitário tinham de ser trazidos de fora, pois somente em 1930 se inaugurou a Faculdade de Direito, primeira instituição de ensino superior da região. Esse perfil sofreu alterações significativas apenas na década de quarenta, em virtude da segunda guerra mundial, mas as relações de produção e as forças produtivas capixabas, ao contrário do que se passava no Rio de Janeiro

¹¹⁰Veja BITTENCOURT, Gabriel. A Formação Econômica do Espírito Santo: O Roteiro da Industrialização. Rio de Janeiro, Catedra/Vitoria, Departamento Estadual de Cultura, 1987. p. 94-198.

e em São Paulo, continuaram predominantemente não-capitalistas até o golpe militar de 1964.

Mostramos que a economia baseada na monocultura do café gerou, no século XIX, capital cultural bastante para diminuir ligeiramente o descompasso entre a literatura capixaba e a nacional e até para colocar alguns de seus representantes — Antônio Cláudio Soído, Azambuja Susano e Amâncio Pereira — em relativa sintonia com o que se passava no Brasil. No entanto, com a continuidade da agroeconomia na primeira metade do século XX, em um momento em que São Paulo e o Rio de Janeiro se industrializavam, a defasagem existente desde o século XVIII voltou a aumentar, pois o capital cultural agrícola não tem o dinamismo, a resistência e a capacidade de auto-reprodução e de modernização artística do capital cultural industrial — um de seus produtos foi o movimento modernista, inspirado nas novas tendências estéticas européias — que, inserido na indústria cultural, adquire um compromisso com o atual, o vanguardista e o original¹¹¹.

Uma das conseqüências da modernização da capital foi o aparecimento, em 1929, da ala capixaba do movimento antropofágico. De acordo com Oswald de Andrade, o modernismo aconteceu em São Paulo por causa da mentalidade industrial do Estado:

"Se procurarmos a explicação do porquê o fenômeno modernista se processou em SP e não em qualquer outra parte do Brasil, veremos que ele foi uma conseqüência da nossa mentalidade industrial. SP era de há muito batido por todos os ventos da cultura. Não só a economia cafeeira promovia os recursos, mas a indústria com a sua ansiedade do novo, a sua estimulação do progresso, fazia com que a competição invadisse todos os campos de atividade."¹¹²

¹¹¹ originalidade foi um conceito criado pelo romantismo — reflexo estético do capitalismo — que ajudou a destruir o belo intemporal dos clássicos, instaurando, sub-repticiamente, a ideia de que o belo é o novo. A doutrina da originalidade está profundamente relacionada com a introdução da obra de arte na sociedade de consumo e na livre concorrência do mercado, em que a "última moda" é identificada como a melhor. A exigência romântica de novo, na medida em que coloca a arte no mercado, funda a necessidade de sua reprodução para situá-la ao alcance de todos os interessados e, assim, em última análise, é indiretamente responsável pela posterior perda da aura postulada por Benjamin.

¹¹² ANDRADE, Oswald de. Apud CAMPOS, Haroldo de. Trechos Escolhidos. Rio de Janeiro, Agir, 1967. p. 6.

O entrosamento dos artistas de ambos os Estados culminou na escolha de Vitória como sede do "Primeiro Congresso Mundial de Antropofagia". Porém, contrastando com a iconoclastia dos paulistas, sua filial estava a serviço da construção de uma ideologia da cultura capixaba e possuía acentuadas tendências positivistas. Os textos dos modernistas locais eram publicados no Diário da Manhã, órgão oficial do governo Aristeu de Aguiar (1928-1930), e entre os participantes estavam o próprio secretário de instrução, Atílio Vivacqua, e seu assessor Sezefredo Garcia de Rezende, um dos idealizadores da Academia Espírito-Santense de Letras. Entre as contribuições dos capixabas destaca-se o projeto da "Escola Ativa" que, elaborado por Atílio Vivacqua, criava um método educacional antropofágico adotado como programa nacional do movimento. Luiz Busatto, analisando o artigo "A Propósito do Ensino Antropofágico", estampado no Diário da Manhã de 26 de maio de 1929 e republicado na Revista de Antropofagia de 19 de junho, identifica a forte presença do positivismo:

"(...)O artigo ressuma as teorias positivistas que fundaram a República e ainda estão fortemente presentes no ocaso de uma de suas fases. O misticismo comtiano, esta religião da ciência positiva, vai ter um ponto de contacto com a doutrina da nova sabedoria pregada por H. Keyserling."¹¹³

A ideologia da cultura capixaba começou a se estruturar a partir do governo de Jerônimo Monteiro. Uma de suas faces foi a produção dos símbolos do Estado, retratos que, à semelhança das imagens católicas, tornando o abstrato concreto e o irreal, palpável, constituem uma prova sensorial da existência do Espírito Santo como unidade distinta do resto da nação. Segundo Miguel Kill, antes de sua posse, "A Marselhesa", hino nacional francês, era cantada nas cerimônias públicas. Em 1909, Jerônimo Monteiro instituiu o "selo" e as "armas" do Estado.¹¹⁴

¹¹³BUSATTO, Luiz. A Antropofagia Literária e a Escola Ativa. Cuca. Vitória, Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 2 (4): 36-9, jan./jun. 1986.

¹¹⁴KILL, Miguel A. op. cit., p. 17-9.

O passo seguinte foi o estabelecimento de Aparelhos Ideológicos que desempenharam a dupla tarefa de formação das elites e de criação das bases teóricas comprobatórias da especificidade e da peculiaridade da cultura capixaba. Esses objetivos nortearam a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, em 1916, e da Academia Espírito-Santense de Letras, em 1921. Em 1923 nasceu a revista Vida Capixaba que seria, por mais de três décadas, a principal divulgadora da cultura regional.

A segunda guerra mundial abalou as raízes agrícolas da sociedade brasileira e introduziu novas empresas no Espírito Santo, como a Companhia Vale do Rio Doce e a Companhia Ferro e Aço de Vitória, ambas surgidas em 1942. Ao mesmo tempo, a difusão da cultura, do modo de vida e dos valores norte-americanos pelo cinema e pelo rádio contribuiu para a modernização do Estado. Essa dinamização se estendeu às artes. Em 1946, apareceu a Academia Capixaba dos Novos, idealizada por jovens escritores — entre eles Christiano Dias Lopes Filho, futuro governador — que pretendiam diminuir o marasmo literário vitoriense. Em 1947 se realizou, de 5 a 20 de dezembro, a "Quinzena de Arte Capixaba", uma amostragem ampla que incluiu recitais poéticos, teatro, palestras, concursos, concertos e exposições.

Das muitas conseqüências da segunda guerra, destacamos duas: as mudanças causadas por ela possibilitaram o relativo sucesso das providências modernizadoras e industrializadoras tomadas, não só no Espírito Santo — especialmente no governo Jones dos Santos Neves — mas também em várias partes do país. Em segundo lugar, a luta na Europa formou — em sentido amplo — o pessoal necessário para o golpe de 1964, pois os militares brasileiros estabeleceram profundos laços ideológicos com os americanos. A partir de então, os E.U.A. treinaram — e cooptaram — os melhores componentes das forças armadas nacionais, preparando-os para liderar o movimento de 31 de março.

Jones dos Santos Neves (1951-1955) incentivou a indústria; aparelhou e remodelou o porto de Vitória; criou a Universidade do Espírito Santo; realizou aterros de vastas áreas, permitindo a expansão da ca-

pital; abriu estradas e, visando a minorar o déficit energético existente — sério obstáculo à industrialização —, iniciou a construção da hidrelétrica de Rio Bonito. Santos Neves também estimulou as artes, promovendo, em 1951, as comemorações do IV centenário de Vitória, que contaram com representações teatrais — dirigidas por Sadi Cabral, contratado pelo governo — conferência, exposições de livros, entrega de prêmios, recital poético, sessões solenes no Aparelho Ideológico Cultural e a edição da História do Estado do Espírito Santo, de José Teixeira de Oliveira. Era o mesmo velho esquema da "Quinzena de Arte Capixaba" de 1947.

Em 1959, conforme noticia Renato Pacheco, Jeová de Barros reiniciou as atividades da Academia Capixaba dos Novos¹¹⁵. O correto, porém, seria falarmos de "fundação", já que a primeira versão encerrou as suas atividades em 1949 e seus antigos membros — talvez por terem envelhecido — não participaram da segunda edição. Por outro lado, o reacionarismo da Academia — chegou a trazer o ex-líder integralista Plínio Salgado a Vitória — não agradou a alguns dos novos autores que, esquerdistas, criaram, em 1962, na Folha Capixaba, órgão do Partido Comunista Brasileiro, a "Coluna dos Novos", onde divulgavam seus trabalhos. Não contentes, escreveram, em 1963, um manifesto — nunca publicado — fundando o Clube do Olho, que, pretendendo renovar formalmente a literatura vitorriense, criticava o conservadorismo da Academia e a alienação reinante.

Apesar de todos os esforços desenvolvimentistas, as relações de produção e as forças produtivas capixabas continuavam predominantemente não-capitalistas. No nível nacional, contudo, tinha seguimento um processo de industrialização, cujo razoável sucesso — motivo de orgulho para os militares — se devia, parcialmente, às transforma-

¹¹⁵PACHECO, Renato José Costa. Espírito Santo. In: --- Anuário da Literatura Brasileira - 1960. Rio de Janeiro, 1960. p. 52. O artigo registra a movimentação literária capixaba de 1959: "(...) A Academia Capixaba dos Novos, que teve seus dias áureos há um decênio com Mario Gurgel, Waldir Ribeiro do Val, Rômulo Sales de Sg e outros, ganhou sangue novo com Jeová Barros, que levou a Vitória o discutido escritor e político Plínio Salgado. (...)"

ções ocorridas em consequência da segunda guerra mundial. Contrastando com a boa reputação das forças armadas, a classe política era tida como corrupta, populista, fisiológica, clientelista e incompetente e, na verdade, constituía um sério obstáculo à industrialização do país. Empenhado em remover os obstáculos à introdução do capitalismo no Brasil, o inconsciente do modo de produção, fragilizado pela crise oriunda das reformas defendidas por João Goulart, empregou sua tradicional defesa obsessiva para implantar o capitalismo e, ao mesmo tempo, afastar a psicose latente: a aliança entre o militarismo, o autoritarismo e os princípios positivistas. Depois de efetuado o golpe de 1964, essa aliança se caracterizou pelo intervencionismo estatal nos múltiplos setores da sociedade, pela submissão dos Aparelhos Ideológicos ao Aparelho Repressivo e pela realização de amplas reformas nas estruturas jurídico-política, ideológica e econômica.

Christiano Dias Lopes Filho (1967-1971), primeiro governador da ditadura, instituiu as bases que permitiram o estabelecimento do capitalismo no Espírito Santo. Instalou a infra-estrutura de que as fábricas careciam, criou diversos e eficazes mecanismos estatais de estímulo à industrialização e projetou o Centro Industrial de Vitória, que, na década de 70, recebeu um grande número de fábricas. Graças à infra-estrutura construída em seu governo, os "Grandes Projetos"¹¹⁶ puderam entrar em operação.

Com a implantação do capitalismo, surgiu — principalmente em Vitória — o capital cultural industrial, que permitiu a estruturação de um Aparelho Ideológico Cultural dinâmico e definitivo. Pela primeira vez em sua história, o movimento cultural capixaba se tornou ininterrupto, melhorando em qualidade e aumentando em número de manifestações. Nasceram, a partir de Dias Lopes, a Fundação Cultural do Espírito Santo, a Editora da Fundação Ceciliano Abel de Almeida/UFES, a Editora Ímã e as revistas Sim, Letra, Ímã e Cuca.

¹¹⁶Veja BITTENCOURT, Gabriel. op. cit., p. 209-15.

A primeira fase do golpe militar, que se caracterizou pelo alinhamento incondicional com os EUA, pelo fomento da entrada de capitais estrangeiros e pelo fortalecimento do capitalismo moderno, debilitou as raízes da brasilidade, agravando a neurose pré-psicótica que acometia a nação e tornando necessárias a interferência de defesas obsessivas autoritárias, como a extinção de partidos, o expurgo social, a cassação de mandatos, a demissão de professores, a expulsão de estudantes, a suspensão de direitos políticos, a extinção da UNE, a invasão de faculdades, a prisão de universitários, o fim de eleições diretas para presidente e governador, a intervenção nos sindicatos... Essas medidas, porém, não conseguiram evitar a contestação política que, em 1968, se generalizou por toda a sociedade, unindo estudantes, intelectuais, padres, políticos, operários e culminando na passeata dos cem mil. Em consequência, as defesas obsessivas, nessa segunda fase, tiveram de ser elevadas além do seu nível máximo, por meio da transformação da doutrina de segurança nacional no poder que dirigia o poder, do aumento da dívida externa, do AI-5, do decreto-lei 477, do combate à luta armada, da tortura, da transformação do Estado no maior agente econômico do país, da intensificação da censura e de uma propaganda ufanista maciça do "milagre" brasileiro que utilizou a televisão e a indústria cultural como instrumentos de alienação e de manipulação popular. Ao mesmo tempo, os princípios positivistas deixaram de atuar veladamente e guiaram a reforma profissionalizante do ensino de nível médio e o desestímulo aos cursos universitários pertencentes à área de ciências humanas.

O ufanismo tornou moda o patriotismo e os símbolos nacionais, mas não conseguiu trazer de volta a brasilidade, um dos poucos elementos saudáveis herdados da formação do país e que, a essa altura, agonizava ante a invasão das multinacionais e a internacionalização do Brasil. Por fim, durante o governo Figueiredo, a esquizofrenia, até então contida a duras penas, se instalou em virtude da explosão da dívida externa e da inflação, da alta conta do "milagre" e da morte da brasilidade. Sem a brasilidade, o país perdeu sua cultura popular autêntica e sua identidade, cronificando-se. Com isso, as defesas obsessivas da velha aliança militarismo-autoritarismo-positivismo, já desgastadas

pelo grande esforço a que vinham sendo submetidas, foram profundamente afetadas, e não conseguiram deter a invasão do consciente nacional pelo inconsciente. Nesse instante, a definição de psicose esquizofrênica de Henri Ey passou a ser uma descrição do quadro brasileiro:

"(...)E, geralmente, compreende-se por psicose esquizofrênica um conjunto de distúrbios em que predominam a discordância, a incoerência ideoverbal, a ambivalência, o autismo, as idéias delirantes, as alucinações mal sistematizadas e profundas perturbações afetivas no sentido do desinteresse e da estranheza dos sentimentos — distúrbios que tendem a evoluir para um déficit e uma dissociação da personalidade."¹¹⁷

¹¹⁷EY, Henri et alii. op. cit., p. 536.

SÁTIRA
Luiz Busatto

Os gregos delimitaram com clareza o gênero literário a que chamavam "comédia". Visava ao riso, por oposição à tragédia. Mas é preciso lembrar que sempre houve escritos que levavam ao riso sem ser comédia, pois o gênero admite muitas variantes através dos séculos. Daí se falar em literatura humorística, satírica, irônica etc.

Henri Bergson no livro O riso, ensaio sobre a significação do cômico, não insiste sobre o que ele significa, dando-lhe uma definição, mas procura analisar os processos que o provocam. Costuma-se definir o humor, o cômico pela ruptura súbita do plano sério, do plano convencional. Há uma quebra da expectativa consagrada. A sátira se enquadra dentro desta expectativa com uma intenção agressiva e contundente de ataque ao universo culturalmente estabelecido. É propriamente impossível haver sátira sem haver ironia, um processo muito mais sutil em que se diz e se enuncia o contrário do que se pensa mas dando-o a entender. O que melhor esclarece as tentativas de definição e as variedades deste gênero são, exatamente, os textos.

A Doutrina do engrossamento de Graciano Neves (1868-1922) é um dos admiráveis exemplos de sátira e ironia na literatura do Espírito Santo. O livro teve três edições, a primeira em 1901, em que Graciano se esconde sob o pseudônimo de Dr. M. Guedes Júnior. A segunda edição de 1935 traz um prefácio de Madeira de Freitas, também conhecido como Mendes Fradique, bastante elucidativo. Em 1978 a Artenova promoveu uma terceira edição. Doutrina do engrossamento é um livro que satiriza o comportamento político e define engrossamento como:

uma delicada e inteligente espécie de adulação,
uma fina combinação de servilismo, hipocrisia e

egoísmo, alguma coisa enfim de eminentemente salutar para os interesses do indivíduo e da sociedade.

Afonso Claudio na sua História da literatura espírito-santense, em dezesseis páginas dedicadas a Graciano Neves, o argúe da veracidade das suas afirmações por não serem científicas nem justas, simplesmente quando não se trata disto. Embora diga que o autor seja "desapiedadamente irônico" não entendeu a ironia e não aceitou a carapuça, como se ela lhe fosse própria, por pertencer ao Congresso Federal. Censurar um texto irônico é incorrer na "gozação" proposta.

As "tiradas" de Graciano e algumas alusões, submetidas à reflexão, revelam a finura de sua sensibilidade e do hábil uso da figura de pensamento que diz o contrário do que se pensa. A sátira, em si, tem as limitações de ser circunstancial e de perder a atualidade. O capítulo "A técnica do engrossamento" é excessivamente alusivo e requer cultura e informação geral e isto o torna, de certa maneira, hermético. Talvez seja por isto que Madeira de Freitas diz no prefácio:

no Brasil, apesar de a terra ser "chã e mui formosa", a ponto de "querendo-a aproveitar dar-se-á nela tudo", duas coisas há que nela não lograram medrar com bom viço; ao contrário têm-se dado muito mal: o pronome e o humorismo.

O aspecto irônico-satírico é que mantém esta obra viva. Quem a souber ler sem a ótica deformada de Afonso Claudio tem a satisfação de estar diante de um texto raro, no gênero, dentro da literatura brasileira.

O nome mais importante, porém, da sátira e da literatura cômica que já apareceu no Espírito Santo é o do médico José Madeira de Freitas, nascido em Alfredo Chaves e que se notabilizou com o pseudônimo de Mendes Fradique (1893-1944) Seu primeiro livro de 1916 intitulado Hypocratéa é composto de 76 sonetos humorísticos nos quais caricatura os companheiros formandos em medicina. O autor perfila a escola de Bastos Tigre e de Emílio de Menezes, tendo prefaciado, em 1924, Mortalhas (os deuses em ceroulas) deste último.

O que projetou o autor nos meios artísticos foi sua participação como caricaturista na revista D. Quixote fundada em 16 de maio de 1917 e cujo diretor era D. Xiquote, pseudônimo de Bastos Tigre. No primeiro número havia dois tipos de colaborador, o da PENA e o do LÁPIS. Os colaboradores do LÁPIS eram Julião, Raul, Calixto, Storni, Helios, Madeira de Freitas, George Bluow, Bambino e Nery. Mendes Fradique ganhou notoriedade com uma caricatura de Rui Barbosa que saiu na capa da revista de número 90 de 29 de janeiro de 1919. No número seguinte, 91, de 5 de fevereiro, iniciou, em página inteira ilustrada, a História do Brasil pelo Método Confuso, demonstrando com isto que era bom também na PENA. Este primeiro capítulo vai constituir o segundo capítulo da edição da História do Brasil pelo Método Confuso em livro. O primeiro capítulo já é uma brincadeira, pois só tem o título e uma nota de rodapé na página em branco. O problema das edições deste livro é um problema não resolvido, tal a confusão e troca ou alterações de uma para outra. O livro visa a desmistificar também a obra publicada e é uma grande sátira ao aparato editorial e a tudo que lhe diz respeito. Mendes Fradique gasta cinquenta páginas com as apresentações de praxe. São quatorze itens introdutórios imbuídos do mais fino humor de época. Para ler a História o leitor terá que

passar por 1. Obras de Mendes Fradique; 2. 3ª Edição; 3. A Imprensa e a primeira edição de História do Brasil pelo Método Confuso - de Mendes Fradique; 4. Carta do Sr. Conselheiro Rui Barbosa; 5. Exmo Sr. Mendes Fradique, texto de Antonio Torres; 6. Abrideira, de Bastos Tigre; 7. Errata; 8. Protesto; 9. Ao Dr. Laudelino Freire; 10. Triolet, de Xavier Pinheiro; 11. Este livrinho, de Rocha Pombo; 12. Habeas-corpus; 13. Prefácio, do próprio Mendes Fradique; 14. Epígrafe, de Shopernhauer. As quatorze partes valem por si, independentes do corpus do livro. Mendes Fradique vivia rodeado de humoristas e conhecia a fundo o mundinho carioca da Primeira República, o qual satiriza impiedosamente. É preciso situar-se, pois, no Rio de Janeiro da Belle époque a fim de que se tenha uma visão de conjunto das circunstâncias e dos personagens que figuram no livro.

Quanto à explicação do Método Confuso, são várias. Raimundo de Menezes no livro Bastos Tigre e "La Belle Époque" diz que Mendes Fradique "introduz em nosso meio um gênero de humorismo excêntrico baseado no método confuso, expressão colhida numa crônica de João do Rio sobre os métodos administrativos dos nossos governos". A explicação dada à origem do método confuso pelo próprio autor é diferente. Em "Duas Palavras" introdutórias a um outro livro escrito pelo mesmo método diz:

Tendo eu encetado, a título de ensaio, há alguns anos, a publicação de uma série de livros didáticos, obedecendo ao método do Sr. Tomás Delfino, qual é o Método Confuso, verifiquei, sem menor dificuldade, a perfeita adaptação desse método, à mentalidade da minha gente e da minha raça.

Ora, Tomás Delfino era filho do poeta catarinense Luís Delfino, e publicou, em diversos volumes, a obra dispersa do pai. O que se verifica na obra póstuma de Luís Delfino é, exatamente, a falta de ordem e de critério com que foi publicada,

impossibilitando acompanhar a sua evolução estética.

Herman Lima na História da Caricatura no Brasil diz sobre este livro de Mendes Fradique:

Caracterizada pelos mais aberrantes anacronismos, essa versão estapafúrdia dos principais acontecimentos de nossa História, muito de acordo com os padrões do humorismo da época, não teria, hoje, naturalmente, maior interesse, dada a evolução do gênero. Era, entretanto, naquele tempo, uma ingênua antecipação do nonsense de tantos humoristas americanos de alta nomeada hoje em dia, não sendo rara uma certa graça natural na absurda fusão de fatos longamente pretéritos, com a atualidade.

Na revista D. Quixote, o último capítulo^{xxxiii} da História do Brasil pelo Método Confuso aparece no número 137 de 24 de dezembro de 1919, mas nas edições posteriores, em livro, chega-se ao capítulo XLI, com um acréscimo de "Figuras do 1º Reinado."

O humor nunca foi um gênero menor, desde que nas mãos de um escritor de talento. Em 1928 aparece a Gramática Portuguesa pelo Método Confuso, seguindo o mesmo esquema de humor da História e tendo como objeto da sátira as inúmeras gramáticas que pululam em nossa língua. Para Mendes Fradique Língua "é um músculo chato, muito móvel, com um ponta presa e outra solta. E aí é que está precisamente o grande mal da humanidade; se a língua tivesse as duas pontas presas, quantos males se não evitariam, no gênero humano?"

O humor depende muito das circunstâncias, mas a gramática portuguesa não se alterou tanto assim, desde 1928, para que o humor de Mendes Fradique ^{tenesse} perdido o sabor de atualidade. Qualquer um pode perceber o nonsense de suas brincadeiras verbais, independente do espírito irracionalista que grassava naquela época e animava o movimento antropofágico de Macunaíma. O texto da Gramática é relativamente curto e de fácil leitura. O que se apresenta de estranho, no

volume, é o Apêndice Antológico, mais volumoso e mais confuso do que a própria Gramática, que nada mais é do que o livro Feira Livre... (Antologia nacional pelo Método Confuso) publicado em 1923. De particular, este livro tem um prefácio no final e um índice de 49 autores, obedecendo a uma classificação de ordem alfabética até o quadragésimo autor. Cada autor é acompanhado de uma fotografia, sendo que a mesma não corresponde ao nome. Bastos Tigre, por exemplo, é representado pelo desenho de um tigre; Coelho Neto vem com a fotografia de Charles Chaplin; Jackson de Figueiredo vem com a fotografia de Procópio Ferreira; Monteiro Lobato é um índio de enorme pena atravessada ao nariz; Osório Duque Estrada tem, no espaço reservado à fotografia, os seguintes dizeres: O"CLICHÉ"
NAO QUIZ
ENTRAR...

Na primeira edição da Gramática Portuguesa pelo Método Confuso, Mendes Fradique conservou apenas 39 autores do Feira Livre..., eliminou 10 e acrescentou mais 27 novos, na sua maioria portugueses. Além disso introduziu notas de rodapé aos autores elencados com receitas culinárias, observações curiosas de como tirar manchas, de conservar plantas etc., sem nenhum nexó com o texto. Dentre os autores conservados do livro original de Feira Livre... fez alterações nos textos que os apresenta, alimentando ao máximo o Método Confuso.

Mendes Fradique publicou ainda Contos do Vigário 1922; A Lógica do Absurdo 1925; O Bom -senso da Loucura 1927; Idéias em Zig-Zag 1928; são livros compostos de crônicas e pequenos ensaios onde, muitas vezes, aparecem idéias reacionárias quanto a costumes e, sobretudo, quanto às vanguardas artísticas. Mendes Fradique não compreendeu o modernismo brasileiro. Escreveu ainda um romance, Doutor Voronoff 1926, no qual satiriza a idéia do referido doutor então em moda que prometia o rejuvenescimento por meio de transplante de glândulas.

Outras obras como Pantomimas 1930 e No século da cocaína 1937 são mencionadas mas nunca encontradas. Madeira de Freitas se filiou ao Partido Integralista de Plínio Salgado, tendo sofrido a repressão getulista. Faleceu em 1944.

Compondo um vasto painel humorístico, contendo a época em que se instaurou o modernismo no Brasil, este autor não foi suficientemente estudado nem divulgado. Quando isto for feito, não há dúvida, será reforçada a idéia de o Espírito Santo ter contribuído na literatura brasileira com um dos seus maiores e mais expressivos expoentes da comicidade.

CANTÁRIDAS, publicado em 1985, é um livro de poemas fesceninos escritos a três mãos na década de 30. Enfeixa 144 poemas com notas e comentários que^{os} contextualizam, redimindo-os da gratuidade pornofônica. É uma obra feita ao acaso, sem intenção oficial de publicação. Sua produção espontânea tinha objetivos satíricos entre três amigos, sendo Jaime e Guilherme Santos Neves, irmãos e Paulo Vellozo, ~~cunha~~^{amigo} de ambos. Os poemas jazeram no limbo do esquecimento por meio século. O acaso e as circunstâncias históricas pós-revolução militar de 1964 propiciaram o desrecalcamento, uma emersão de uma possível censura pública. Houve mesmo um consentimento lúcido de um dos seus autores para a publicação quando tudo parecia póstumo e à revelia. Oscar Gama Filho, em prefácio ou apresentação de 31 páginas, abre um contexto nacional e local para a melhor compreensão e situação destes poemas fesceninos. Valoriza o texto sob a ótica social e psicológica.

Cantáridas satiriza, do ponto de vista conteudístico, o tema sobretudo homossexual, uma vez que o texto tem como objeto de troça o outro usado ou usável sexualmente. Satiriza, ao mesmo tempo, a forma fixa do soneto, o nobre soneto dos parnasianos, e outras formas consagradas. São dezenas de paródias facilmente identificáveis para quem conhece literatura, levadas a efeito pela coragem escondida dos seus autores. Repõe-se a questão da intertextualidade e do problema cíclico da sátira menipéia sempre recorrente em momentos de crise e de questionamento de valores, como acontece nos dias atuais. Mas se o gênero fescenino tem como objetivo a sátira e se constitui uma pura diversão, uma espécie de carnavalização verbal, por outro lado ele tem o mérito de manter atualizado o léxico, rico e variado ao redor de uma mesma área semântica. O leitor penetra na área reprimida do mundo burlesco, obscuro e licencioso. O feito destes três capixabas erige-se como um momento ímpar do gênero dentro do modernismo brasileiro, numa face tardiamente revelada.

O MODERNISMO ANTROPOFÁGICO
Luiz Busatto

S U M Á R I O

1. A SEMANA DE ARTE MODERNA EM VITÓRIA

- 1. 1 O Futurismo no Espírito Santo
- 1. 2 Leituras de vanguarda
- 1. 3 Crítica literária na Vida Capichaba

2. O MOVIMENTO ANTROPOFÁGICO NO ESPÍRITO SANTO

- 2. 1 Como chegou a Vitória o movimento antropofágico?
- 2. 2 Atílio Vivacqua e a Escola Ativa
- 2. 3 O Diário da Manhã
- 2. 4 De Arte e De Literatura
- 2. 5 A antropofagia e a filosofia da vida
 - 2. 5. 1 Keyserling e antropofagia paulista
 - 2. 5. 2 O irracionalismo antropofágico
 - 2. 5. 3 Keyserling segundo Garcia de Rezende
- 2. 6 O congresso de antropofagia em Vitória
- 2. 7 Causas do fracasso do movimento e do congresso

3. CONCLUSÃO

4. BIBLIOGRAFIA

1. A SEMANA DE ARTE MODERNA EM VITÓRIA

A Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo, no ano de 1922, não repercutiu em Vitória do Espírito Santo. A vida, na cidade, se arrastava sem modernistas e modernismos. A sedimentação do gosto estético, a entropia da sensibilidade, atuavam como força de coesão que mantinha unida a classe burguesa dominante, a única que prestigiava os valores estabelecidos, que rabiscava poemas, fazia sonetos e, raramente, publicava livros.

Naqueles dias de fevereiro de 1922, sabe-se apenas que Ribeiro Couto estava em Vitória. Se Ribeiro Couto participou da Semana de Arte Moderna por meio de poemas declamados por Ronald de Carvalho, aqui, em Vitória, sua presença física recebia uma saudação no Diário da Manhã de 19 de fevereiro, redigida nos clichês que a Semana iria, acirradamente, combater:

Honrou-nos ontem com a sua amável e cativante visita o inspirado poeta Dr. Ribeiro Couto.

Apesar de moço, seu nome é já acatado e feito nas letras nacionais, mercê de seu talento privilegiado e fulgurante.

Os seus versos têm o encanto e a magia dos poemas olímpicos, versados todos na grandeza suprema de suas imagens maravilhosas e sacramentos (sic) pelo amor da arte e da estética.

Os seus livros de um valor inestimável, a crítica mais severa os tem recebido com os louros, que mui justamente merecem.

Jardim das Confidências - uma de suas buriladas produções, é um livro digno de figurar entre os mais acatados das páginas parnasianas no Brasil. Recebendo-o na nossa tenda de trabalho, temos a nímia satisfação de homenageá-lo, fazendo coro com a opinião sensata e judiciosa do país, que o respeita como um dos astros de nossa poesia.

O Diário da Manhã cumprimenta-o cordialmente, de seando que permaneça muitos dias entre nós, para que beba, nessas paragens encantadoras, a ins

piração admirável que funde nos seus versos sublimes.

A respeito desta notícia deve-se dizer que, Jardim das Confidências, obra de estreia de Robeiro Couto, publicada em 1921, não é parnasiana, como informa o redator. Ronald de Carvalho, por exemplo, viu em Jardim das Confidências uma derivação do Simbolismo que chamou de Penumbriismo. Em segundo lugar, a notícia é redigida num estilo contrário à pregação futurista do Manifesto Técnico de Marinetti, publicado em 1909, que dizia: "Deve-se abolir o adjetivo para que o substantivo desnudo conserve a sua cor essencial." A breve notícia da visita de Ribeiro Couto está apoiada, no todo, em mais de vinte adjetivos. O adjetivo, que devia ser a qualidade percebida de uma substância, ao invés, é usado como um ornamento. São pendurados ao substantivo como um par de brincos, numa estrutura binária manifestada em outras construções frásicas. O nome é acatado e feito. O talento é privilegiado e fulgurante. A opinião é sensata e judiciosa. Era exatamente este artifício de encher o texto como um repolho que as vanguardas vinham combater. A manipulação inábil do adjetivo e em geral, das palavras, das frases, é vício comum de artistas ruins. Modernamente, o grande fenomenólogo do adjetivo, como a si mesmo se chama, Gaston Bachelard diz que o adjetivo deve estar mais para o verbo do que para o substantivo.

O que se escrevia em Vitória, então, não era alentador. Garcia de Rezende publicara em 1921, Fogo de Palha e, no Rio de Janeiro, Alceu de Amoroso Lima assim resenhava a obra, de forma depreciativa:

Neste pequeno volume a que deu título de Fogo de Palha, inseriu o Sr. Garcia de Rezende os seus primeiros contos. Por que não os deixou esquecidos nas folhas efêmeras em que foram publicados? Mais tarde, se realizar as clássicas promessas,

ainda inexistentes neste eloquente volume, poderão seus desafetos ou rivais transcrever do seu primeiro livro trechos comprometedores como este: "Lúcia! Lúcia! O meu amor é uma desorganização... Vem! Só o amor nos abre as portas da natureza, revelando-nos o segredo da criação! Preciso da camisa-de-força de teus beijos famintos no manicômio de tua boca!"¹

Garcia de Rezende não gostou e não fez coro com a "opinião sensata e judiciosa" do crítico, nem demonstrou a subserviência do artigo laudatório a Ribeiro Couto. Oito anos mais tarde, em 1929, já em plena efervescência antropofágica, Garcia de Rezende iria redigir uma Nota Ligeira no Diário da Manhã, dedicada especialmente a Tristão de Ataíde. Aí ele ~~revidou~~ revidou ao seu impiedoso crítico: Não satisfeito, remeteu a mesma Nota Ligeira, agora com o título de "tatuagem" para a Revista de Antropofagia que a publicou no dia 8 de maio:

O sr. Tristão de Ataíde tem uma qualidade alarmante: não tem convicções. Não se bate por coisa alguma com sinceridade. Ninguém sabe o que ele pretende. Creio que nem ele próprio, porque muda de idéias com uma desconcertante naturalidade. Sem explicações, sem prestar a menor atenção às suas idéias anteriores, ele transita, superior, tranquilo, por todo o mundo do pensamento antigo e moderno. Em filosofia, por exemplo, ele tem percorrido concordando ou fingindo discordar de quase todas as doutrinas. Em literatura, ora está com uma corrente, ora com outra. No movimento modernista, então, pela variedade de pontos de vista e de atitudes, o sr. Tristão de Ataíde tem representado um estranho papel. Iniciou-se como crítico atacando ferozmente todo o mundo. Era o pavor dos estreates e dos porta-vozes de gloriolas literárias. Os seus roda-pés esquentaram o ambiente literário brasileiro. Com a campanha modernista, Tristão de Ataíde portou-se como crítico das novas gerações. Passou a ser, no Brasil, o intérprete da crítica moderna. Ficou camarada dos moços. Elogiou, em grosso, todo o produto da rebeldia brasileira em matéria de independência mental. Esteve ao lado de todos os servidores da ânsia bárbara do Brasil pela

revelação integral do seu gênio: tanto dos interessantes quanto dos mediócrs. Meteu todos os inovadores no mesmo plano e os louvou incondicionalmente. Concordou com Plínio Salgado, com Graça Aranha e Ronald de Carvalho, com os oriadores da antropofagia, além de todos os outros generais da revolução mental brasileira, que só foram generais porque nessa hora tumultuosa não se tem tempo de escolher soldado... transformou-se num elogiador comovido e ingênuo. Passado o período agudo da campanha, o sr. Tristão de Ataíde começou a se preocupar com os modernistas estrangeiros. Todos os domingos tomava conta de um no seu roda-pé. Veio com Appolinaire, com Proust, com Gide, com Cocteau, com todos, enfim, inteligentes ou não. E deu-se, então, o inevitável: o sr. Tristão de Ataíde se fixou no passadismo.²

Antes, porém, de se chegar a 1928, ano em que o governo de Aristeu Borges de Aguiar vai propiciar condições favoráveis à eclosão do movimento antropofágico e dos seus ideais no Espírito Santo, convém insistir na cristalização do gosto literário e estético então dominante. Com o título de "As doenças da arte", Mendes Fradique, no seu livro de 1922, Cantos do Vigário, se mostra um conservador inamovível na apreciação estético-literária. Aí ele destaca o penumbrismo de Ribeiro Couto e de Ronald de Carvalho como fase intermediária entre o gosto da classe dominante e as loucuras inaceitáveis do Futurismo. Como em todos os tempos, Mendes Fradique é o sintoma da classe aristocrática do "gosto", esclerosado no sentir e no ver o fato estético, reagindo contra as formas emergentes e novas da arte. Para ele, "o penumbrismo, o cubismo, o manchismo, o futurismo, o impressionismo, como o nefelibatismo, o gongorismo, o incríbilismo, são crises histéricas do senso artístico, aberrações pituitárias do bom gosto; são doenças da Arte, que graças a Deus, na vida de cada geração, não conseguem ir além de sua menopausa", para usar suas próprias palavras. Mendes Fradique é ex-

celente humorista, um dos maiores que o Brasil já teve, mas o reducionismo de sua crítica estética é insustentável e dos mais infelizes. À época deste seu livro, ele vivia no Rio de Janeiro e escrevia em "O Jornal", mais adepto do grupo que admirava Coelho Neto e Eça de Queirós, que do grupo de Graça Aranha. Falando de Ronald diz que, "felizmente, a doença da arte não conseguiu de todo viciar a alma do artista; e nos Epigramas de Ronald, reponta, de quando em vez, a saúde estética do autor. O mesmo acontece com Ribeiro Couto e Menotti del Picchia e outras figuras cujo valor personalizam uma escola. Tempo virá, espero, em que toda essa ninhada de artistas de puro sangue achará no aconchego das artes clássicas um retiro repousante, onde coserão em paz a tremenda ressaca de penumbrismo." ³

Na mesma época, Alceu de Amoroso Lima também fazia restrições menos severas ao penumbrismo do livro Jardim das Confidências de Ribeiro Couto. Dizia desta escola de "brumistas": "surgindo como justa reação ao gongorismo e ao parnasianismo, caíram por vezes na hipertrofia da facilidade e no artifício das emoções." ⁴ Quanto aos Epigramas de Ronald, o mesmo crítico não nega elogios, pois o livro "contém qualquer coisa de realmente novo, entre nós, que há de chocar profundamente todos aqueles, e são quase todos, para quem a poesia não prescinde de uma sólida e, até certo ponto, invariável arquitetura do verso." ⁵

O ano de 1927 havia sido pobre de criação literária. Maria Antonieta Tatagiba publicara Frauta Agreste, um livro de poemas repassados de amor à natureza, em versos tradicionais. Mendes Fradique lhe dedica o último capítulo do seu livro Idéias em Zig-Zag, de 1928.

Quando o Penedo falava... ^{livro} de Elpídio Pimentel, também de 1927, é a história do Espírito Santo contada do pre-

sente para o passado, por um avô ao seu neto. Se o motivo histórico interessa, o estilo chega a ser execrável pela impropriedade da fala coloquial e pela ideologia da subserviência, confundida com o respeito à autoridade, que o pervade. Quando menciona o governador do Estado, na época, assim se expressa o avô:

Há, perto de nós, um homem poderoso, cumpridor das leis, decisivo nas suas ordens e bondoso para com os seus servidores. É ele quem administra o nosso Estado (...) - Sim, aquele homem opulento tem ainda soldados, que mantêm a ordem, médicos que curam os enfermos; cobradores que exigem de todos nós as quantias necessárias, para que ele nos proteja, ampare e adiante o nosso progresso."

Mas quem resenha bem estes anos anteriores a 1928 é João Calazans. A revista Vida Capixaba, o órgão mais atuante no espaço literário da década de 20, iniciava a segunda quinzena de janeiro com um ~~seu~~ artigo contundente:

Neste ano de 1928 vamos ter grandes surpresas... As letras capixabas pretendem tomar novos rumos. E isto acontecerá logo que Garcia de Rezende dê circulação à Chanaan, revista moderna, de grande utilidade. É sabido que só assim, com o seu aparecimento, haverá também o aparecimento das nossas letras. Tantas penas novas, cheias de vigor e clareza, à espera de colocação! Assim o nosso movimento modernista tomará um impulso considerável, principalmente, como quer o seu redator, se só der ingresso em suas páginas às penas moças, mergulhadas no entusiasmo do brasileiro moderno. Além desta revista, Garcia dará publicidade a mais um livro. É a Sabedoria do Mal, uma obra traçada, admiravelmente, com idéias novas, cheias de inteligência e milionária de imaginação. Indispensável será todo e qualquer elogio ao seu autor. Pois Garcia é um nome feito. O que eu quero é, apenas, dizer o valor de seu livro em nossas letras. Ele vai registrar o início do modernismo entre nós. Será o primeiro livro de primitivismo lançado no Espírito Santo. Eis tudo. Não que Garcia fosse o primeiro a deitar, entre nós, as idéias de renovação. Muito antes dele,

Vieira da Cunha, ao lado de Graça Aranha, tinha, em síntese, todo o movimento dinâmico do Brasil atual. Mas Vieira da Cunha pouco escreve. Prefere falar, porque julga que falando vale muito mais que escrevendo. E, quando escreve, assombra. Vem uma página de arte, impressionante, a rigor. É que ele é uma das mais vivas orientações do momento literário. Pena é que esse homem esteja metido lá pelo sul do Estado a redigir um jornal.

Climério da Fonseca, o melhor dos nossos poetas, continuará, certamente, assim: escreve três poemas, publica um e guarda dois. Que mania! Ainda se estiver com alguma obra em preparação... Já é contra isso o Alberto Carrilho, que entende que escrever é para publicar. Deixou as "cartas de um exilado" pelas "trovas sem metro", melhor, pelas estrofes bárbaras, comparáveis às do poeta de Albion... Carrilho é uma figura interessante. Alegre, é raro vê-lo triste, de óculos, pensa em passar aqui por Menotti del Picchia...

Nilo Bruzzi, neste ano, será o mesmo poeta. Publicará um outro livro, igual aos que já tem publicado, um livro fora de moda. Em decassílabos e alexandrinos de casaca e chaminé... Poeta galante, só faz poesia de amor... É, por isso, admirável. Harmonioso e incomparável. Outro poeta da mesma escola é João Bastos, que, também, anuncia um livro para este ano - versos do amor e da saudade.

Elpídio Pimentel continuará escrevendo crônicas. Não pedirá disponibilidade de pé-de-boi da Vida Capichaba. O seu livro, a aparecer por estes dias, constituirá um sucesso... infantil. Não há criança que não espere ansiosamente, Quando o Penedo falava...

Thiers Velloso continuará sabendo de cor os Lusíadas do mestre Luiz de Camões, que, para o vibrante jornalista, é de "saudosa memória"... Publicará, como sempre, os seus artigos, à Frei Luiz de Souza, desafiando Deus e o diabo.

Como vemos será um ano de surpresas para as nossas letras. Uns quatro livros na certa. E mais que isso: parece que muita gente vai parar de escrever... Já não é fora de tempo! No mais, ainda neste ano, todo o mundo que já escrevia alguma coisa, continuará a escrever a mesma coisa.

Este artigo de João Calazans parece aceso de tons proféticos. Na resenha de 1927 ele prognosticou a aspiração capixaba de renovação, já tardia. O ano de 1928 seria o ano de adesão de um grupo capixaba ao movimento antropofágico nacional, capitaneado por Oswald de Andrade, Raul Bopp e outros.

A revista Vida Capixaba, lançada em 1923, foi a mais expressiva publicação da década, no Estado. No entanto, do ponto de vista literário não apresentou nenhuma inovação estética, antes, insistia na publicação de sonetos e no elogio aos sonetistas. Era o espelho de um gosto parnasiano decadente. A revista não participou, efetivamente, da reformulação dos ideais da Semana de Arte Moderna acontecida em São Paulo no ano de 1922.

1. 1 O futurismo no Espírito Santo

Os movimentos culturais europeus chegavam sempre com atraso de muitos anos ao Brasil. Assim, o Futurismo, lançado ^{em Paris} na Itália em 1909, obteve maior significação, no Brasil, com a promoção da Semana de Arte Moderna de 1922. O termo "futurismo" envolvia uma significação pejorativa. Quem tinha sensibilidade para suspeitar algum valor nas propostas marinettianas, expressava-se de forma lacônica ou com elogios de evasiva. Quando a revista Vida Capixaba, em 1928, iniciou uma seção intitulada "quem pergunta quer saber...", apresentava um questionário a pessoas de destaque da sociedade capixaba e formulava a pergunta de número dez nos seguintes termos: Que pensa do futurismo? como o define? A senhorita Ilza Des-saune, por exemplo, respondeu: - É uma formidável blague de Marinetti, que talvez queira medir a extensão da parvoíce e da tolerância humanas. O pior é que ele conseguiu aturdir muita gente de mérito, que envervou o travesti guizalhante da loucura. Felizmente, o talento, como os tics pessoais, é indistfarçável, e a gente acaba sempre reconhecendo os mascarados eventuais na multidão dos bufões de nascimento. ⁶

O Futurismo é um movimento estético iniciado por Felipe Tomás Marinetti através do Manifesto do Futurismo publicado no Le Figaro de Paris aos 20 de fevereiro de 1909. Este movimento teve mais manifestos do que qualquer outra coisa. Dentre eles, o mais importante é o Manifesto Técnico da Literatura Futurista, de 1912. Aí Marinetti expõe sua teoria que, basicamente, não se modificará nos outros manifestos. O culto da modernidade, a atração da velocidade, a audácia e agressão juntas com a apologia da guerra, a primazia da intuição e do inconsciente sobre a inteligência, a valorização, enfim, de uma certa filosofia da vida em tons nietzscheanos, vão se

constituir nos ingredientes necessários para a produção estética. O Futurismo impregnou todas as artes do início do século e, mesmo com todas as reservas críticas que lhe são feitas, não pôde, em caso algum, ser ignorado. Guillermo de Torre lhe dedica o primeiro grande capítulo na sua História das Literaturas de Vanguarda. Afrânio Coutinho elenca no programa do Futurismo:

Destruir a sintaxe. Usar o verbo no infinito. Abolir o adjetivo e advérbio. Acompanhar cada substantivo de outro, com função adjetiva. Suprimir a pontuação. Buscar gradações de analogias cada vez mais simples. Nas imagens não há categorias. Obter a máxima desordem. Abolir todo elemento psicológico.

O Futurismo, como afirma Afrânio Coutinho, influi bastante no curso da literatura européia e mundial, marcando todos os movimentos de vanguarda... No Brasil, o emprego da palavra no começo do movimento, em artigo de Oswald de Andrade e Menotti del Picchia, foi despertando oposição entre os chefes, que não aceitavam vê-lo confundido com o encabeçado por Marinetti. Passou então o epíteto a ser usado somente pelos adversários, com intuito ridicularizante, fixando-se definitivamente em "Modernismo" a designação do movimento brasileiro." 7

Mendes Fradique, médico, jornalista e humorista notável, atuando na imprensa carioca, não se omitiu de dar uma contundente tacapada no vanguardista italiano, em seu livro Idéias em Zig-Zag, 1928. Entre sábios e medíocres, coloca os futuristas numa terceira classe de homens que vivem um estado de semi-embriaguez, uma sorte de elã demagógico e ruidoso, mas estéril.

Preconizando a independência à fórmula e ao sistema, os futuristas formulam uma rebelião sistemática, e assim se destroem a si mesmos. Condenando a escravização da estética aos padrões do passado, e les instituem um novo cativo da arte, que é o

horror ao passado.

Preso demais às suas categorias mentais, Mendes Fradique analisa o futurismo no seu sentido literal, para, em seguida, fulminá-lo:

É, pois, o futurismo uma forma do estado deste cho que em que a maravilha dos grandes inventos vem trazendo o gênero humano; e é talvez a mais divertida de todas as psicoses resultantes de tão violento traumatismo. Por isso, aos futuristas não há se não tolerá-las; eles nem são sábios nem burgueses; são loucos.

Sob pseudônimo, Onsein,^{um} articulista da revista Vida Capichaba dizia:

Não há dúvida que existe em muita gente uma enorme confusão de escola moderna com futurismo: Houve um tempo em que Marinetti andou pelo Brasil, fazendo um barulho estrondoso. Visitou a Favela, o Morro do Pinto, no Rio, e aí fez conferências, protegido pela polícia. Queria mostrar aos brasileiros o que era o futurismo. Com o futurismo os literatos, seus adeptos, passaram o atestado de óbito do bom senso, do que era direito, e se começou a rimar gato com palito, rinoceronte com barata e etc. Numa palavra: desfraldou-se a bandeira da anarquia intelectual, e ia por terra tudo o construído em literatura (...). Os literatos antigos ainda vivos, cedem paulatinamente terreno aos modernos, e percebe-se que satisfeitos. Eles também acordam com a escola recente. Apenas discordavam das loucuras do Sr. Graça Aranha e de outros amigos também futuristas, que, estamos certos, agora estão vendo que havia exagero de modernidade no maléfico futurismo do singular Marinetti. 9

De tal forma, sob o rótulo de futurismo se incluíam, em Vitória, os temas inteligíveis e ininteligíveis da arte, para não dizer inaceitáveis. Fica evidente que os velhos dificilmente admitam a perda do poder, mesmo intelectual e estético.

Nesta linha de pensamento se compreenderá como o grupo de jovens jornalistas, os do clubeda antropofagia capixa-

ba, destoou do ambiente, provocando na capital da província as mais diferentes reações. Este grupo vai atuar mesmo no período que compreende os meados de junho de 1928, posse de Aristeu Borges de Aguiar, ^{no governo estadual} até a revolução de outubro de 1930.

1. 2 Leituras de vanguarda

Para se compreender o ^{modernismo} movimento moderno no Espírito Santo é preciso esclarecer que, alguns livros, entre eles o Literaturas europeias de vanguarda de Guillermo de Torre influenciaram nossos vanguardistas. ^{Este} livro, em que pesé à imaturidade do autor, teve repercussão mundial, porque visava a agitar, incitar e polemizar um pós-guerra ¹⁰ e correspondia a um estado de alma, a uma aspiração comum. Quando Guillermo de Torre o publicou em 1925, tinha como objetivo a defesa de ideais renovadores, a apologia de novos estilos e valores.

João Calazans e Garcia de Rezende o leram, e o Diário da Manhã estampou uma "Página Literária" em um número especial de 18 de agosto de 1928 e parece ser a matriz da futura seção "De Arte e De Literatura", com artigo de Calazans divulgando para os leitores capixabas as idéias do crítico e ensaísta espanhol. Tinha citações do original. O título do artigo é "Estética Futurista Italiana" Do Livro - "Vida literária da terra de Cansã". Dizendo que iria falar, entre outras coisas, sobre "a primeira semente modernista plantada no Brasil", Calazans aproveita também a ocasião para citar uma frase retirada de um artigo de um jornalista que atuava no Rio, Vieira da Cunha. Com ela o autor vai levantar o pioneirismo das vanguardas no Brasil. É a seguinte:

A idéia da renovação da arte brasileira, partiu de um espírito-santense. Acho que ninguém ignora isto. Muito antes de ter Graça Aranha conhecido Maucclair e anunciar a célebre conferência da Academia.

Já estava dado o grito de guerra contra Batista da Costa, um dos mais passadistas pintores brasileiros. Esse espírito-santense foi Vieira da Cunha que disse isto: O Brasil tem de tomar a peito um movimento de reação no sentido de nacionalizar-se. E esse movimento é inadiável. 11

O artigo de Calazans se alonga em reproduzir as opiniões sobre o futurismo italiano de Marinetti e termina citando Gauguin: "Em arte há somente revolucionários ou plagiários..." 12 O entusiasmo ^{denuncia} ~~explora~~ um jovem jornalista inexperienced, primeiro em atribuir a Vieira da Cunha um papel que o próprio Vieira da Cunha não assumiu. Em segundo lugar, o crítico de 18 anos repassa ao leitor capixaba a euforia de suas leituras e de sua descoberta. Logo verá que Vieira da Cunha não vai aderir aos antropófagos.

Na segunda metade deste século Guillermo de Torre escreveu a História das Literaturas de Vanguarda em cujo primeiro volume retoma o que escrevera em 1925, isto é, Literaturas européias de vanguarda, e justifica o entusiasmo juvenil, completando-a agora com uma visão bem mais madura e melhor informada. A leitura de um parágrafo do capítulo sobre "A arte como tradição, a arte como originalidade" confirma a presença das idéias do crítico espanhol nos leitores antropófagos de Vitória. Garcia de Rezende na "Nota Ligeira" de 31 de outubro de 1928 dizia:

Como acentuou Guilherme de Torre, crítico literário de vanguarda, o maior dever das gerações novas está na absoluta fidelidade à sua época.

De fato Guillermo de Torre diz realmente em sua obra:

A fidelidade à época (que eu recomendava no prólogo da primeira edição de Literaturas), o escrever para sua época que Jean Paul Sarte difundiu depois, marcam já o outro pólo absoluto, a decisão unilateral da alternância. 13

Outro livro que marcou decisivamente a mentalidade

dos modernistas capixabas foi o Futurismo, manifestos de Marinetti e seus companheiros, com prefácio de Graça Aranha, publicado por Pimenta da Mello e C. no Rio de Janeiro, em 1926. O prefácio de Graça Aranha ecoou fundo na mente dos jovens jornalistas capixabas que o leram. Quem o confirma é o próprio Calazans em 29 de janeiro de 1931, dois dias depois da morte de Graça Aranha, na seção intitulada "às Quintas-Feiras" que mantinha no Diário da Manhã.

Garcia de Rezende iniciava, nos meados de 1928, uma verdadeira pregação sobre a originalidade e a renovação nas letras, através da sua coluna jornalística. Pedia que não se publicassem mais sonetos. A afirmação de que o Brasil é um país de poetas provocava os seguintes comentários:

Infelizmente, porém, o Brasil está longe de atingir essa radiosa superioridade. Quase não tem poetas... Esses que andam por aí a medir versos, rimando quartetos, alexandrinos, redondilhas, são apenas, versejadores, carpinteiros de sonetos, cuja abundância constitui, exatamente, o maior paradoxo do nosso meio físico.

O articulista atribui a verve desses versejadores, principalmente, aos aprendizes que saem doutores dos ginásios e que um dia arranjam uma namorada.

É o rastilho. O fogo do lirismo plega se alastra e a dinamite da inspiração estoura fundo nas suas sensibilidades bruscamente alvoroçadas. E os versos brotam das suas penas como a maria-sem-vergonha dos cantâiros bem adubados (...) Faço aqui o seguinte apelo aos jornais e aos livreiros do Brasil: não publiquem mais sonetos (...) Salvarão, assim a poesia brasileira dos seus assaltantes. 14

Na mesma tônica são escritas as colunas de "Nota Ligeira" de 7, 10, 16 e 18 de novembro de 1928.

Os modernistas capixabas resenhavam para os leitores da Vida Capixaba as publicações mais interessantes. Calazans lançou uma seção "Última hora", de atualização literária,

sobre a qual se falará a seguir.

Muito do que hoje se perdeu e não é mais acessível aos estudiosos, constava das leituras nas mesas dos jovens jornalistas capixabas.

1. 3 Crítica literária na Vida Capixaba

Aos 7 de junho de 1928 João Calazans resolveu iniciar uma seção de crítica literária na revista de maior circulação em Vitória. Há muito tempo já se escrevia nela mas desta vez ele batizou a seção de "Última Hora" e traçou um programa:

Vou iniciar hoje a propaganda dos modernos, entre nós. Fotografar os lances de última hora do movimento vanguardista brasileiro. Aqui pouco se conhece (ou mesmo se desconhece) essa gente da realidade presente. Quando o Brasil inteiro acompanha, com simpatia, os trabalhos de "capacidade expressional" da nova geração!

É neles que clã^{se} mostra no ardor ruidoso de nacionalismo e universalismo da arte brasileira.

Portanto já é tempo de deixarmos essa história de classicismo. De fazermos literatura enfática. Em vez de decorarmos o catecismo de Camões, decoremos o diário americano de Ronald de Carvalho, ou o livro de horas de Romain Rolland... Decorar Camões não demonstra inteligência. Pelo contrário!

Assim, dou início hoje à minha última hora. Faço isto, porque não encontro outro que o faça. Não por falta de capacidade. Mas por falta de outra coisa essencial à arte.

Quero, apenas, registrar comentários sobre o que de novo surge.

No país existem vários assim: no norte, Luiz Delgado. No Rio e em São Paulo, Tristão de Ataíde, Agripino Grieco, Tasso da Silveira, Medeiros e Albuquerque, Nestor Vitor, Andrade Muricy, Sud Menucci e Alcântara Machado. E no Rio Grande do Sul, João Pinto da Silva.

Precisamos viver com a nossa época. Várias vezes tenho dito isto. Mas é o diabo! Um ou dois espíritos modernos e nisto se resume a nossa vida literária. Precisamos criar. Qualquer coisa. O razoá-

vel é que seja criação. Um colorido novo em cada ritmo. Uma expressão virgem em cada sentimento. Embora baralhemos tudo, que tudo surgido seja absurdo, paradoxal. No fim há de sair alguma coisa... E nessa alguma coisa colocaremos o rótulo - ináustria nacional legítima!
Então teremos orgulho de possuir vida, agitação e literatura puramente brasileira.

A seguir, na mesma página, resenha Poemas, 1927, de Jorge de Lima. Elogioso. Depois fala de FESTA nº 8. Resenha O homem inquieto de Wellington Brandão e promete para a próxima semana o "grupo antropofágico paulista". Mas este grupo só vai mesmo aparecer no dia 4 de outubro de 1928.

De repente a seção é estampada com um nova ortografia. Reconhece-se que João Calazans queria desestabilizar os acadêmicos. "Ultima óra" O capítulo dos medíocres. Ao escrever omitindo a letra h e substituindo x e s por z, Calazans dizia com sinceridade:

A nossa ânsia de renovação é grandiosa. Renovamos destruindo e construindo. Sem vaidade. Sem cabotismo. Somente com sinceridade. Critério. E coragem. (...)

Não existe falência no homem novo. Se ele nasce poeta será poeta. Romanoista e crítico também. Gramático não...

A falência que ainda existe é a "sobra póstuma" do homem velho. (...) Pra esta classe de gente caída é que se dá o nome : medíocres. 15

Ainda nesta virulenta seção o crítico joyem, destemido, malha livros como Alegenda interior de Harold Daltro e Devaneios de Oscar Rodarte. Nesta sua diatribe contra a mediocridade, uma frase se destaca com invulgar ironia:

(Ah! uma delegacia de polícia literária)!

Calazans lia com atenção e, sobretudo, com espírito crítico. Aos 12 de janeiro de 1928 já estampara na Vida Capichaba uma resenha dos Estudos 1ª série, do Tristão de Ataíde e até hoje não desmerece ao crítico e ao ~~ambicioso~~ ^{resenhado}.

a ambos,

Quanto à sua inovação ortográfica parece ter sido um fato transitório que perdurou ainda ao comentar as obras do nordeste em Vida Capichaba nº 136 de 16 de agosto de 1928. Sempre existiu o sonho da simplificação ortográfica. Calazans era jornalista, certamente tipógrafo, mas não tinha os conhecimentos fundamentais da ciência linguística. A experiência tentada não resistiu. Deve ter provocado reações tão violentas quantas ^{usava} se viu ^{contra} o futurismo. Sabe-se que a 11 de setembro de 1928 foi fundado o jornal A Gazeta e que ele polemizou com os jovens modernistas capixabas. Infelizmente os números iniciais do referido jornal se perderam no incêndio ocorrido em um seu empastelamento.

Sobre o "Futurismo em São Paulo" a Vida Capichaba estampou três páginas no seu nº 143 de 4 de outubro, artigo assinado por Silveira Bueno. Eram os antropófagos paulistas, anteriormente anunciados, a saber: Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Antônio de Alcântara Machado, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado, Menotti del Picchia e Guilherme de Almeida. Como se sabe, eles não eram todos antropófagos. O articulista os trata sob denominação de Futurismo. Quem o chama de "grupo antropofágico paulista" é João Calazans, em sua "Última Hora" de 7 de junho de 1928. ^{Passara-se} ~~Estava-se~~ um mês do lançamento da Revista de Antropofagia.

Silveira Bueno historia, pois, o início tumultuoso da Semana de Arte Moderna "em que profanaram o nosso Municipal e deram com os pés em tudo." A vinda de Marinetti criou um cisma no movimento. De um lado o "verdeamarelismo" tendo à frente Cassiano Ricardo; do outro, "Terra Roxa e Outras Terras" com Mário de Andrade e ^{companheiros} outros. Silveira Bueno diz ainda que o verdeamarelismo sofre uma segunda divisão através daqueles que querem o seu símbolo na anta e dos que preferam o papagaio.

Grafam os nomes próprios com minúsculas, sendo à culminância do luxo escrever frases bem curtinhas, de uma palavra só, se possível for. Dão aos escritos um tom de familiaridade e de conversa, fazendo eles próprios as perguntas e respondendo com imensa graça.

O autor se refere ao tom coloquial pregado sobretudo por Mário de Andrade, Alcântara Machado e outros. Deve-se escrever como se fala. Era a regra da narrativa modernista. Quando alude a Mário de Andrade, Silveira Bueno lhe menciona a Gramatiquinha, para logo se dirigir, especificamente, aos moços do Espírito Santo. "Os moços literatas do Espírito Santo, que esperem esse portento para depois mandar ao fogo todos os rabujentos gramáticos de outras eras atídiluvianas." Quando comenta ^{a obra} Borrões de Verde e Amarelo, 1926, de Cassiano Ricardo, exorta: "Os moços de Vitória deverão conhecê-la o mais breve possível, se ainda a não conhecem." Ao se referir a dois livros de Menotti del Picchia, Toda Nua e A outra perna do saci, diz: "O Abner Mourão, grande admirador do Menotti, assim que for eleito presidente do Espírito Santo, adotará a ambos como leitura fundamental das escolas do Estado. Que tal? Que é que dizem por aí dessa candidatura? Com ela irá o futurismo todo do "Correio Paulistano" para alívio nosso e grande alegria dos capixabas todos, porque eles, os futuristas, são uns pândegos estupendos." O autor do artigo termina fazendo votos para que "na terra capixaba não se implante esta desordem intelectual."

Observa-se que, também em São Paulo, ao tempo, e na imprensa conservadora, o termo futurismo não conota uma boa aceção.

Aos 22 de novembro de 1928 a Vida Capixaba traz o artigo "Formidável blague". Nele se comenta um artigo de João Calarans arrasando Augusto dos Anjos e a promessa de uma res-

posta polêmica e virulenta de um tal escritor paraibano, Policarpo Feitosa. Como diz o artigo, tudo não passou de uma blague para vender, e bem, a revista.

O ano de 1928 é marcado, portanto, pela injeção de uma atividade febril, resultante da fermentação das revistas e manifestos modernistas, já então espalhados por todo o Brasil. Livros, jornais e revistas, vindos por correspondência; jornalistas e políticos influentes que viajavam para o Rio e São Paulo, iniciam, a partir da subida à chefia do governo do estado do Espírito Santo de Aristeu Borges de Aguiar, uma tomada de posição; e que não foi possível ser levada adiante por causa, justamente, dos acontecimentos políticos nacionais, a revolução de outubro de 1930. Neste momento, entre 1928 e 1930, vai se delinear a presença marcante de intelectuais capixabas no modernismo brasileiro. Os integrantes da subcorrente antropofágica tentaram mesmo sediar, em Vitória, um congresso com teses audaciosas. Aconteceu que a Antropofagia foi devorada por circunstâncias até hoje não de todo esclarecidas. Alguns artigos de João Calazans e de Garcia de Rezende atestam uma incomum vivacidade intelectual.

NOTAS

- ¹LIMA, A. de A. (1966) p. 365
- ²REZENDE, G. de. Nota Ligeira no Diário da Manhã de 19 de abril de 1929. Saiu também na Revista de Antropofagia sob o título de "tatuagem", em 8 de maio de 1929. Sezefredo Garcia de Rezende, natural de Muriaé, Rio de Janeiro, nascido em 7 de abril de 1897, veio para o Espírito Santo em 1918. Ele próprio conta sua vida em Memórias 1897-1978, publicado pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, Vitória, 1981. Ocupava a cadeira número 19 da Academia Espírito-santense de Letras qua ajudou a fundar. Foi também um dos fundadores da revista Vida Capichaba, que marcou época no Espírito Santo. Em 1928 foi assessor do secretário de Instrução do Espírito Santo e, por seu intermédio, o Clube de Antropofagia deste Estado participava da Revista de Antropofagia. Após a revolução de 30 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde atuou sempre como jornalista. Morreu a 6 de outubro de 1978. Publicou Fogo de palha (contos) Vitória, Tipografia do Diário da Manhã, 1921; Os outros... (sketch) 1924; Antologia do mal (fantasia) 1927.
- ³MENDES, F. (1922) p. 239
- ⁴LIMA, A. de A. (1966) p. 661
- ⁵Ib., p. 720
- ⁶Vida Capichaba, número 145 de 18 de outubro de 1928.
- ⁷COUTINHO, A. Barsa, verbete FUTURISMO
- ⁸MENDES, F. (1928) p. 133 e ss.
- ⁹Vida Capichaba, número 155 de 27 de dezembro de 1928.
- ¹⁰TORRE, G. de. (1970) p. 14
- ¹¹A citação de Vieira da Cunha está no artigo "Nacionalismo na Arte" que foi publicado na Revista Nacional do Rio de Janeiro em agosto de 1919. O artigo saiu também na Vida Capichaba de 15 de outubro de 1927.
- ¹²TORRE, G. de. (1970) p. 52. Esta frase é atribuída a Van Gogh e não a Gauguin.

¹³Ib., p. 53

¹⁴REZENDE, G. de. Nota Ligeira no Diário da Manhã de 24 de agosto de 1928.

¹⁵CALAZANS, J. "Última óra" na Vida Capichaba, número 134 de 2 de agosto de 1928.

João Calazans nasceu em 19 de junho de 1910 em Vitória e faleceu em Recife em 1976. Jornalista, foi auxiliar da Secretaria de Instrução presidida por Atílio Vivacqua em 1928. Foi editor de várias revistas entre as quais Panorama 1947-1948, em Belo Horizonte e Crítica, em Recife. Autor da novela Pequeno burguês, Rio, José Olympio, 1952. Era conhecido por seu espírito de humor e por suas boutades. Veríssimo de Melo lhe traça um rápido perfil na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, nº 35 de 1984.

2. O MOVIMENTO ANTROPOFÁGICO NO ESPÍRITO SANTO

Ausente da Semana de Arte Moderna em 1922, que foi um marco da história literária brasileira, o Espírito Santo teve uma participação muito mais importante do que se imagina num dos seus desdobramentos, a Antropofagia de 1928. Idealizada por Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Raul Bopp, esta subcorrente literária conseguiu adeptos, em Vitória, entre políticos e intelectuais.

Através do secretário de Instrução, Atílio Vivacqua, e do seu assessor, Garcia de Rezende, se pensou em realizar em Vitória um congresso que discutisse teses filosóficas de embasamento teórico do movimento antropofágico e que envolvesse também um programa educacional. O político capixaba buscava maior apoio para o seu projeto cultural da Escola Ativa.

Diversos artigos apareceram em segunda mão na famosa Revista de Antropofagia depois de já terem sido publicados na imprensa capixaba, no Diário da Manhã, órgão oficial do governo Aristeu Borges de Agiar. Embasados num anarquismo vitalista à Nietzsche e em princípios filosóficos do positivismo de Augusto Comte, fortemente arraigados na Primeira República, todos acabaram esquecidos nos arquivos recentes da história. Daí está o destaque para o movimento literário da Antropofagia e o projeto educacional da Escola Ativa no Espírito Santo. A historiografia literária brasileira há de reconhecer a importância deste Estado e de alguns de seus intelectuais no cenário nacional.

Esta subcorrente modernista encabeçada por Oswald de Andrade e sua companheira Tarsila do Amaral foi lançada em São Paulo em 1928. Conforme relata Raul Bopp, a Antropofagia nasceu episodicamente de uma brincadeira num restaurante de rãs situado nas bandas de Santa Ana em São Paulo.¹ O ideário do movimento está publicado no primeiro número da Revista de Antropofagia lançada em maio de 1928, tendo como diretor Antônio de Alcântara Machado e como gerente Raul Bopp. Teve duas fases, uma em revista e outra em folha no Diário de São Paulo, que receberam os nomes de 1ª e 2ª dentição. A vida da revista foi curta, pois se encerrou em agosto de 1929. O desaparecimento, ao que parece, foi provocado por uma irreverência de um texto religioso parodiado, o que agastou o diretor do Diário de São Paulo.² Diz Bopp que o texto do Novo Testamento parodiado com o título de Suborno era o seguinte: "Em verdade, se fizerdes o que vos digo, no dia do juízo estareis comigo no Paraíso." Bopp deve estar enganado. A Revista de Antropofagia de 14 de abril de 1929 traz sob o título de Suborno os seguintes dizeres: "Se vós permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quiserdes e ser-vos-á feito." Cristo (João V, 7). Também não é João V, 7 mas João XV, 7. Há portanto, uma dupla falha, a primeira em Bopp e a segunda na Revista de Antropofagia, salvo melhor juízo. Não se entende como uma paródia tão pequena e despercebida possa provocar uma reação tão atrasada, uma vez que a revista parou de circular somente em agosto. Talvez tudo tenha sua explicação no anticlericalismo da página e na sua irreverência religiosa.

Atento e sensível às publicações nacionais, Garcia de Rezende dedicou uma Nota Ligeira ao aparecimento da revista:

Alguns rapazes de São Paulo acabam de fundar a "Revista de Antropofagia". A esse respeito já publicamos, até, uma curiosa entrevista do Sr. Oswald de Andrade, distribuída pela "Ocean". Estão à frente dessa publicação, cujo primeiro número circulou, justamente, como informa o sr. Medeiros e Albuquerque, no aniversário da morte do Bispo Sardinha, os srs. Alcântara Machado e Mário de Andrade. Como se sabe o Bispo Sardinha foi comido pelas selvagens no começo da nossa história. De modo que só o dia do seu aparecimento já é um programa antropófago... Pela explicação do sr. Oswald de Andrade o principal objetivo da nova revista é a "guerra aos emboabas". Quer dizer guerra ao que o Brasil possui de falso, de doente, de velho, de insignificante. O emboaba é o estrangeiro indesejável, que não tem alma e saúde capazes de se multiplicarem varonilmente. É o brasileiro que representa, apenas, o resultado incaracterístico dum mau cruzamento de raças, contraindo toda a incapacidade dos péssimos elementos humanos de que se originou. Por isso é urgentíssimo o seu desaparecimento, e como o nosso estômago possui excelentes qualidades destruidoras, os emboabas devem ser devorados. Só assim o Brasil ficará livre da sua atuação de fator do nosso retardamento social... Aí está em linhas rápidas o programa da "Revista de Antropofagia", cujo estranho evangelismo já começou a produzir resultados... Não vou concordar com os rapazes de São Paulo mas acompanho com muito interesse a sua crepitante atividade literária. Estão ambrulhando tudo de propósito. Há uma enorme e claríssima inteligância na direção de todo o movimento de renovação artística que explode em São Paulo. E essa inteligância maravilhosamente moça por enquanto só tem uma finalidade a cumprir: baralhar, o mais possível, a questão do brasileirismo e do espírito moderno. Depois de feito isso surgirá, por certo, a arte brasileira, limpa de impurezas e perfeitamente integrada na sua expressão definitiva. Nessas condições a "antropofagia", pregada, agora, como último recurso efici-

ciente das energias reformistas no combate ao emboaba, vai contribuir eficazmente para aumentar a confusão mental... E é essa, exatamente, a maior necessidade do momento. Da ululante balbúrdia nascerá a alma nova do Brasil, estou certo disso...³

2.1 Como chegou a Vitória o movimento antropofágico?

Deve-se a Atílio Vivacqua, então secretário de Instrução do governo Ariston Borges de Aguiar, e ao jornalista Garcia de Rezende, seu assessor e diretor do Diário da Manhã, órgão oficial do governo. Atílio Vivacqua estivera em São Paulo no final de setembro daquele ano, onde fora buscar subsídios para a implantação da Escola Ativa no Espírito Santo.

Quem folhear a Revista de Antropofagia reeditada em São Paulo em 1975, com introdução de Augusto de Campos, vai encontrar significativa participação do grupo capixaba.

Embora estivesse morando em Belo Horizonte, Achilles Vivacqua, irmão de Atílio, publica os poemas "Indiferença" no número 3 e "Dança de Cabodlo" no número 10, em fevereiro de 1929. Escreve "a proposito do homem antropofago" (grafado em minúsculas e sem acentos) no número 7 de 1º de maio de 1929, já na segunda fase (dentição) da revista. No artigo, a atenção de Achilles se volta para o problema da identidade cultural e literária do brasileiro, ele que, juntamente com João Dornas Filho e Guilhermino César, através do suplemento literário Leite Criolo, deixou ambíguas e indefinidas as linhas mestras do movimento. O assunto do criolismo já foi estudado no movimento modernista mineiro.⁴ A participação de Achilles se estendeu também para Verde de Cataguazes, Vida Capixaba e outras revistas do modernismo.

A participação no número 8 de 8 de maio de 1929, constituiu-se de uma Nota Ligeira e cujo nome Garcia de Rezende mudou para "tatuagem", especial para a Revista, do Clube de Antropofagia do Espírito Santo. Trata-se de um revide tardio que Garcia de Rezende dá ao crítico Tristão de Athayde.

24

O número 10, da 2ª edição, de 12 de junho de 1929 traz Garcia de Rezende com "Marandiba" reivindicando para o Espírito Santo, por intermédio do episódio da morte de Fernão de Sá, às margens do Cricaré, laços estreitos e primordiais com a antropofagia:

Num movimento mental, porém, como o da "Antropofagia Brasileira de Letras", em que se procura libertar o gênio do Brasil de toda e qualquer deformação falsamente decorativa, o Espírito Santo só tem de figurar.

Só tem de formar no contingente da vanguarda.

Mesmo porque foi o selvagem do Espírito Santo quem primeiro protestou contra a organização social e política do velho continente no Novo Mundo: comendo o filho de um governador português.

Este artigo de nome "Marandiba" havia sido publicado um mês antes, 12 de maio, no Diário da Manhã como uma Nota Ligeira. Ainda neste mesmo número da Revista de Antropofagia traza seguinte colaboração:

da secretaria de instrução
do estado do espirito santo
UMA CARTA DE GARCIA DE REZENDE

Nós aqui somos poucos mas bons. O Espírito Santo tem vantagem de não estragar talentos com manifestações de amor às letras. Nunca teve literatura. Agora é que estamos formando o pessoal. E tem gente de muito boa brasilidade.

O Diário da Manhã, órgão oficial do Estado, é antropofágico. Iniciarei domingo a nossa página. Mandarei para o Diário de São Paulo e revista, além dos nomes arrolados na lista de vocês, temos mais os seguintes: Atílio Vivacqua, secretário da Instrução que criou aqui a "escola brasileira", Vieira da Cunha, João Calazans e Escobar Filho. Todos os domingos cada um dirá a sua coisa. Mandem tudo o que quiserem que eu transcreverei. Já transcrevi o estudo do Oswald sobre o grilo. Tenho ensaiado uns comentários sobre o movimento. Mas de agora em diante ficarei firme dentro dele.

Havia já um vínculo decisivo da capital capixaba com o movimento nacional sediado em São Paulo.

O número 11 de 19 de junho de 1929 apresenta o artigo "a proposito do ensino antropofagico" (grafado em minúsculas e sem os acentos) de Garcia de Rezende, mandado especialmente de Vitória para a Revista de Antropofagia e que já havia sido publicado a 26 de maio no jornal local. Neste artigo o jornalista apresenta a filosofia da Escola Ativa, muito em consonância com as aspirações revolucionárias do movimento antropofágico proposto por Oswald de Andrade. É a pregação de um humanismo que começa no índio, o seu elemento mais autóctone. Sobre isto se falará ^{mais adiante.} ~~a seguir.~~

● Ao fazer um apanhado do movimento por todo o Brasil o número 13 de 4 de julho da Revista de Antropofagia, através do seu articulista, vai citando os jornais que abriram suas páginas para um suplemento semanal. "No Espírito Santo é o Diário da Manhã. É esse extraordinário Garcia de Rezende". Deve-se salientar que Raul Bopp, gerente da Revis-

ta de Antropofagia, tinha facilidade de expedição postal e com isto mantinha contato com as revistas e jornais dos principais centros da país. Vitória estava presente com o Diário da Manhã.

O texto "historia em branco do coré... coré..." por João Calazans, do clube de antropofagia do Espírito Santo é uma pura criação literária onde se afirmam os princípios da nacionalidade na forma moderna e no tema. Apareceu no número 14 de 11 de julho de 1929, encerrando a participação ligeira dos capixabas. Tão ligeira e fugaz quanto o movimento. O Diário da Manhã, no entanto, continuou sendo o espaço das publicações locais, algumas em tom de manifesto, como foi o caso de "Bonde circular".

Para terminar de explicar esta vinculação do grupo capixaba com o paulista veja-se mais esta Nota Ligeira de Garcia de Rezende de 18 de abril de 1929. Apesar de negar sua incorporação ao grupo antropofágico, o movimento e a Revista de Antropofagia exerceram o seu poder de sedução.

Um dos mais curiosos e fortes aspectos do nacionalismo brasileiro é o "antropofágico". Os objetivos da orientação antropofágica se resumem neste ponto essencial: a integração sincera, violenta do Brasil, com todas as suas coisas, simples e complexas no gênio bárbaro da Terra. A princípio supus que a "Revista de Antropofagia" lançada com tanta inteligência pelos rapazes de São Paulo não passasse de uma pilhéria de gente enfarrada (sic) da cultura. Embora moço do meu tempo, sentindo e compreendendo com sinceridade e audácia a minha época, sem destarte filiar-me a toda e qualquer escola literária, não aceitei, in condicionalmente, o intenso movimento de independência mental do Brasil. Mesmo porque ao lado de muita coisa séria se disse muita bobagem. Contudo lia todos os absurdos publicados impunemente e com prazer e indulgência. Porque estava convencido de que o resultado seria a afirmação da mentalidade brasileira. A velha cultura, com os seus

pontos de vista insignificantes, baseados em toda sorte de superstições literárias e artísticas, precisava de ser desmoralizada. De qualquer modo e sob qualquer pretexto. A orientação antropofágica com o seu programa de comer todo o artifício que desfigurava o Brasil, pareceu-me, no começo, sem finalidade. Uma diretriz mental a mais sem a proteção decorativa de uma cor. Continuei, entre tanto, a ler com simpatia os antropófagos. E hoje, sem incorporar-me ao grupo, porque sempre gostei de andar sozinho, julgo-os fatores efficientíssimos da formação do Brasil novo. Sem a extravagância e o pitoresco do nome considero-os como organizadores duma formidável contribuição de idéias para a obra da brasilidade. A antropofagia é um movimento de idéias que deve, destarte, ser levado a sério. Passado como está, o tumulto salutar, em que se deve o naufrágio total do Brasil velho, incolor e falso, devemos contar com a inteligência antropofágica para a construção empolgante da nossa mentalidade. Mais do que os outros teóricos da revolução mental brasileira os antropófagos souberam devorar feroz e completamente o passado velhíssimo imposto à terra nova. Além disso comeram valentemente todas as gloriolas literárias que tanto aviltaram o gênio nacional...

2.2 Atílio Vivacqua e a Escola Ativa

Atílio Vivacqua formou-se em Direito, no Rio, em 1916. ^{Fm} Eleito deputado em 1921 por sua terra, Cachoeiro de Itapemirim, onde advogava. Em 1924 deixa Cachoeiro e vai advogar em Colatina. Quando Aristeu Borges de Aguiar tomou posse no governo, em julho de 1928, Atílio Vivacqua ocupou, a convite, a secretaria de Instrução. Com o objetivo de melhorar o nível de instrução, o titular da pasta viajou para São Paulo a fim de se inteirar das modernas exigências da pedagogia. São Paulo era um modelo num tipo de escola que o secretário planejava implantar no Espírito Santo. O Correio Paulistano registrou-lhe uma "Brilhante entrevista" que foi também publicada no Diário da Manhã de 2 de outubro de 1928. Na entrevista ele aborda os problemas da educação no Estado a serem direcionados segundo a nova pedagogia.

Segundo Lourenço Filho, "a denominação escola ativa foi lançada em 1911, num escrito do educador suíço, Pierre Bovet, como tradução do nome alemão "Arbeitsschule", literalmente, escola do trabalho, criado em 1911 pelo educador alemão Jorge Kerschensteiner." ⁵

O nome que acabou vingando mesmo foi o de Escola Ativa. Observa-se que, na base filosófica da Escola Ativa, estão as dicotomias razão/ação, teoria/prática, trabalho mental/trabalho físico, historicamente repensadas.

O principal papel da escola ativa ou escola em que os alunos trabalham ativamente, de acordo com sua personalidade e o seu temperamento, é promover a integração do menino de hoje na realidade incorruptível observada, vista e sentida, que o cerca e deslumbra. O professor deixa de ser um orador, sujeitando os seus discípulos a longas e desinteressantes dissertações... ⁶

Garcia de Rezende por um lado e o professor Deodato de Moraes por outro, não se cansavam de publicar artigos explicando a nova pedagogia e de a defender dos ataques

que contra ela eram levantados.

A Escola Ativa, pois, tem por base despertar e explorar a curiosidade infantil, provocar a revelação dos temperamentos infantis como forma de auto-instrução. Como a fórmula era européia - veja-se o livro L'École Active de Adolfo Ferrière, publicado em 1926 - era preciso dar-lhe uma forma de brasilidade, adaptá-la às necessidades sociais brasileiras. Procura-se introduzir o cinema, o rádio, o jornal escolar quinzenal na escola. E mesmo o ensino noturno. O advento da instrumentalização tecnológica é cobiçada como projeção de ação política e social dos governantes.

Com esses três novos elementos está aparelhada, portanto, a nova Escola Ativa, para o cumprimento, no Espírito Santo, da sua grandiosa finalidade.

Era o que se dizia no Diário da Manhã de 9 de março de 1929, abordando a reforma da instrução. E mais, entre a velha e nova pedagogia, aquela é passiva, terminou com a guerra mundial. O ensino moderno é necessidade do progresso, do homem controlar o trabalho realizado pela máquina.

O cinema e o rádio, como fixadores e transmissores da realidade, em plena movimentação dinâmica, sem a deformação das interpretações dos temperamentos individuais, são os melhores professores do momento,

dizia Atílio Vivacqua. O secretário da instrução, além de político era também um intelectual que sabia tirar proveito de uma causa cultural. Em sua viagem a São Paulo manteve contatos com o grupo de Oswald de Andrade. Garcia de Rezende, assessor de Atílio, anota estes encontros na casa do escritor paulista no capítulo XV de suas Memórias. Daí o conluio da literatura com a educação. E ninguém melhor para explicar isso que o assessor e jornalista.

No dia 26 de maio de 1929 o Diário da Manhã publica "A propósito do ensino antropofágico", artigo que a Revista de Antropofagia de 19 de junho vai assumir como um programa nacional do movimento. É preciso transcrevê-lo, na íntegra, para que se tenha a dimensão do projeto pedagógico embutido no movimento antropofágico e que, certamente, iria desaguar nas teses do Congresso Brasileiro de Antropofagia.

O ensino antropofágico se apóia nas relações diretas e necessárias do homem com o seu meio físico. Por isso não reconhece e nem aceita a velha pedagogia que pleiteava a uniformidade da alma humana por meio de um modelo de alma coletiva por ela organizado... (Especial pra nós, vindo de Vitória)

O meio físico brasileiro, como irradiador e receptor das mais violentas energias cósmicas, exerce ferozmente a antropofagia.

Isto é, destrói e assimila qualidades. A primeira coisa que acontece ao homem que se fixa no Brasil é ser envolvido, desde logo, pelas forças potencialíssimas do meio físico que atuam sobre ele destruidoramente. O europeu, aqui, depois de algum tempo de luta contra as energias dominadoras da Terra, perde a sua raça.

Anula-se como expressão racial, transformando-se num mero material humano para a confecção do novo homem. Do homem capaz de comportar, com adestrada e viril capacidade orgânica a pressão formidável do meio ambiente, reflexo e agente de todas as inteligentíssimas e fatais operações cósmicas, em função com a vida humana. O negro passou por idênticas manipulações orgânicas, derramando na torrente de energia construtora do novo exemplar humano do brasileiro, as suas qualidades bárbaras e rudimentares.

Anulando a raça dos elementos que entram na formação do brasileiro o meio físico deseja apurar, apenas, em toda a sua validade intacta, o animal humano, e situá-lo na condição do índio. Porque o índio é o ponto de partida da operação orgânica da qual surgiu, surge e surgirá o brasileiro.

Mas como o meio físico brasileiro, não está isolado do universo, ligando-se, pelo contrário, à onda de energia cósmica que dirige a vida humana, é claro que essa violenta construção orgânica não pode deixar de refletir as idéias e os fatores decisivos da civilização.

Tudo aquilo que contribui para a nossa evolução cultural e para o progresso do país, autorizando, portanto, o pronunciamento do nosso gênio, é naturalmente incorporado às conquistas da nossa inteligência. As más qualidades e as deformações puramente decorativas, é que são destruídas. O índio é, apenas, um ponto de referência ao Caos aparente.

*

Como todos os problemas brasileiros acredito que só poderemos resolver a questão do ensino se voltarmos ao índio, e pertirmos dele conscientemente, com uma noção exata das realidades modernas e do nosso caso particular como povo e como indivíduo. O índio aprendia a caçar, a pescar, a cultivar a terra, a esgrimir o tacape, a devorar os prisioneiros, a cantar os seus hinos de guerra, a tocar a inúbia, a pintar a flora e a fauna. Aprendia os meios, enfim, de se utilizar e de se defender da opulenta e bravia natureza que o cercava.

E realizava dentro e fora da taba, objetiva e praticamente, as coisas aprendidas, desdobrando as suas possibilidades de acordo com o seu modo de ser, o seu temperamento e a sua personalidade.

Tudo aquilo que aprendia tinha imediata e flagrante aplicação na vida livre que vivia.

Os conhecimentos adquiridos não encerravam a menor intenção ornamental. Representavam, pelo contrário, a sua superioridade real na luta e na vitória da sua existência de pelejas diárias contra a floresta e as tribus inimigas.

*

A orientação pedagógica da "Escola Ativa" adaptada com inteligência, às condições do meio brasileiro e às novas e virgens capacidades do homem brasileiro, é, sem dúvida, a da "escola antropofágica". A escola capaz de revelar, integralmente, o caso humano do índio que é o caso humano do brasileiro até hoje incompreendido.

Acabou com o apostolado de plasmador de almas do mestre escola. Neutralizou a sua ação deformadora da inteligência do menino, na plena posse da sua personalidade, em composição dinâmica e sincera.

Aproximou o menino das realidades absolutas e vivantes que o cercam e deslumbram. Reintegrou-o em si mesmo e no ambiente em que se move, e em que campeiam, curiosas e soltas, as suas ânsias de compreensão. Para antropofagia. Regresso à integridade do animal humano que o índio representa e partida dele, em linha reta, para a civilização. Sem intenções sociais porque as nações são formadas pelas suas próprias forças, mas não são construídas. Uma obra dentro do homem. A reabilitação do indivíduo.

O artigo está dividido em três partes, mas a gênese da sua concepção é uma simbiose de Augusto Comte com J. J. Rousseau. Na filosofia positivista o meio físico se impõe como uma sobredeterminação. O termo "raça" conota o sentido de razão histórica e de humanidade. No positivismo o conceito de humanidade é dado prévio à razão humana. Esta razão, por sua vez, é físico-matemática, é aquela razão experimental das ciências exatas.

O europeu e o negro são apagados pelas forças cósmicas do meio físico; anulam-se estas raças na formação do brasileiro, para reaparecerem apuradas no índio. Na segunda parte, o índio se apresenta como o elemento original, o homem naturalmente bom de Rousseau. O mestre da pedagogia tradicional não plasma, realmente, coisa alguma, antes, deforma a inteligência da criança. É preciso dar a ela o meio e a liberdade do índio.

Finalmente a Antropofagia e a Escola Ativa vêm consagrar o projeto utópico. A Escola Ativa apregoada pelos europeus casa-se com as aspirações do movimento literário paulista e nacional. O artigo ressuma as teorias positivistas que fundaram a República e ainda fortemente presentes no caso de uma de suas fases. O misticismo comtiano, esta religião da ciência positiva vai ter um ponto de contacto com a doutrina da nova sabedoria pregada por H. Keyserling, como se verá adiante.

Todo este vasto projeto pedagógico, este verdadeiro castelo de utopias, ruuiu com a revolução de 1930. O assunto merecia uma tese na área pedagógica para discutir-lhe o embasamento filosófico, a viabilidade prática já, em termos, esvaziada pelo surgimento de nova tecnologia da comunicação.

De qualquer forma, como se justificar o sucesso da Escola Ativa no Brasil, e, em particular, no Espírito Santo, a ponto de, no congresso organizado pela Associação Brasileira de Educação, em setembro de 1930, no Rio, ela, a Escola Ativa de Atílio Vivacqua ser aprovada como padrão e modelo para todo o país?

2.3 O Diário da Manhã

O Diário da Manhã foi um jornal que circulou pela primeira vez no dia 18 de agosto de 1907 e se destinava a ser o porta-voz do partido Republicano Construtor. Em 1929 completava, portanto, seu vigésimo segundo aniversário, sob o governo de Aristeu Borges de Aguiar, empossado nos meados do ano anterior. O jornal, órgão oficial do Estado, é antropofágico. Há nele duas seções importantes que enriquecem as fontes deste trabalho: a seção Nota Ligeira e a seção De Arte e De Literatura. A primeira, assinada sempre por Garcia de Rezende, era uma coluna de destaque na primeira página. Em estilo fluente, fundamenta a compreensão da antropofagia capixaba, ~~como as outras fazendas de antropofagia em outras regiões transcrições~~. A outra seção que se intitulou De Arte e De Literatura saiu nove vezes. Apareceu em 5, 12, 19 e 26 de maio; 2 e 9 de junho; 7 e 21 de julho; e, finalmente em 18 de agosto do ano de 1929. Era constituída de página inteira, aos domingos, com artigos de escritores locais entre meados com artigos de agências correspondentes e textos de nomes consagrados da moderna literatura brasileira. Esta seção vive a fase madura do movimento capixaba e coincide com a vida da Revista de Antropofagia 2ª dentição, além de Leite Criôlo de Belo Horizonte. Imprimindo textos locais juntamente com textos de fora se tem assim uma unidade e uma diversidade. Não foi feito ainda um levantamento geral de todos os periódicos que pelo Brasil afora mantinham afinidades e trocas com o grupo de São Paulo. O levantamento setorizado de Vitória parece estar basicamente aqui indicado.

2.4 De Arte e De Literatura

Aos 5 de maio de 1929, pois, o Diário da Manhã iniciava a página com o título De Arte e De Literatura. Como sempre acontece com este tipo de manifestação literária, a seção não durou muito. Não se sabe o que provocou a sua interrupção. Provavelmente as frequentes viagens de Garcia de Rezende e a intensificação da campanha política pela presidência de Júlio Prestes.

O certo é que, no primeiro número, já estavam bem delineadas e caracterizadas duas tendências dentro da página. Uma que aderiu ao modernismo e à Semana de Arte Moderna; outra que continuava escrevendo sem se dar conta de que alguma coisa havia mudado no Brasil, pelo menos no campo literário. Entre os segundos aparece, paradoxalmente, Ciro Vieira da Cunha que em sua primeira e única participação elogia, loquaz e sonoramente o livro Zodíaco de Da Costa e Silva, publicado em 1917. No dizer de Calazans, Vieira da Cunha apregou bem antes de Graça Aranha a necessidade de um movimento de reação no sentido de nacionalizar-se.

Da Costa e Silva que ^{em 1985} ~~neste ano~~ comemorou o seu primeiro centenário, mereceu do seu estado uma edição especial da revista Presença. O maior poeta do Piauí não se deixou influenciar pelo modernismo. Tendo morrido em 1950, os críticos lhe apontam uma indecisão, se bem que ela não seja um defeito. Vieira da Cunha elogia, verbosamente, Zodíaco, livro de fusão do homem com a natureza onde "os ventos zarguncham"! Ora, tanto o primeiro modernismo quanto a antropofagia literária são essencialmente críticos e demolidores em relação ao autor escolhido. Ao lado deste artigo o jovem Calazans não poupa elogios a Catimbó, 1927, de Ascenso Ferreira. As apreciações revelam posições estéticas inconciliáveis.

Na impossibilidade de publicar ou transcrever os nove números da página De Arte e De Literatura, poder-se-á ter uma visão panorâmica do conjunto fazendo um elenco dos principais artigos de cada número.

Uma das páginas mais representativas é a de 21 de julho que traz impresso o Manifesto Antropofágico (sic) e uma proposta ou manifesto local de João Calazans, Bonde Circular. O autor tenta fixar o movimento no Espírito Santo dizendo:

É a vez do Espírito Santo. Até o momento ele não tem nada. Uns dizem que isto é bom. Outros que é mau. Eu estou com uns.

Bonde Circular, na íntegra, é o seguinte:

"Bonde circular"... é a história da literatura espírito-santense. É a vida literária da terra de Canaã. Funcionará nas linhas largas da antropofagia. Com passageiros de primeira classe. De segunda. Caronas. Passageiros que viajam com passe da Companhia. Passageiros de estribo. Passe policial. Isso não contando os descarrilamentos pelo caminho.

"Bonde circular"... sendo obra antropofágica não dará passagem aos maltrapilhos. - Segunda classe é luxo. - Por isso foi que se acabou com o passe de terceira. O poste de partida é a terra. Canaã. Dinamismo do sr. Graça Aranha. Há uma infinidade de postes brancos enfeitados pela linha. São paradas. Gente que salta ou gente que sobe...

"Bonde circular"... dá inteira comodidade aos andantes. Não se proíbe fumar nos três primeiros bancos. Nem se proíbe falar ao motoneiro...

O que se proíbe terminantemente é o embarque da população. O bonde descarrilará. Só haverá ingresso para gente de real personalidade.

"Bonde circular"... dará passagem somente às figuras mais representativas do momento espírito-santense da arte. Focalizará suas principais atitudes estéticas respeitando os seus valores dentro de suas épocas. Será obra estudada pelos autores. E não pelos comentadores... Quero dizer: Muniz Freire será estudado pela "Caixa conversão", discursos, conferências, "Voto Secreto"... E não pelo empastelamento do desembargador Afonso Gláudio.

"Bonde circular"... fará saltar os passageiros reconhecidamente inúteis. O passageiro sem valor e sem significação será posto pra fora com vaia. E experimentará o peso da chave... Por isso se pede o máximo escrúpulo. Não há direito de engano. Arte é coisa séria. É pra quem pode dar assunto interessante a um público desinteressante. É coisa portante que requer talento. Muita sensibilidade. Sinceridade. E originalidade.

Neste momento explosivo quem não tiver talento de dinamite e espírito elétrico não é considerado coisa nenhuma.

"Bonde circular"... fará todo o percurso da li-

teratura espírito-santense. Até mesmo escavações. É única no gênero. Porque nunca se faz uma história literária com sinceridade. Sílvio Romero, apesar de sua exaltada paixão por Tobias Barreto, foi o único que pretendeu sair fora da norma. Todos os outros são de francas considerações. Elogios pra quem quiser. Na que se fez aqui sem vantagens nenhuma até os sonetos de Vidigal são considerados produtos de fina sonoridade.

Na do Rio Grande do Sul o sr. João Pinto da Silva obedece ao mesmo sistema. Inatacável. E assim também outros já em outras épocas como os srs.: Ronald de Carvalho, Renato Almeida...

"Bonde circular"... não obedecerá esse sistema. Como nenhum outro. Elogiará quem o elogio merecer. O resto chave. E expulsão.

Essa apresentação é uma espécie de aviso da Companhia. Ninguém sem valor se dê ao trabalho de esperar o bonde com o fim de ter ingresso nele. Isso não. É contra o regulamento antropofágico e a Companhia faz parte da antropofagia.

Cada poste enfeitado com fita branca será ponto de estudo de uma figura. O bonde azulando linha afora significa levante. Frege interno, Deglutição...

"Bonde circular"... terá poste de chegada no poste de saída. Antropofagia: início partindo do grito de início: dinamismo. Nesse poste de chegada será estudado todo o movimento de vanguarda que se tem operado pelo mundo. É esse capítulo essencial a razão da obra. Itália. França. Influências. Decadência europeia. América. Esplendor do continente. Whitman. Influências. Literatura. Escultura. Pintura. Arquitetura. Música. Poesia. Teatro. Decadência do palco. Cinema. Glorificação da máquina. Influências. Período americano de inquietação. Brasil. Terra verde. Encantamento de grandeza. Primeiro sinal de guerra. Graça Aranha. Decadência da arte brasileira. Esplendor. A queda das academias. Primeiras conquistas de originalidade. Paz. Primitivismo. Espiritualismo. Primeiras manifestações de renovação. Novas lutas. Invasão antropofágica. Nascimento do índio. Triunfo. Glória da antropofagia. Influências. Oswald de Andrade. Como o movimento se estendeu ao Espírito Santo. Revolta da desvalorização. Primeiras manifestações. Deca-

dência. Indecisão. Antropofagia. O índio Pypyápyrá. Seus valores. Afirmatismo...

"Bonde circular"... está justamente no fim. Há poucos postes para chegar. - Quando assaltado pelas idéias moderníssimas planejei a construção do "Bonde" o intuito único foi: fazer coisa que nunca se tinha feito aqui. Uma obra que definia bem o movimento espírito-santense da arte em todos os seus períodos de emancipada espiritualidade. - Circulará ligado nele um reboque. Um reboque enfeitado de esperança. É o capítulo especial que eu dedico aos menores. Figuras sem personalidade definida. Assim os poetas formistas. Os pro-sadores de protocolo. Os gramáticos. Os jornalistas simbólicos. Os descobridores e insinuadores do bom-senso. Toda a classe inofensiva que por mais se estenda nunca chega a ser notada. Esses são os passageiros sobras dos estribos. Vão pendurados às vezes. Outros caronas. E muitos com passe policial. Ainda lutam na conquista da personalidade.

"Bonde circular"... dispensa borrões. Mesmo do motorneiro. Pirandello disse que sua hostilidade por Verlaine veio por causa de um borrão numa de suas obras. Olhou a cara acanhada do poeta francês e viu logo que não se tratava de boa coisa... Por isso é plenamente dispensável o serviço de borrões.

"Bonde circular"... só focalizará figuras representativas nascidas no Espírito Santo. Ou a arte delas formada no Espírito Santo. O sr. Graça Aranha por exemplo. Jonas Montenegro não. Um por ser narrador da terra. Outro por ter apenas passado por ela. - Antropofagia dá folga aí para dizer sinceramente o valor da narrativa exaltada pelo deslumbramento da terra. Montanhas e vales. Saltos de cabeleiras brancas pelos rios estreitos e bravios. Lendas da terra. Folclore. Origem da macumba. Cansaã bem virgem...

"Bonde circular"... funcionará breve com esse programa de apresentação.

2.5 A antropofagia e a filosofia da vida

O movimento antropofágico não pode ficar setorizado aos pequenos núcleos ligados a São Paulo. A antropofagia, em si, está ligada a um sistema de idéias liberalizantes que corriam o mundo e impregnavam o pós-guerra. Transcendia, pois, os limites do Brasil, ainda que isto seja, reiteradamente, negado por Oswald ^{de Andrade}. A presença do filósofo e ensaísta alemão, Keyserling vem mostrar isto. O nome deste pensador pós-guerra está incluído no compêndio A filosofia contemporânea ocidental, entre os filósofos mais importantes das diversas tendências, ao lado de Nietzsche e Klages, como representantes da Filosofia alemã da vida.

Prescindindo do historicismo, a filosofia da vida na Alemanha nem de longe assumiu a importância que possui nos países anglo-saxões e na França. Seus representantes alemães são antes filósofos no sentido popular da palavra do que em sentido restrito. Mencionemos entre eles, Keyserling e Klages. Hermann Graf Keyserling, chefe de uma escola de sabedoria e autor do famoso Diário de viagem de um filósofo e de outras muitas obras, professa um irracionalismo aliado a um pragmatismo radical. ⁷

As idéias de Keyserling gozaram de grande popularidade de depois da primeira grande guerra mundial porque se centravam no tema da regeneração espiritual. Viajou pelo Oriente, pela América do Norte e do Sul, sempre colhendo dados para os seus livros. O Logos da filosofia ocidental que Keyserling criticava, era para ele uma ilusão, era ineficaz porque separava o pensamento e a vida. Daí a acusação de certos críticos que viram nisto uma atitude irracionalista. Mas Keyserling exigia que o Logos fosse spermatikós, isto é, seminal, e conduzisse a uma certa atitude espiritual onde

saber e viver se fundissem, onde a inteligência não permanecesse espectadora mas comprometesse sua responsabilidade com o destino: teoria e prática devem ser inseparáveis e a vida superior, una.

Keyserling escreveu muito. Compreensão criativa, 1922; O mundo que nasce, 1926; Diário de viagem de um filósofo; Análise espectral da Europa; Psicanálise da América; Figuras simbólicas; A vida íntima; Sobre a arte da vida; e o livro por muitos considerado sua obra prima Meditações sul-americanas, de 1932, além de outros escritos. Keyserling tornou-se tão conhecido que, em 1927, um estudo crítico sobre ele e sua obra intitulado La philosophie de Hermann Keyserling, de Maurice Boucher, estava na sexta edição.

2. 5. 1 Keyserling e a antropofagia paulista

Oswald de Andrade o inclui no Manifesto Antropófago:

Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos.

Este "bárbaro tecnizado" é uma alusão direta à análise que faz dos norteamericanos. O problema é tratado no Le mond qui nait de 1926, traduzido para o francês por Christian Sénéchal que também o prefacia.

Mário de Andrade o cita no segundo prefácio de Macunaíma. Mas quem desenvolve o assunto da importância das idéias do ensaísta alemão sobre a ideologia de Mário de Andrade é o livro Ramais e Caminho de Telê Porto Ancona Lopez. É bem provável que a sátira em forma de rapsódia de Mário contra a máquina e a mecanização a que foi submetido o homem ocidental, tenha partido do livro de Keyserling, Le monde qui nait, e do prefaciador Christian Sénéchal. O homem ocidental perdeu a sua "alma". Tagore tinha razão de dizer que jamais a carne e a alma humanas tiveram um preço tão vil como no mundo ocidental.

Maurice Boucher, comentando ainda os caracteres da civilização ocidental na concepção de Keyserling, dizia, em Paris, em 1927: "Pode-se perguntar, sem ironia, se o canibalismo não vai renascer um dia." ⁸

Raul Bopp também cita Keyserling no seu livro sobre a antropofagia.

Em sua visita ao Brasil, Keyserling foi assíduo frequentador da casa de Oswald, não só pelos motivos transcendentais do saber, mas também por um motivo engraçado:

Dulce, a filha de Tarsila, de uns olhos sonhadores, recém-chegada da Suíça, esquivava-se, as mais das vezes, de participar dessas reuniões. Preferia ficar sozinha, em sala privada, mexendo distraidamente as teclas do piano. O velho Keyserling estava indissimuladamente enamorado dela. Durante a sua estada em São Paulo aparecia quase todos os dias no conhecido solar. 9

Bopp o chama de velho em relação à filha de Tarsila, pois era quarentão, nascido em 1860. Outra particularidade era que também ele tocava piano. Garcia de Rezende, assessor de Atílio Vivacqua, que visitava São Paulo, dá outra versão:

Na ocasião fiquei sabendo que o filósofo Keyserling, então visitando o Brasil, foi surpreendido no portão da casa de Oswald, tentando uma difícil aproximação com a Josefina Studbaker... 10

Josefina Studbaker era uma negrinha de corpo escultural, a quem Oswald de Andrade mandava dançar um balé infernal no meio das reuniões que promovia.

2.5.2 O irracionalismo antropofágico

Irracionalismo, derrocada do intelecto, ódio à inteligência e outras expressões, cristalizam uma nova estética. Irracionalismo não é irracionalidade. Consiste na sobrevalorização da sensibilidade, na quebra do quadro estreito do racionalismo cientista que vigorou no século XIX; combate uma razão dedutiva como a das operações mentais da física moderna. Em geral certos "pensadores" do historicismo e da filosofia alemã da vida não ultrapassam as percepções sensoriais dos objetos e dos fenômenos. Este irracionalismo aspira a compreender mais concretamente a realidade. Jean Cocteau afirma-

va que os poetas modernos querem "sentir, de preferência a compreender".¹¹

Tendo falado em ódio à inteligência no Manifesto Técnico do Literatura Futurista, Marinetti se apressa em explicar, três meses depois, o que quis dizer por ódio à inteligência no Suplemento ao Manifesto Técnico. Defende a primazia da intuição sobre a inteligência. Dando relevância à "inspiração do inconsciente" e ao segundo termo das analogias, diz: "eu me proponho dar continuidade e lógica não explicativa mas intuitiva aos segundos termos de numerosas analogias, todas livres e opostas umas às outras."¹² Embora esta ~~aplicação~~^{aplicação} teórica tenha seus fundamentos já explicados pelos críticos,¹³ parece importante mencioná-la para se compreender a posição dos antropófagos, sobretudo os do Espírito Santo. Mesmo não assimilando a fundo a filosofia da vida de Keyserling, nem cooptando o anarquismo mental de Oswald, os jovens do grupo antropofágico do Espírito Santo emitiam propostas destoantes do "pensar" e do "sentir" da população provinciana de Vitória: era o irracionalismo antropofágico.

2.5.3 Keyserling segundo Garcia de Rezende

Sobre este conde rico e viajador, de 48 anos, descendente de Gengis Kan, fala a Nota Ligeira de 7 de julho de 1929:

Em todas as suas obras, porém, Keyserling anuncia o fracasso completo, asfixiante e vergonhoso da chamada cultura ocidental. Tudo que existe em matéria de arte e de pensamento está errado. As gerações atuais torão de construir uma nova espiritualidade, que não tenha o menor ponto de contato com a antiga. A obra humana, no campo da inteligência, foi apenas uma imprudente e infrutífera tentativa de saber. Na opinião de Keyserling, o chauffeur é o tipo representativo da atual civi-

lização. Com a sua mentalidade é que devemos edificar a alma do homem de amanhã. E para dar começo a essa obra urgente, a fim de que a humanidade reconquiste o seu espírito próprio, o pensador que encara os homens como símbolos, acaba de fundar uma Escola da Sabedoria. Nessa academia que nega, inicialmente, a verdade filosófica, iniciada por Sócrates, Platão e Aristóteles vai ser ensinada a mentalidade do chauffeur, isto é, do diretor da velocidade... A gente não fica, diante disso, com uma enorme vontade de concordar com Keyserling?...

Neste excerto da Nota Ligeira Garcia de Rezende diluiu demais a significação do termo Logos e tomou como programa a crítica que Keyserling faz do homem ocidental, um bárbaro tecnizado. Garcia de Rezende e Oswald de Andrade citam o filósofo alemão dando a impressão de desconhecê-lo e desconhecer suas reais proposições de renovação. A presença do chauffeur alude muito mais diretamente ao Manifesto do Futurismo de Marinetti nos seus itens quatro e cinco onde se diz: "um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais belo que a Vitória de Samotrácia. Nós queremos cantar o homem que está na direção (l'homme qui tient le volant)." Marinetti está enaltecendo o culto à velocidade.

Sobre a "força espiritual" que emana da pessoa de Keyserling, fala Maurice Boucher nas primeiras linhas introdutórias do seu livro, a história já legendária de sua influência magnética. Garcia de Rezende soube também perceber este aspecto que deixou transcrito na Nota ligeira de 27 de novembro de 1929.

Embora à distância tive oportunidade de ver, no Rio, o famoso filósofo alemão Conde Keyserling. É uma estranha figura. De estatura regular é igual aos outros animais humanos em tudo menos na fisionomia. Esta é inteiramente sua e parece refletir uma vida interior diferente. A sua atitude de pensador, pois Keyserling só se apresenta em público sob esse aspecto, irradia uma curiosa e envolvente força espiritual. Sente-se, desde logo,

a seu lado, a presença de uma fortíssima mentalidade. Uma outra coisa interessante se observa, rapidamente, em Keyserling, é que ele não faz da sua celebridade uma peça teatral. Não tem poses de "guignol" tão a gosto dos chamados gênios latinos que nos visitam por calculada excentricidade de espírito, e nem faz da sua nomeada mundial uma indústria cabotina. É apenas, uma mentalidade que se sentiu mal no velho ambiente europeu e anda pela Terra à procura de documentos capazes de sugerir idéias que ele precisa pensar.

Um interessantíssimo pensador em trânsito. Já visitou todo o mundo, sujeitando a sua cultura e a sua inteligência prevenida com a sabedoria a todas as condições climáticas e sociais. Chega a um país como um turista sem a enervante preocupação da paisagem e do exótico. Desembarca para ver e sentir e se não encontra realidades inteligentes toca para a frente. Mas entra diretamente em contato com a vida do país que visita, expondo em conferências o que aconteceu nesse meio a seu caso particular de cultura e inteligência. Já foi amplamente divulgada a impressão que colheu no Rio e em São Paulo. Em São Paulo o adversário do espírito da civilização ocidental, foi um frequentador assíduo da residência do meu querido amigo Oswald de Andrade. Ia lá todas as tardes para ver os quadros de Tarsila Amaral, a grande pintora antropofágica e para conversar com Oswald sobre a mentalidade antropofágica. E segundo depoimento deixado com o brilhante e interessantíssimo escritor a antropofagia é o maior movimento de idéias que encontrou na América. E olhem que Keyserling viajou por toda a América do Sul e esteve uma longa temporada nos Estados Unidos. Inteirando-se do movimento antropofágico, através da informação dos brilhantes rapazes que os constroem tão luminosamente em São Paulo, e em cujo convívio era considerado um antropofago de outras terras, Keyserling chegou, até, a tomar com eles o caim da sinceridade integral e a fumar o cachimbo simbólico da paz. Isto é: o cachimbo da afinidade intelectual. Não é que Keyserling deslumbrou a antropofagia com a sua solidariedade. O movimento antropofágico, de vitalidade própria, fornecida pelo vigoroso espírito da terra brasileira, não precisa de se fortalecer com adesões prestigiadoras. Porque os antropofágicos não pensam na

glória e nem nos aplausos. Registrei o fato para documentar apenas, um curioso aspecto da mentalidade do autor da Análise espectral de um continente e do Diário de viagem de um filósofo.

2.6 O congresso do antropofagia em Vitória

Depois da rápida evolução publicitária do movimento e da revista do grupo paulista, efetuada sobretudo por Raul Bopp, ligando os grupos, os núcleos intelectuais de vanguarda nos estados, pensou-se uma coisa maior. Era o grupo mineiro de A Revista, de Belo Horizonte e da Verde, de Cataguazes; era a Revista do Norte, de Recife; a Maracajá de Fortaleza; a Madrugada e a Revista do Globo, de Porto Alegre etc, que imaginaram um congresso. A Revista de Antropofagia de 19 de julho de 1929 noticiou oficialmente o congresso para os fins de setembro de 30. O grupo de São Paulo se reuniu ao grupo carioca para fazer a maquete do Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia. De fato o que aconteceu foi uma badaladíssima exposição de quadros de Tarsila do Amaral, no Rio, onde não faltaram agressões e luta corporal de Oswald. Esta exposição, em julho de 1929, propiciou, porém, a confraternização dos grupos e dos adeptos da antropofagia.

A presença dos capixabas e de Atílio Vivacqua alterou a idéia inicial. Quem o diz é Raul Bopp. O Secretário de Instrução cujo nome não se lembra é Atílio Vivacqua

que assistia casualmente esta formulação de planos, entusiasmou-se pelas idéias de um "Brasil mais autêntico". Sugeriu que o Primeiro Congresso Mundial de Antropofagia se realizasse em Vitória. Os seus membros seriam hóspedes do Estado. Festejou-se, naquela mesma noite, o convite, com os melhores espécimes da adega de Oswald. 14

A reivindicação capixaba era apoiada em motivos fortes e convincentes, no dizer de Garcia de Rezende, respondendo

a um contendor.

Num movimento mental, porém, como o da Antropofagia Brasileira de Letras, em que se procura libertar o gênio do Brasil de toda e qualquer deformação falsamente decorativa, o Espírito Santo só tem de figurar. Só tem de formar no contingente da vanguarda. Mesmo porque foi o selvagem do Espírito Santo quem primeiro protestou contra a organização social e política do velho continente no Novo Mundo: comendo o filho de um governador português. 15

Garcia de Rezende está aludindo a Dom Fernão de Sá, ^{morto} devorado nas margens do Cricaré, em São Mateus. O retorno ao início etnográfico, o Índio; o retorno ao meio físico e geográfico de um ato antropofágico, a presença de Keyserling no Rio, estão a justificar a presença do congresso em Vitória e mesmo a ironia de Bopp a mencionar o "Congresso Mundial". Garcia de Rezende dedica toda a Nota Ligeira de 6 de dezembro de 1929 ao assunto.

Vamos sediar, aqui, no próximo ano, o Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia. A antropofagia - que é, hoje, sem favor, o maior movimento de idéias do Brasil e, talvez, da América - não podia deixar de escolher o Espírito Santo para a primeira conversa coletiva da horda. Como já tive oportunidade de acentuar, foi deste formosíssimo pedaço do Brasil que partiu o primeiro grito integral de protesto contra a obra deturpadora da colonização. E esse brado de revolta - o nosso mais antigo e potente berro antropofágico - foi realizado praticamente pelos aborígenes espírito-santenses com a deglutição do filho de Mem de Sá, o prestigioso e arrogante 3º Governador Geral. Aten-
dendo-se a esse fato, que é, sem contestação, o mais audacioso capítulo da nossa formação histórica, foi que se elegeu o Espírito Santo para a sede do Primeiro Congresso Antropofágico. Não preciso dizer que o Congresso será o grande acontecimento da mentalidade brasileira, reunindo em Vitória as principais figuras da antropofagia. Virão representantes de todos os Estados, pois em todo o Brasil cresce dia a dia o número de antro-

pófagos. As teses que devem ser focalizadas, como temas destinados ao exame das atuais gerações brasileiras, em breve serão publicadas. Devo adiantar que serão apresentados estudos completos sobre o Brasil, como povo e como nação, encarado no seu verdadeiro sentido, Porque a antropofagia, como já disse uma vez, é o regresso do brasileiro ao índio, na sua qualidade de legítimo homem natural, e a partida dele, em linha reta, vertiginosamente, para a mais adiantada e culta civilização do momento. Sem regionalismo, sem xenofobia, e, sobretudo, sem falsos fundamentos culturais e sentimentais. Apenas com uma noção arrojada e claríssima do verdadeiro Brasil, dentro do mundo, e com uma compreensão exatíssima do nosso temperamento. Tanto assim que cada um está dentro da antropofagia com a sua personalidade, o seu caso humano. Não se trata, como é bom acentuar sempre, de uma escola literária ou de uma manufatura de almas e de mentalidade à civilização ocidental. O Congresso vai encarar o Brasil dentro da civilização antropofágica, que está sendo construída aqui como uma imposição implacável do gênio da Terra. O direito, a economia, a ciência em geral, a arte, a educação, tudo, enfim, que forma o fundamento espiritual e estrutural da nossa vida em face do mundo vai ser estudado com audácia e sinceridade. E como a reunião do Primeiro Congresso Antropofágico coincide com a comemoração do centenário do romantismo vamos dedicar um momento da nossa conversa coletiva à derribada literária pelo nosso processo sumário. Ainda há, intactas, por aí, algumas gloriólas literárias, artificialíssimas, erguidas pela loucura romântica, que devem ser inhamadas...

Algumas teses foram divulgadas como, o divórcio, a maternidade consciente, a impunidade do homicídio piedoso, sentença indeterminada e adaptação da pena ao delinquente, abolição do título de morto, organização tribal do Estado. Representação por classes. Divisão do país em populações técnicas. Substituição do Senado e da Câmara por um Conselho Técnico de Consulta do Poder Executivo. Arbitramento individual em todas as questões de direito privado, nacionalização da imprensa, supressão das academias e sua substituição por laboratórios de pesquisas.

Algumas propostas não eram somente utópicas mas também engraçadas. Raul Bopp fala especificamente do "berro" como um nova medida de superfície, própria da antropofagia. Nem faltou no Diário da Manhã de Vitória de 6 de setembro de 1929 um "Da taba de partim este berro pra Jorge de Lima" do João Calazans. Que vinha, pois, a ser o "berro"?

Os limites de uma determinada área se fixariam em pontos, onde pudessem ser ouvidas as últimas ressonâncias do berro. Nem todas as palavras têm o mesmo raio de penetração ao ar livre. Diferem pela maior ou menor intensidade de vibração dos sons. O berrador oficial que, para medir uma área, silabasse, em penetrante voz alta, a palavra murucutu teria naturalmente um alcance menor que com uma palavra oxítone em a ou em i: Taperebá. Ouricuri. O contorno da área de medição seria determinado pelos pontos alcançados pelo berro. 16

Que o retorno ao índio era uma proposta aceitável, tudo bem. Ainda hoje os movimentos ecológicos se batem por ideais semelhantes: o de se preservar o espaço da natureza como único meio de se salvaguardar a vida e os seus espaços mínimos indispensáveis. Mas algumas destas propostas parecem piadas e visavam apenas criar estupefação por parte dos ouvintes.

2. 7 Causas do fracasso do movimento e do congresso

Estavam os trabalhos nessa altura, dentro de um esquema de preparação do Congresso de Vitória (já com data estipulada), quando alguns imprevistos vieram perturbar o seu ritmo. diz Raul Bopp. Ele atribui a não realização do Congresso a "desajustamentos domésticos". Não só Oswald se separou de Tarsila do Amaral mas outros também se desapareceram. Um tomou a mulher do outro e com a emoção dos acontecimentos ninguém pensou mais no congresso de Vitória. 17

Garcia de Rezende em seu livro Memórias 18 dá outra

versão. Atribui o fracasso do Congresso à irrupção do movimento getulista de 1930 que obrigou os governos estaduais à revisão dos seus planos e projetos. Aristeu Borges de Aguiar, então no auge da impopularidade por causa das mortes ocorridas no comício da Aliança Liberal, teve de fugir às pressas. Atilio Vivacqua teve também de deixar a secretaria de Instrução e seu projeto da Escola Ativa, que representaria na Educação o programa modernista da literatura antropofágica, foi reduzido a nada. Voltou-se a ensinar o ABC segundo os métodos tradicionais e ultrapassados.

O inventário da Antropofagia, magistralmente feito por Bopp, deixa uma certa mágoa ao ver uma experiência tão promissora perder seu significado inicial. Em Vitória o fato também foi esquecido e passou ao arquivo do passado. Mas o ideário antropofágico continua sendo excelente matéria de estudo e de pesquisa no campo da arte literária.

3. CONCLUSÃO

As verdadeiras motivações da proposta antropofágica eram solidamente alimentadas em bases culturais européias. Mesmo falando em "só o selvagem nos salvará" (Oswaldo Costa) ou tentando explicar que a antropofagia era uma revolução metafísica, "nós, brasileiros, oferecemos a chave que o mundo cegamente procura: a Antropofagia", Oswald de Andrade não se desvencilha do "behaviour" e da "Gestalttheorie", sem falar no rosário de nomes clássicos da cultura européia. Keyserling foi apenas um rápido exemplo. Sua importância, juntamente com a obra antropofágica por excelência, Macunaíma, e mútuas relações, não foi ainda explorada.

A antropofagia literária no Espírito Santo é um episódio. Num curto espaço de tempo tentou-se instaurar a renovação literária local. O episódio apresentou uma consciência crítica das vanguardas mas não teve nenhuma obra de literatura que encarnasse suas propostas. O meio físico e cultural não se alteraram com a lufada vanguardista, antes, demonstraram que o gosto literário e estético possuem fortes áreas de resistência e não mudam com a velocidade das revoluções políticas e tecnológicas.

A história da literatura brasileira foi sempre marcada pela presença do índio, sob todas as formas. Primeiro, na literatura dos viajantes e dos catequistas. Esta literatura foi tão importante que Afonso Arinos demonstrou em tese como ela determinou marcantes correntes do pensamento europeu ocidental, da Utopia de Tomás Morus à de Rousseau e da Revolução Francesa. Depois, foi a vez do Romantismo se utilizar do índio, quer como retorno ao passado mítico, quer como afirmação da nacionalidade. No Modernismo, a Antropofa-

gia aparece sob o signo da contestação, a derrubada de todos os valores ocidentais endoccos, ao mesmo tempo em que busca no selvagem a identidade nacional. Este índio, como diz Garcia de Rezende, é um ponto de partida de uma operação orgânica ideal, origem de um processo que se pretende instaurar. Não era, pois, uma preocupação efetiva com o índio. Botocudos e tupiniquins do Espírito Santo morriam, de fato, marginalizados, culturalmente à deriva do processo civilizatório do branco.

Por trás do movimento antropofágico está a discussão do problema do primitivismo. O primitivismo do ser humano é repensado no conflito que o progresso tecnológico cria como uma possível saída e resposta. Veja-se como a obra Macunaíma de Mário de Andrade se estrutura em cima dos termos "progresso tecnológico x civilização", sem jamais resolver a questão e aponta para uma saída mítica.

Hoje o índio voltou à cena política e literária com toda a força que os meios de comunicação de massa permitem. O índio encarna uma pureza original que a parafernália do progresso tecnológico deturpa e confunde. O índio constitui uma das minorias esmagadas e em vias de extinção. Salvar o índio, preservar seu habitat é salvar um dos últimos redutos onde a utopia do homem, naturalmente bom, ainda pode se refugiar, ainda que se saiba que esta bondade natural não é verdadeira. O homem não desiste de começar o seu sonho colocando o índio no início do processo porque "certas utopias são possíveis; é preciso querer vivê-las." ¹⁹

NOTAS

- ¹BOPP, R. (1966) p. 70
- ²Ib., p. 78
- ³REZENDE, G. de. Nota Ligeira no Diário da Manhã de 1º de junho de 1928.
- ⁴DIAS, F. C. (1971) p. 47-53 e BUENO, A. S. (1982) p. 101
- ⁵FILHO, L. (1978) p. 151-4
- ⁶REZENDE, G. de. A escola ativa e seus opositores, no Diário da Manhã de 13 de abril de 1928.
- ⁷BOCHENSKI, I. M. (1962) p. 127
- ⁸BOUCHER, M. (1927) p. 61
- ⁹BOFF, R. (1977) p. 40
- ¹⁰REZENDE, G. de. (1981) p. 67
- ¹¹TORRE, G. de. (1970) y. 2, p. 144
- ¹²TELES, G. M. (1978) p. 95
- ¹³FRIEDRICH, H. (1978) p.15, 121 e 192
- ¹⁴BOFF, R. (1966) p. 80
- ¹⁵REZENDE, G. de. Nota Ligeira no Diário da Manhã de 12 de maio de 1929.
- ¹⁶BOFF, R. (1977) p. 49
- ¹⁷BOFF, R. (1966) p. 80
- ¹⁸REZENDE, G. de. (1981) ver o capítulo XV.
- ¹⁹São estes os últimos dígitos do programa televisivo XINGU, levado ao ar pela TV Manchete em 1985.

4. BIBLIOGRAFIA

- BOCHENSKI, I. M. A filosofia contemporânea ocidental. São Paulo, Herder, 1962.
- BOPP, Raul. Movimentos modernistas no Brasil. Rio, São José, 1966.
- . Vida e morte da antropofagia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- BOUCHER, Maurice. La philosophie de Hermann Keyserling. 6 ed. Paris, Rieder, 1927.
- BUENO, Antônio Sérgio. O modernismo em Belo Horizonte: década de vinte. Belo Horizonte, PROED, Imprensa UFMG, 1982.
- COUTINHO, Afrânio. In Rarsa vol. 6, Futurismo, p. 395.
- DIAS, Fernando Correia. O movimento modernista em Minas. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1971.
- FILHO, Lourenço. Introdução ao estudo da Escola Nova. 12 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1978.
- FRADIQUE, Mendes. Contos do vigário. R. J. Odeon, 1922.
- . Idéias em Zig-zag. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1926.
- FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da lírica moderna. São Paulo, Duas Cidades, 1978.
- LIMA, Alceu de Amoroso. Estudos literários. v. I, Rio de Janeiro, Aguilar, 1966.
- REZENDE, Serefredo Garcia de. Memórias (1897-1978), Vitória, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1981.
- TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro. 5 ed. Petrópolis, Vozes, 1978.
- TORRE, Guillermo de. História das literaturas de vanguarda. v. I e II, Lisboa, Editorial Presença, 1970.

MUITO SONETO E ALGUM VERSO LIVRE: 1930/50

Luiz Busatto

A revolução de 1930 marcou, de fato, uma nova etapa na literatura brasileira. O surto antropofágico nacional e estadual foi desencorajado. Mesmo assim, a década de 30 é chamada de "construtiva". Além dos poetas modernistas lançarem suas obras-primas, nunca se escreveu tanto romance de engajamento social.

No Espírito Santo, porém, com a mudança abrupta do governo, os instigadores da vanguarda antropofágica foram silenciados. Voltou a imperar o gosto pelo soneto e a se divulgar a poesia elaborada nesta forma com a complacência de todos. Rimando e metrificando, muitos autores julgaram ter resolvido o problema poético e satisfeitas as exigências da inspiração.

O parnasianismo não é simplesmente o realismo na poesia. É preciso salientar algo de mais radical neste comportamento. Toda a literatura romântica e realista brasileira está profundamente marcada por influências da literatura e do pensamento franceses. O positivismo, tão caro aos ideais republicanos de 1889, tenta reconciliar a arte com a ciência. Valoriza a história, a arqueologia e a linguística. Afonso Cláudio pontifica em sua História da literatura espírito-santense com longa dissertação sobre arqueologia e evolucionismo, crendo estar tratando de estética literária. O equívoco do cientificismo continuou vingando na geração de escritores espírito-santenses da década de 30 no que diz respeito aos postulados do parnasianismo. Que é a objetividade parnasiana, aquela estóica impassibilidade senão o "abstencionismo" perante a história, pregado por um Leconte de Lisle, fruto de seus problemas e desencantos pessoais em política? As idiossincrasias de autores franceses, por poucas que fossem, bastavam para gerar uma sequela de atitudes nos autores brasileiros. Tal é o caso do imaturo Castro Alves em relação a Vitor Hugo. Embora

cada autor francês cultivasse sua especificidade, o culto à forma parece ter sido unânime em todos eles, como exigência fundamental da beleza. José Maria de Herédia, discípulo de Leconte de Lisle, chegou a trabalhar seu livro de poemas Os troféus durante vinte e cinco anos.

Conscientes ou não de seu papel histórico e enclausurados na província, os escritores do Espírito Santo diluíram os princípios estéticos do parnasianismo numa enxurrada de sonetos de amor, de sonetos comemorativos e de circunstância num mau gosto já denunciado pelo grupo antropofágico. Vão atuar, no Estado, aqueles autores que acreditam só existir poesia quando metrificada e rimada. Assim pensa Kosciuszko Barbosa Leão¹ Augusto Emílio Estellita Lins e até mesmo um Christiano Fraga.² A melhor forma de não promover certos equívocos é silenciá-los.

Narciso Araújo (1877-1944) é o mais importante poeta capixaba do início do século XX.³ Sua dicção literária, de cunho simbolista, jamais baixa de tom ou decai liricamente. Deve-se lembrar que o Modernismo foi um desaguadouro do Simbolismo. Narciso Araújo foi eleito príncipe dos poetas capixabas em um concurso que o jornal A Tribuna de Vitória promoveu em 1941. Ganhando o "prêmio Virgílio Vidigal" oferecido pelo governador Funaro Bley, teve editada a sua obra pela editora José Olympio. O livro Poesias - 1ª série, apareceu tendo duas partes, a primeira compreendendo poemas de 1900-1915 e a segunda, de 1916-1930, num total de 71 poemas. Abrindo o livro com "Pela vida" em quadras decassilábicas, passa ao soneto e ao tema do amor também recorrente nos ganhadores do segundo e terceiro lugar, Ciro Vieira da Cunha e João Bastos. Assim se expressa em um soneto o capixaba Narciso Araújo, destacado no movimento simbolista, por Andrade Muricy:

Milícia

Do ódio e do mal, por veigas e por fragas,
com o pranto e o rir que a vida nos reparte,
irei te defendendo com a minha arte,
em versos feitos de um rumor de vagas.

Hei de erguer, por teu nome, em toda a parte,
do meu sonho o broquel e as lanças magas,
até morrer, como, em adversas plagas,
morre um soldado em torno do estandarte.

Quem ama é o defensor da mulher que ama,
- se por ela a alma toda em verso espalha,
por ela o sangue pelo chão derrama...

Tendo-lhe o nome escrito na alma louca,
deve tê-lo no olhar, quando batalha,
e, quando morre, deve tê-lo à boca.

Neste tom enceta-se um roteiro de leitura com "Símbolo", "Saudade estéril", "Ninhos II" onde se verifica a afirmação da alta qualidade do poeta chamado "o solitário de Içapemirim". Dentre os 68 sonetos deste único livro de Narciso Araujo é o caso de se estudar aquele intitulado "Ambição" cujo terceto final apresenta as seguintes variantes:

e eu só ficasse, em meio a essa felicidade,
só, nota rouca, só, sem altar e esperança
só, superstite raio exul de tempestade!

E eu só ficasse, em meio a essa felicidade
Como um nota rouca e aceira de vingança,
Como um raio enrubrado e mau de tempestade. 2

A imagística de Narciso Araujo é simbolista. O tema é sempre o do amor e do sonho, da ânsia e aspiração do Transcendente. O alto, o céu, o firmamento é o alvo; na terra, a bondade que nasce do ser humano.

Ciro Vieira da Cunha (1897-1976), paulista de nascimento, aqui viveu e desenvolveu intensa atividade cultural.

Juntamente com Narciso Araújo é dos melhores sonetistas desta década, tendo publicado Espera inútil em 1933, livro composto de 30 sonetos tendo por tema o amor. Em Alguma poesia de 1942 conquista o segundo lugar no concurso para a escolha do Príncipe dos Poetas Capixabas e o prêmio "Ulisses Sarmiento", oferecido pelo prefeito de Vitória. O livro tem três partes: ... Das horas de ânsias, ... Dos instantes de amor e ... Dos dias de saudade. Compõe-se de 47 poemas dos quais 39 sonetos - muitos deles retirados do livro anterior. Há uma permanência do código acadêmico sem grande ruptura, não fosse Ciro uma alma galante da belle époque com a qual se identifica. A esfera do lirismo amoroso o leva a escrever poemas como "Teu nome" cujo fecho diz:

Só teu nome ninguém o pode ler
 Porque por mim apenas foi louvado
 Nos versos que sofri sem escrever...

ou quando se expressa na obra prima do gênero que é o soneto "Amor":

"Esquece-me!" disseste. E, como vida,
 puseste um longo beijo em meu olhar...
 "Tudo passa na terra e, em minha vida,
 naturalmente havias de passar..."

"Não guardes a lembrança dolorida
 dos beijos que me deste sem beijar...
 Faze de mim uma canção perdida
 numa noite encantada de luar..."

- Procura o beijo que eu não soube dar-te
 na beleza feliz de outras mulheres..."
 E partiste. Mas, hoje, em toda parte,

quando passas, me vou p'ra onde vais:
 pois a certeza de que não me queres
 dá-me desejos de querer-te mais...

João Bastos (1898-1962) foi classificado em terceiro lugar, depois de Narciso Araújo e Ciro Vieira da Cunha, ficando com o prêmio "Jonas Montenegro" oferecido por João Calazans e Eugênio Sette, idealizadores do concurso. Com Caminhos da

vida, 1942, o autor apresenta um livro em que se cumpre o ciclo de uma concepção triádica: Florescimento; Frutificação; e Declínio, num total de 50 poemas. Nos 25 sonetos, mas sobretudo nos demais poemas em forma livre, existe um excesso de adjetivos, ponto vituperado pelo futurismo marinetiano e pela antropofagia de Garcia de Resende, que afrouxa o verso e a dicção poética. A tentativa de ser moderno no verso livre não o ~~libera~~^{liberta} da verbosidade sentimental dos românticos como em "Despedida":

Tinha apitado o vapor.
Conchegado ao peito amigo,
de minha mãe, doce abrigo,
eu pranteava a minha dor.

Um soneto que se notabilizou é "Salamandra":

Dezessei, anos, trinta e dois amores
- trinta e dois corações desiludidos,
pois vão ficando os seus adoradores,
uns após outros, todos esquecidos.

Tem no sorriso a graça dos albores;
exalam, quando passa, os seus vestidos,
um perfume suavíssimo de flores
que nos embrigga todos os sentidos.

Laiz, nas formas, Lígia, na pureza;
uma criança louca e caprichosa
com o porte altivo de uma grã-duquesa.

Tantos amantes a seguir-lhe os raios...
e não sucumbe nunca a mariposa,
a salamandra dos amores castos!

Amor, desejo, posse e rejeição fazem o tema central do livro que, no geral, não chega a fazer sombra aos dois outros concorrentes. Sobretudo a última parte desta obra, "Declínio", apresenta poemas que descambam para o prosaico, faltando-lhe o alento que, às vezes, se acende nos sonetos.

Rompendo a linha de continuidade do fazer literário vinculado à tradição, aparecem dois poetas de real valor e no-

"Canção terrena":

Pequeno Anjo de asas de prata, que deitas guarda ao
quando a noite tornar meu desejo como um pássaro dor-
corre ao céu e conta ao bom Deus que eu não compreendo
onde as almas só podem entrar separadas de sua vida
carnal.

Deus, anjos, catedrais, templo, incenso, círios, preces, etc., são contestados quanto à sua aceitação pura e tranquila, como reserva de paciência e de fraqueza humana. O "Poema para o velho Deus" mostra bem um conflito existencial expresso em tons quase épicos.

Outros traços se desvendam em sua lírica como aquele que privilegia a invocação. Ela se dirige a outro ser personificado e o exige como interlocutor. Na segunda parte de Festa na sombra intitulada "Do coração e da carne" continuam presentes as características anteriores acrescidas e intensificadas com a presença da cultura grega, do mundo helênico.

O que a autora deixa ao final é o desencanto de um mundo que já foi bonito e que não mais existe no presente, senão em sonho. Tal conflito ela o diz de outra forma:

És porventura ubíquo, apenas fantasmagórico
ou nunca estás, como a esperança do poeta, onde ele
coloca?

Há versos prosaicos que, às vezes, caem na mera evocação de fatos. Haydée não pôde, com este único livro de poemas, cumprir-se em trajetória ascendente na poesia do Espírito Santo, mas ficou como um brilhante marco. Há muitos poemas dignos de antologia como este "Harpejo".

Harpejo

Voz do meu amor
cheia de bonança

nesse peito rude,
quem te fez tão mansa?

Quem pintou de lua
tua voz macia,
doce murmurio
de um longínquo?

Em que circo mudo,
essas asas fluidas
pulam cordas bambas
feitas de veludo?

Gosto de escutá-la,
no meu quarto escuro,
como o arrulho morno
de uma rola viuva.

Nem teus olhos de alga
ou teu beijo surdo
tem mais sortilégio
que essa voz noturna.

Voz que nem a ausência
nem a eternidade
emudecerá:
ficará ressoando
como numa concha
fica a voz do mar...

Newton Braga (1911-1962) por índole e por circunstâncias de opção de vida, viveu na clausura da então pequena Cachoeiro do Itapemirim, enquanto seu irmão preferiu o Rio de Janeiro e o renome nacional. Embora Newton Braga tenha ^{publicado} lirismo perdido em 1945, escrevia desde jovem, estando presente, em Belo Horizonte, no movimento "Leite criólo". Seus poemas de feição moderna - o livro é composto de apenas 30 - não resultam de improvisação mas foram amadurecidos pela própria sensibilidade e talento. O tema do amor não se desdobra engavetado num soneto mas no versilibrismo da modernidade, por exemplo, de "noturno":

Qual o vosso rumo, ó pássaros estranhos
que atravessais o silêncio negro da noite,

dizendo no vôo apressado frases cortadas?

Quando passardes por sobre a casa de minha amada;
 ó aves estranhas, dizei, dizei que me vistes pensando
 nela

O sopro lírico de "Batei, lavadeiras" o iguala aos
 grandes poetas do modernismo, tendo assimilado as cadências
 do verso livre e o salto imagístico do inusitado:

Batei, lavadeiras!
 São outras as águas, são sempre outras águas: o rio
 é o mesmo.
 Só eu que sou outro, tão outro daquele que outrora vos viu
 (talvez vossas mães ou irmãs que se foram).

Batei, lavadeiras!
 Tão outras vos vejo! Mudaram meus olhos?
 mais míopes, talvez; mais velhos, cansados; mudaram...
 mudaram...

Ai, as cantigas das lavadeiras!...
 As lavadeiras eram um pedaço lírico do meu rio tão lírico.
 Cantigas... Lirismo...
 De dentro de mim que era tudo:
 do poeta adolescente que punha alma nas coisas,
 cantigas nas vossas bocas, beleza nos vossos rostos,
 lirismo nos vosso gestos.

Batei, lavadeiras!
 Tão outras vos vejo: tão pobres cansadas;
 tanta roupa por lavar, tanto filho pra criar,
 tanta luta, tanta lida...Pobre vida!
 Batei, lavadeiras!

Que vos importa eu lamente o meu lirismo perdido?
 Há de haver sempre, por certo, um poeta adolescente,
 para vos ver, como eu vi,
 e ouvir as vossas cantigas.

(São outras as águas, são sempre outras águas: o rio
 é o mesmo.)

Batei, lavadeiras!

Este notável lirismo perdido fez com que seu irmão reeditasse *mas olus*
~~lirismo perdido~~, no volume Poesia e prosa pela editora do Autor,
 no Rio, em 1963, com riqueza de dados e informações sobre sua vida e
 sua obra.

No poema intitulado "Vou por outro caminho" Newton Braga confessou seu descaído pela imortalidade quando diz:

não mais velejarei nos mares amplos e luminosos da poesia,
nem mais tentarei fincar o marco de um nome
no país da glória e da imortalidade.

Pessoalmente ele assim não o desejava mas o que escreveu, sua arte literária, indo pelos caminhos do modernismo brasileiro tornaram-no um marco dos poetas líricos do Espírito Santo.

Haydée e Newton não estão sós e perdidos no emaranhado passadismo dos que só escreviam sonetos. Há um capixaba que ainda não teve destaque na história da literatura espírito-santense. Trata-se de Achilles Vivacqua (-1943), um autor que não deixou nenhum livro publicado mas esteve presente na efervescência da revista "Leite Griôlo", em Belo Horizonte, no ano de 1929, da qual era um dos diretores. Publicou poemas na revista Verde, na Revista de Antropofagia, na revista Vida Capixaba e outras mais. Feita ou não uma coleta de seus poemas, uma coisa é certa, que ele foi um poeta modernista no autêntico sentido da palavra.

Além dos poetas destacados, grassam, no ambiente literário capixaba, como uma densa e numerosa vegetação, os escritores de soneto. Não se trata, ao se apontar este fato, de se querer rescindir o compromisso parnasiano e nem é preciso, mas o que admira é a estagnação, o fisiculturismo do soneto. Sua presença é pletórica na década de 30.

O cachoeirense Benjamin Silva (1886-1954), autor de Escada da vida 1938, em seu único livro, canta sua terra Cachoeiro do Itapemirim, sua paisagem mitificada. "O Frade e a Freira", segundo José Augusto Carvalho, é o mais recitado e conhecido soneto escrito por capixaba:

O Frade e a Freira

Na atitude piedosa de quem reza
e como que num hábito embuçado,
pôs naquele recanto a Natureza
a figura de um frade recurvado.

E sob um negro manto de tristeza
vê-se uma freira tímida ao seu lado,
que vive ali rezando, com certeza,
uma oração de amor e de pecado...

Diz a lenda - uma lenda que espalharam -
que aqui, dentre os antigos habitantes,
houve um frade e uma freira que se amaram...

Mas que Deus os perdoou lá do infinito,
e eternizou o amor dos dois amantes
nessas duas montanhas de granito!

Alvimar Silva (1911-1943), embora tenha posto fim a sua curta existência com o suicídio, exerceu grande influência na atividade literária dos anos trinta. Foi redator muito ativo da revista Vida Capixaba. Contribuiu para o ressurgimento da Academia Espírito-santense de Letras e ampliação do seu quadro para 30 e depois para 40 membros, ocupando a cadeira número 21. Publicou Clarões em 1936. Belmiro Braga elogia Alvimar Silva sem deixar de confessar o susto

que levou em receber um livro com 48 sonetos. Apenas dois poemas não se estruturam em soneto. "Isto me fez por as mãos na cabeça e exclamar, meio apavorado: - Mas, meu Deus, quanto soneto!..."

Almeida Cousin no "Prefácio inútil" ao livro fala de Clarões como sendo "uma poesia de recalcimentos e de alma introspectiva que se debruça sobre si mesma. Analítica, talvez demais, matando muitas vezes a mosca azul dos deslumbramentos". Cousin a chama também de poesia freudiana devido ao seu caráter subjetivo, estático e passivo. Alvimar expõe sua teoria poética, se se pode dizer, no soneto "Ideal":

Fazer fulgir, enfim, subtil e etérea
A imaterialidade da matéria
Na materialidade do papel!...

Densa apreensão anímica e expressiva era o seu mundo:

Mundo fechado em treva e aberto em chama,
Infinito e confuso panorama
De confusas paisagens infinitas!...

Seria o soneto "Vida" uma premonição de sua tragédia pessoal?

Quando o jardim da vida nós entramos,
Vemos, em tudo, místicos fulgores:
Sorrisos de esperança pelas flores
E prantos de alegria pelos ramos...

A alma, cheia de ritmos e cores,
Envolve-se de líricos recamos,
Enquanto, ingenuamente, nós sonhamos
O inatingível amor de mil amores...

Porém, um dia, inesperadamente,
Vem a invernia, e, numa tempestade,
Desfaz o encanto do jardim ridente,

E só nos deixa, então, minha Querida,
As pétalas sem cor de uma saudade
Na tristeza de uma haste já sem vida!...

Em toda a obra sempre se deparam cenas de conflito e de confronto em que o poeta enfrenta uma vida difícil de ser vivida. Há tons de Augusto dos Anjos, sem aquela crueza bioló-

gica e determinista. Veja-se "Desespero" que começa com o verso "A irracionalidade da monera" ou "Metempsicose" quando declara "Eu vivia no exílio enorme do meu tédio". Há toda uma face amorosa muito parecida à de Ciro Vieira da Cunha, em sonetos do amor galante, como se lê em "Ela" e sobretudo em "A carta que ela me mandou". Esta linha amorosa continua em Música de longe de 1942 contendo 46 sonetos dirigidos à mulher amada e aos desencontros deste mesmo amor. Em "Uma página da história literária espírito-santense de nossos dias" Augusto Lins diz que Alvimar Silva se mantém vigoroso, sutil, intemorato, flébil de pena e de cérebro, alpinista mental (grifo nosso) dos mais confiantes e dispostos. Deixou obras inéditas em poesia.

Antônio Pinheiro (1911-1986), natural de Guarapari, publicou um único livro de poemas, Cinza: Poeira de ilusões em 1938. Assentou-se na cadeira número 24 da Academia Espírito-santense de Letras em renovação, depois mudou-se para o Rio de Janeiro e nunca mais publicou nada. Sua poética ficou indecisa entre o passado e o modernismo. Ressalte-se, porém, o grande apreço à correção da linguagem e à elegância no dizer, pautando-se muito nos mestres da ironia. Cinza: Poeira de ilusões alinhava 23 sonetos e 8 poemas de forma livre dentre os quais "Versos antigos" declara:

Por um minuto de alegria passageira,
por um momento só de glória e de ventura,
- Vida! por que me deste a taça de absinto
que, se gera o prazer, traz, após, a amargura?

Empunhei esa taça! - e bebi o conteúdo
que nela havia, ansiosamente, como louco...
- Vi, depois que libei o almo licor da vida,
que por muito que seja a alegria - é fingida;
e por maior que seja o prazer - sempre é pouco!

Augusto Emílio Estellita Lins (1892-1982) nascido em Pernambuco, desde 1916 viveu no Espírito Santo, onde, pelos cargos de homem público se tornou notável e merecedor de reconhecido prestígio. Foi um dos renovadores da Academia Espírito-santense de Letras e a dirigiu por muitos anos. Como poeta publicou Zorobabel em 1921, onde apresenta 47 sonetos depois de manifestar admiração por Olavo Bilac e considerá-lo o maior poeta do Brasil. Reeditando este mesmo livro em 1958 reduz os sonetos a 38, justifica sete objetivos da reformulação como o de "corrigir abusos poéticos" e de "retirar do livro poesias que não estavam plenamente elaboradas". Basta ler o soneto "Amor" para se observar as variantes introduzidas, não se sabe se para melhor ou pior. Em "Nossa estirpe" conclui:

Honremos esses liames, desdobrados
De cada qual aos seus antepassados
E desde os consaguíneos aos afins,

Lembrados de que temos nas artérias
As virtudes, as glórias e as misérias
Dos parentes: - dos bons e dos ruins.

Augusto Lins se manterá fiel, até o final da vida, a este trabalhar a forma e melhorar seus poemas e livros ainda que "outras idéias tenham modificado a marcha da mentalidade brasileira" como ele mesmo diz. Depois da estréia verifica-se uma grande pausa na publicação poética só retomada depois, nos anos 50, de forma pletórica, o que o torna o mais fecundo cultor do soneto no Espírito Santo. É a permanência de código parnasiano, evidentemente anacrônico, sem jamais haver uma ruptura estética. Segue-se, pois, em 1955 a publicação de Pranto e Canto de Amor filial dedicado à morte do pai. O tema se resume em "oferenda final":

Valha este livro, enquanto melhor gesto
Não tenho, como um brado de alma aflita,
Em que um sentido bom, piedoso, honesto,
Nos marejados versos se reflita.

Da mesma forma publica Mãe querida, 39 sonetos dedicados à própria mãe, oontendo apenas um poema fora desta estrutura. É uma máscelânea de livros anteriores com novas contribuições. Segue A presença de Nossa Senhora em 1959, com 64 sonetos devocionais e mais hinos religiosos e outros poemas. O livro seguinte No enleio das velhas musas, 1961, contém cinco mil, cento e oitenta e um versos, inclusive oito sextilhas e mil e noventa e uma quadras. São 17 capítulos de crônica ora em prosa ora metrificada e enfadonha do seu itinerário poético. Espiritualidade de 1963 reúne tudo o que ficou por publicar, uns 163 sonetos de circunstância e mais 41 poemas onde o talento métrico sobrepuja a inspiração. Enfim Variações estéticas do Canaã de 1966 é o livro, para quem quiser ver mérito, que faz uma vastíssima paráfrase laudatória do livro Canaã de Graça Aranha e do processo judiciário que o inspirou. Com mais 176 sonetos aparecidos neste último livro passam de quinhentos os que publicou, o que não deixa de suscitar, tamanha bizarria, a curiosidade dos estudiosos de literatura.

Kosciuszko Barbosa Leão (1889-1979) publicou Meditações, versos de 1940 e, no mesmo ano, JT'M, reeditado em 1977. É um livro curioso pelo título e pelo tema que é o solilóquio de um frade. Parte de um trocadilho francês apoiado na representação visual das três letras impressas sobre seis linhas em forma de lanças. Je te eme en six lances soa, em francês, por Je t'aime en silence e significa "Eu te amo em silêncio". Kosciuszko deixou ainda Travos em Trovas 1973 e, em edição póstuma, Meu inverno, livro contendo uma parte de 32 sonetos e outra de 13 poemas. Há lirismo refinado neste autor que se sustém na crença em Deus e em uma profunda religiosidade. Casado em 1919 com Laura Madeira de Freitas, irmã de José Madeira de Freitas, o conhecido Mendes Fradique, dedicou-lhe "Bodas de prata" que diz no primeiro quarteto:

Nesta estrada, em que nós, há tantos anos,
Partimos juntos, nunca fomos sós.
Em nossos lábios jamais houve enganos,
Que fossem desenganos para nós.

Como Benjamin Silva também dedicou um soneto "O frade e a freira" àquele acidente orográfico e que merece atenção.

A natureza, num capricho de escultura
- Artista, que sabe a arte em seus sutís segredos-
Esculpiu os perfís, com a perfeição mais pura,
De um frade e de uma freira, em dois altos rochedos.

Uma história de amor esse quadro afigura:
Dois namorados que, por sinistros enredos,
Renunciaram, chorando, aos sonhos de ventura,
Pela vida do claustro, em místicos degredos.

Era santo esse amor. Mas, julgando-o um pecado,
A freira o confessava. E o antigo namorado,
Sem que ela o suspeitasse, era o seu confessor.

Que amor tão infeliz! Mas que felicidade
Poder - também amando, assim, depois de frade -
Ouvir da freira amada a confissão de amor.

Se por um lado mantém o mito do seu colega cachoeirense, por outro lado o poema parece enquadrar-se dentro da temática de JT'M. Este soneto tem como outra particularidade a presença do verso alexandrino. Antes de morrer Kosciuszko doou sua residência situada em ponto nobre da cidade de Vitória para sede da Academia Espírito-santense de Letras.

Geraldo Costa Alves (1919-1973) natural de Muriaé estreou na poesia com Jardim das Hespérides em 1943. O autor adere ao modernismo quanto à forma, mas o verso permanece mais prosa que lirismo e se ressentido de um palavreado típico da poesia simbolista ou penumbriista. Vê-se que não se desgarra da influência de suas leituras, antes, paga-lhes um acentuado tributo. O livro mantém como tônica, nos títulos, a repetição dos assuntos tradicionalmente poéticos, a começar pelo próprio título do livro. O tom se altera na parte final quando se acende o brio patriótico pela entrada do Brasil e do Espírito Santo na segunda guerra mundial.

Em 1944 participa de Sinfonia das ruas de Vitória, antologia que contém versos de Celso Bomfim, Ciro Vieira da Cuna e Eugênio Sette. Publicou Cem quadras 1965 sobre os mais diversos temas. Seu último livro A árvore é de 1966 e tem de interessante o tema da atualidade que louva e defende a natureza. Os 38 poemas que o compõem alternam-se, a cada dupla, um soneto, alternância mais ou menos rigorosa e de alguma forma mantém uma estrutura que divide o livro ao meio, de forma espeçular. Foi eleito, em 1947, "Príncipe dos poetas capixabas".

Outro poeta que segue esta linha, hoje considerada ecológica, é Hilário Soneghet (1904-1969). Seus amigos publicaram Por estradas curvas 1971, em edição póstuma. Deixou na Academia Espírito-santense de Letras um texto datilografado com o título Nas escarpas da vida. Conseguiu o 2º lugar no Concurso Nacional de Sonetos com "Árvore Morta":

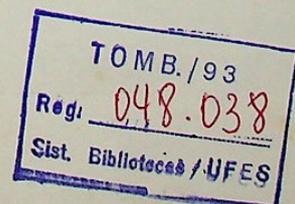
Árvore morta! Foste, em outras eras,
graciosa, esbelta, portentosa e boa;
saudaste, alegre, infindas primaveras,
indiferente aos ventos e à garoa.

Para a vaidade cheia de quimeras
eram-te espelho as águas da lagoa;
feliz, viveste, ao lado das taperas,
orgulhosa dos bens que deste à toa.

Deste frutos e flores, deste sombra,
deste agasalho ao ninho e à verde alfombra
deste perfume e deste proteção!

Faze, de mim, agora, o teu herdeiro,
dando, em troca de um verso derradeiro,
algumas tábuas para o meu caixão.

Por meio deste texto datilografado e inédito tem-se a informação de que conseguiu o 1º lugar com "Roteiro lírico de Vitória" no concurso de poesias por ocasião do IV centenário da cidade. À energia do soneto anterior segue-se um segundo digno de transcrição, como face positiva do mesmo tema.



Árvore amiga

Quantas vezes, exausto da subida,
em ti busquei alívio às minhas dores;
quantas vezes, piedosa e enternecida,
tu me atiraste pétalas de flores...

Foste-me arrimo no fragor da lida!
E ao debater-me em vão nos estertores
do desespero da ilusão perdida,
com teus eflúvios vivificadores

expulsei da alma todo o meu tormento,
curei, do corpo, toda a atroz ferida
e com a ferida, toda a minha dor...

E tive sopro para novo alento,
e tive alento para nova vida,
e tive vida para um novo amor!

O soneto, em mãos de verdadeiros poetas, consegue os reais efeitos da estesia. Em si, ele não é de uma época, mas de todas as épocas. Nota-se, em Hilário Soneghet, a maestria com que o trabalha, os efeitos procurados que se revitalizam na dicção, da mesma forma como a fez um Vinícius de Moraes.

A natureza, no seu complexo de fauna e flora, sempre esteve presente nas obras literárias, ora como pano de fundo, ora até como verdadeiro personagem. Tanto em Canaã de Graça Aranha como em Karina de Virgínia T_amanini, a presença da floresta, da mata virgem e da árvore é uma constante que deve ser levada em consideração no seu papel real e simbólico. Num simples relance, sabe-se a função e envolvimento do meio com o contexto humano. A presença da natureza é tanto mais importante quando posta em relação com o fato histórico da imigração sobretudo ítalo-germânica. O modernismo nordestino, por exemplo, legou à literatura brasileira, algumas obras primas no que se chamou o romance de 30. Não houve este fenômeno da seca no Espírito Santo. Mas se não tivemos o romance social de 1930, tivemos alguns romances da imigração.

Napoesia, a natureza adquire relevância com Er_auta

Agreste 1927 de Maria Antonieta Tatagiba. Segundo Elmo Elton

a poesia de Maria Antonieta Tatagiba, quase sempre inspirada em quadros da natureza, revela uma alma pan-teísta, de quem viveu a vida desfrutando e amando intensamente os cenários bucólico, na simplicidade e exuberância de seus momentos mais sugestivos.

Instintivamente, alguns poetas presentes à década de 30 e 40 não se contiveram perante o fenômeno da fuga do campo para a cidade na década de 60 quando o governo federal promoveu a erradicação dos cafezais no Espírito Santo. O bucolismo de Frauta Agreste vai reverter-se. Todos se aperceberam que a indústria extrativa punha em perigo as últimas reservas naturais da mata atlântica, modificando a paisagem. Neste contexto é de se louvar a presença de um Geraldo Costa Alves com A Árvore 1966 e de um Hilário Soneghet. Eles lançaram o primeiro brado ecológico, juntamente com outros desconhecidos, quando o termo não possuía ainda o atrativo e eficácia hodiernos. A modalidade de enfoque da natureza na década de 60 é de alerta contra a devastação indiscriminada que provoca já visíveis e sensíveis desequilíbrios no meio ambiente. O roteiro desta realidade é dado por Geraldo Costa Alves na primeira página do seu livro com "Perguntas angustiadas... Respostas que fazem dó".

- Que é da água das torneiras?
- A caixa se esvaziou.
 - Que é da luz das cidades?
 - A represa se esgotou.
- Que é do rio da minha infância?
- Só fio d'água restou.
 - Que é das árvores da beira-estrada?
 - O fogo tudo queimou.
- Que é das águas da cascata?
- Com a seca, já findou.
 - Que é das madeiras-de-lei?
 - Já o estrangeiro levou.
- Que é do canto dos pássaros?
- Tudo morreu, se acabou.
 - Que é do orvalho das madrugadas?
 - Até o céu se zangou.
- Que é do Poeta das Árvores?
- Ninguém a voz lhe escutou.

Elmo Elton Santos Zamprogno (1925-1988), figura ímpar da literatura no Espírito Santo, deve ser estudado como um marco. Nascido e criado em Vitória, passou a residir no Rio de Janeiro a partir de 1949 quando pôde estabelecer contato com figuras de destaque nas letras nacionais. Escreveu dezesseis livros e esta intensa atividade se verificou com o retorno à terra natal depois de aposentar-se. Novamente em Vitória, foi um instigador e fomentador das atividades culturais. Pessoalmente colecionava livros com dedicatórias, além de móveis e objetos de valor histórico. Morreu num momento fecundo e de prestígio entre os contemporâneos.

Marulhos foi uma revelação para a poesia no Espírito Santo em 1946. São apenas nove poemas, o primeiro é "Uma história praieira" cuja publicação autônoma se dera em 1945; o último, "Cantares de um terno filho do mar..." havia sido publicado em 1944. Ambos com 102 e 97 versos respectivamente, granjearam nome para o autor. Um dos quatro sonetos deste livro inicial vai aparecer com frequência e predileção, pois se trata de "Estão mortas as mãos de Sórora Clara", uma expressão do talento de Elmo e de sua aguda sensibilidade. Todos os poemas de Marulhos, menos o último, vão aparecer em 1948 no Poemas que a onda levou... que escapou ao costumeiro elenco das suas obras poéticas. Este seria um dos sete livros do gênero uma vez que inclui mais onze poemas. O Heráldicos 1950 e reeditado em 1968 apresenta poemas de amor cortês. Há sempre uma Senhora, uma Marquesa, uma Alteza, uma Princesa, uma Senhora Viscondessa nos quinze primeiros sonetos, variando o tema nos dez restantes da segunda parte do livro. Elmo Elton tem sensibilidade para com a forma. Não aderiu à iconoclastia do versilibrismo modernista. Publicando desde 1944 ele se manteve fiel à sua geração, que é a geração de 45. De agressão e demolição bastava a segunda guerra mundial e a bomba atômica. Embora os críticos mais severos definam esta geração de ultra-

passada por apresentar "o primado do verso sobre a poesia" - quem o diz é Alceu de Amoroso Lima - o fato é que eles retornam à moderação da forma disciplinada pelo metro, pela rima e pela estrofe. Neste tempo, o capixaba João Calazans, através da revista Panorama, por ele fundada em Belo Horizonte, lançava Bueno de Rivera, no segundo número da revista em setembro/outubro de 1947. Ora, Bueno de Rivera se apresentava como um dos novos e com o elogiado Mundo submerso de 1944. Elmo Elton faz jus a esta geração e é o mais ilustre representante dela no Espírito Santo, antes de Geir Campos e Marly de Oliveira. De Elmo ainda se aponta Dona Saudade 1952; Cantigas 1976; Poemas 1947-1953; e Anchieta 1984 que são 26 sonetos escritos quando da beatificação do jesuíta, em junho de 1980.

Estão mortas as mãos de Sórora Clara

Sob os clarões da lua de Castela,
Mortas estão as mãos de Sórora Clara!
Ei-las, unidas, sobre o peito dela...
Ei-las, sem vida, numa forma rara...

Moldadas como jóia muito cara,
Eram, sabeis, as mãos dessa Donzela,
Em formosura, uns mimos de Carrara,
Por certo, iguais aos lá da Sévres bela.

Sórora Clara está linda! Pálida e alva,
Ai! Pálida e alva como a estrela Dalva,
Ela parece que morreu sonhando...

É noite! E noite fria, enluzada...
Beijam-lhe as mãos... as suas mãos de fada...
Mãos que viveram para os Céus rezando!

Aqui estão apresentados alguns autores de maior destaque a partir da década de 30 e disto se julgam dignos pelas obras publicadas no gênero lírico e pela sua qualidade. Para não se fazer injustiça, veja-se a plêiade de autores que publicou livros de poemas no Poetas do Espírito Santo de Elmo Elton. Eles repetem o código poético dos demais, ressalvadas suas particularidades. A omissão se justifica, em parte, porque se notabilizaram nas mais diversas ^{áreas} das letras, em outro gênero.

A Semana de Arte Moderna não teve ressonância no Espírito Santo; e quando o movimento antropofágico de 1928 parecia repor este pequeno Estado em uma posição privilegiada na vanguarda nacional, as circunstâncias do grupo e da revolução de 1930 vieram dissolver esta expectativa. O resultado é o que se pôde apresentar. Com exceção de Newton Braga e Haydée Nicolussi e mais um ou outro, a literatura no Espírito Santo posterior ao movimento de 22 impõe à evolução do gosto estético literário um paredão de sonetos, sonetos que Menotti del Picchia, na conferência da segunda noite da Semana de Arte Moderna chamou de "recheio das empadinhas poéticas". Permanecer na cidade pequena, publicar pequenas tiragens de obras nada inventivas, não perturbar o transcurso da monotonia, isto é o que se chama provincianismo, termo vituperado por uns, intencionalmente assumido por outros. Não é difícil colecionar dois mil e mais sonetos de autores capixabas nessa época. A questão é perguntar-se "para que" e "se vale a pena".

NOTAS DE REFERÊNCIA

- 1 LEÃO, Kosciuszko Barbosa. Alma e Deus. Gráficos Borsoi, Rio, 1973, p. 13. De Augusto Lins ver "Uma página da história literária espírito-santense de nossos dias".
- 2 FRAGA, Christiano. "O presente futurista", in Vida Capichaba, 4 de abril de 1931. Aí ele diz: "Com a pretensão de renovadores, certos futuristas, ou ultrassensíveis, ou o que sejam, apresentaram-se primeiro com uma novidade das mais velhas em literatura: o verso libertado das normas da cadência e da rima."
- 3 Contemporâneos de Narciso Araújo, embora produzindo uma obra de qualidade menor, foram Virgílio Vidigal e Ulisses Sarmento. Vidigal nasceu no município de Cachoeiro de Itapemirim, em 1866, e morreu em Manaus em 1907, tendo publicado Cantos e prantos (1886) e Irídeas (1891), que contêm uma lírica suave e apaixonada, por vezes mística. Sarmento, nascido em Vitória, em 1875, faleceu no Rio em 1923. Eminentemente um sonetista, publicou Clâmides (1894), Torturas do ideal (1900) e Contemplações (1902).
- 4 A versão deste terceto não confere na edição do autor feita pela José Olympio com a edição do mesmo soneto no Panorama do movimento simbolista brasileiro, de Andrade Muricy.

A FICÇÃO: 1930/60
Renato Pacheco

I N T R O D U Ç Ã O

Qualquer periodização, em história, conquanto necessária é arbitrária e incapaz de vencer a crítica que a ela se possa fazer.

A cronologia nos ajuda, mas não deve tirar a compreensão de que serve mais como *aide-mémoire* do que como algo definitivo, inflexível e imutável. Com ela, demarcada uma realidade no tempo, de vez que espacialmente já fixamos nosso objeto de estudo, fazendo-o coincidir com uma unidade da Federação Brasileira, podemos examinar as mensagens verbais que no período foram produzidas, tentando responder à pergunta sobre quantas delas são obras de arte.

Se fixamos o período 1930-1960 pensamos em colocar no início o movimento revolucionário brasileiro, pós-quebra da bolsa de Nova Iorque, marco que fez emigrar de Vitória boa parte de seus corifeus literários anteriormente eminentes, auto-exilados face a suas notórias ligações com o governo deposto. Finda a era de Vargas e iniciada a República liberal, a situação espírito-santense continuou a mesma até 1960, quando se notam mudanças, face à formatura das primeiras turmas de letras e artes, cursos iniciados em 1953, e a um real crescimento da cidade de Vitória e do Estado de que ela é capital.

Em todo o período observamos

- 1.) autores que financiam a edição de suas obras, em geral no Rio de Janeiro;
- 2.) falta de editora local, salvo uma ou outra tentativa isolada e improdutiva;

- 3.) pequenas gráficas mal aparelhadas;
- 4.) poucos livros editados, ano a ano, e que não chegam às livrarias, como assinala Augusto Lins(1);
- 5.) movimento associativo quase nulo, com alguns movimentos de explosão criativa em 1932, 1936 e 1949.

Isto não quer dizer que autores mais antigos como Mendes Fradique não tivessem continuado seu labor; isto também não significa que escritores deste período, como Adelpho Poli Monjardim, não tenham continuado a produzir após 1960.

O que se observa é que quase não houve predecessores, com obra ampla e que pudesse servir de paradigma: algumas luzes isoladas, citadas por Afonso Cláudio(2), e na década de 20 a supracitada figura ímpar de Mendes Fradique.

Não encontramos, pois, mais crítica através da qual possamos separar o joio do trigo, mostrando certa linha evolutiva que determine o contributo pessoal a um provável estilo capixaba de escrever(3).

Não há tendências que detetar, ressaltando dos textos, em geral, a pobreza narrativa, sendo quase nenhuma a força que neles se encontra - personagens medíocres, em meio medíocre. Olha-se para todos os lados e o que se vê? Contrafação. Cópias de modelos cariocas, por sua vez cópias de franceses e ingleses.

É preciso fazer um esforço de compreensão da realidade social em que vicejou a literatura capixaba no período que vamos estudar.

A população do Estado não atingia 800.000 habitantes, dos quais 60.000 em sua pequenina Capital, a menor do país, então.

Vitória era uma cidade portuária de pequeno porte, e abrigava em sua área pequenos comerciantes e burocratas.

A crise mundial de 29, e depois a 2ª guerra, vai refletir-se em toda uma vida, primeiro de austeridade, depois de racionamento (inclusive de papel de imprensa), tornando difícil o surgimento de uma arte que depende da imprensa para explicitar-se.

A literatura era uma atividade de padres, funcionários públicos, alguns profissionais liberais, políticos e sobretudo de jovens estudantes inteligentes e desocupados, quase todos se exercitando mais no incipiente jornalismo local que nas grandes letras que só o livro dignifica. Quase não havia músicos nem corifeus das artes plásticas. Dois jornais e uma revista compunham o pano de fundo em que se movimentavam nossos atores literários.

Se na Capital este era o panorama, a esterilidade intelectual interiorana era mais visível. Um caso como o de Mesquita Netto, editando em São Mateus o pequeno jornal O Norte e livros, em sua precária tipografia, atinge as raias do inverossímil. Compreendamos que há necessidade de uma tecnologia gráfica e de empresários capazes de entender o livro como uma mercadoria para levá-los ao público consumidor.

Muitos dos textos que vamos analisar são notoriamente passadistas, com um século de atraso, principalmente pela forma corrida da narrativa, que procura contar os fatos, ajuntando-os à realidade, mal de que padecem; também, muitos autores do período subsequente. A temática também se prende a histórias de famílias, casamentos, adultérios, ambientes de pequenas cidades, nada mais fazendo do que parodiar, com nível menor, o que se fazia alhures.

O número de intelectuais era tão diminuto que não permitia certa especialização literária, além do que, em sua maioria, eram escritores medianos, de formação literária deficiente.

A vida literária era entretecida à volta dos poucos valores locais, e nunca com base num conhecimento efetivo da literatura mundial, que não poderia, pois, ser fundida com as experiências vivenciais de nossos co-estaduanos.

As inúmeras publicações literárias que apareceram, e que são resenhadas no capítulo próprio, quase todas natimortas, nada mais faziam que imitar, para pior, os paradigmas cariocas: O Malho, Revista da Semana, Fon-Fon, A Cigarra e mais tarde O Cruzeiro e a Manchete.

Falta, aos escritores, deste período, a busca aventurosa de expressão adequada. Há um conformismo em relação aos padrões estilísticos pré-existentes. Em Vitória, a reação contrária ao tímido modernismo nacional foi muito mais forte que em outras capitais, e, em certos meios, persiste até nossos dias. Ninguém, nesta fase, se comprometeu com o inesperado, o novo.

Portadores de uma cultura burguesa, os autores, dentro de suas limitações profissionais, almejam nas atividades estéticas mais um galardão curricular, sabendo que seus leitores serão quase nenhuns.

Os raros livros editados, não como mercadoria, são mal distribuídos, e, repito, em geral, pouco lidos. A biblioteca ou a simples estante de livros das casas eram simbólicas, ou só continham obras didáticas. Os amigos queriam os livros autografados e doados, mas não os liam. As poucas bibliotecas públicas viviam às moscas e primavam por não ter em suas estantes os autores locais.

Inexistiam o esforço e o labor crítico, e, de resto, autor algum amava a crítica serena e objetiva. Cremos que a falta de críticos em nossa terra (e João Calazans foi uma exceção meteórica) foi um dos fatores de tibieza das letras capixabas. As chamadas "críticas" eram em geral elogiosas, do gênero *não li mas gostei*

e que muito gratificavam o ego dos autores.

Nos subcapítulos que se seguem, procuramos examinar autores e obras de forma sintética e correta, a fim de permitir ao leitor interessado que vá aos textos, corrigindo o vezo que incorrem as novas gerações de, por desconhecimento do passado, estarem sempre começando tudo de novo.

1. Carlos Nicoletti Madeira, um esteta

Amigo Íntimo de Adelpho Monjardim, seu sucessor na cadeira 22 da Academia Espírito-Santense de Letras, Carlos Madeira precede-o na publicação de seu primeiro livro Caiçaras(4). Nasceu em Vila Velha, em 22 de abril de 1909 e faleceu em Vitória, a 20 de dezembro de 1969. Editou, com Adelpho Monjardim e Luiz Derenzi, dois outros ítalo-capixabas, a revista Canaã (Chanaan) que, no final da década de 30 marcou época nos meios literários vitorienses.

Sua principal obra, o mais bem realizado romance editado no período, é O romance de Teresa Maria (romance em fragmentos), Vitória, IO Editora, 1937, que logrou o prêmio "A cidade de Vitória" no grande concurso realizado, em 1936, pelo Estado. Inaugura Carlos Madeira o romance psicológico, intimista, numa obra de que disse o Relator do concurso, Professor Kosciuszko Barbosa Leão: "O estilo do autor é espontâneo, fluente, extenuado de preciosismos. Não há palavras inúteis, de puro adorno, calculadas para efeitos rítmicos ou sentimentais. As expressões são precisas, sintéticas e sutis. As imagens cativam pela naturalidade, pela adequação às idéias, pelo colorido sóbrio da forma. Toda a linguagem é reticenciada de subjetivismos. Não há pormenor ocioso, nem na pintura das paisagens, em que, aliás, se revela vigor de observação. As palavras explicam menos do que sugerem" (...) Livro "para intelectuais, para estetas, para os que sabem sentir e pensar." (5)

Raul, colega de Osvaldo, é apresentado a Teresa, mãe dele, formando-se entre os dois forte elo de simpatia. Ao morrer, Teresa deixa-lhe um pacote com suas confissões, que contam seu amor secreto pelo pai de Raul, Caio de Andrade, e que constituem o romance propriamente dito.

Vitória, para Carlos Madeira, "vista da terra é linda, vista do céu é maravilhosa" (p.46). E, "lá fora as árvores adormecem, há como um grande incêndio no céu e o Penedo é como um coração de granito; dentro de mim anoitece".

Com uma pequena obra (publicou mais uma tradução de Saint-Hilaire na parte referente a Espírito Santo e um texto para crianças dedicado a sua filha Lissu) Carlos Madeira é nome que não pode ser esquecido neste estudo sobre nossa ficção de 30 a 60.

2. Adelpho Poli Monjardim, prolífico ficcionista

Adelpho Poli Monjardim, filho de nobres, desportista em sua mocidade, comerciante e político por acaso, deve ter sido um adolescente ávido por leituras, principalmente as obras de aventuras. Daí surgiram seus primeiros livros, O Tesouro da Ilha de Trindade e A Torre do Silêncio, elogiados por Roberto Lyra e Edith Magarinos Torres em A Noite e Dom Casmurro, do Rio.

Consagrado com a publicação de mais de uma dezena de livros, não só de ficção como ensaios geo-políticos e históricos, frutos de uma longa vida dedicada à literatura(6), já na década de 30, Augusto Lins o mostrava como exemplo de "condições e propriedades literárias pouco comuns".(7)

O tesouro da Ilha de Trindade, Rio, A Noite, 1939, é seu primeiro livro publicado, aos 39 anos de idade. Em prefácio da

tado de 1.12.1939, Raul de Guinazu lembra que "quem conhece Monjardim, esse *gentleman* esportivo e elegante, *causeur charmant*, aristocrata de raça, não estranha a finura e a delicadeza de suas descrições". Este romance de aventuras guarda familiaridades com as obras do gênero, com influência confessada de Stevenson, quando diz o autor que Trindade é a ilha do Tesouro do escritor inglês (8). Quem narra a história é o médico Ricardo William Taylor, conhecido como Dick, filho de inglês e brasileira, que acede ao convite de Martinho da Nova, seu companheiro de infância, para irem procurar um tesouro na ilha da Trindade. À página 15 há uma tônica que, por 40 anos, iria perpassar na obra de Monjardim: "o mundo caminha para a paz. Dentro em pouco não ouviremos mais falar em guerras". Aprestase uma viagem, no Albatroz, e a ilha é minudentemente descrita. Para aumentar o tom aventureiro, uma clandestina a bordo aparece - a filha do Mestre Rodrigues, capitão da embarcação. As terras de Trindade são descritas: "Que cenários selvagens! Escuros molhes graníticos, franjados de arestas pontiagudas e desnudas, erguiam-se para os céus qual braços retorcidos a implorarem clemência para tão grande desolação. Um mundo à parte, dir-se-ia, criado pela imaginação doentia de um cérebro doentio, palco adequado às personagens truculentas da flibusta." Os diversos acidentes geográficos da ilha, os Picos Desejado, da Vigia e do Pão de Açúcar, o da Trindade, o Morro da Tartaruga, a Praia do Andrade, são descritos. A aventura prossegue com a descoberta de que há um estranho na ilha, solitário que embosca os viajantes. Histórias são contadas por marinheiros - "Eram quase as mesmas (histórias) que eu ouvira em criança dos pescadores da Capixaba. A ilha seria habitada por almas penadas de antigos piratas que ali ocultaram grandes tesouros."

O grande tesouro é achado e perdido em luta com o solitário, para sempre "sepultado no pêlago insondável sob a guarda incorruptível dos fantásticos povoadores dos sombrios abismos marítimos."

O livro tem todos os ingredientes de ação de um bom filme de aventuras. À moda de Hollywood o autor promete Trindade II, mas nunca o fez.

Há, no Tesouro da Ilha de Trindade uma coerência entre o autor e o ambiente, que estudou com os olhos de geógrafo. Mas, falta-lhe a coerência entre as personagens e o ambiente. São pouco convincentes tanto o médico capixaba de origem inglesa quanto o seu amigo da Marinha, assim como o Mestre da lancha e sua filha, todos deslocados nesta viagem.

Novelas sombrias, Rio, A Noite, 1944 recebeu o prêmio Muniz Freire, em 1936, do Concurso Científico e Literário do Estado do Espírito Santo. Em "O estranho caso de Phelippe Auguste Gringoire" a ação se passa no Rio de Janeiro, e o autor cita Conan Doyle, Edgar Wallace e outros ases do folhetim policial (p.7) que encantara suas leituras de adolescentes. O tesouro dos jesuítas é baseado numa Secreta Itinera deixada pelos inacianos e, tema recorrente, os buscadores de tesouro, que se hospedam no Hotel Majestic, em Vitória, vão buscá-lo em Caçaroca, pequena povoação nos arredores de Vitória, à margem do rio Marinho (p.26). O autor, creio que pela primeira vez em nossa literatura, coloca como personagem uma figura real, o dentista Aristóteles Santos, que realmente teve consultório à rua 1ª de Março, nesta Capital. O fantasma da casa grande lembra o Solar Monjardim, de propriedade de sua família. O Sr. Bill, personagem (102) é coincidentemente o cognome familiar do próprio A. Há sessões espíritas, como em Pirandello, e o sino da casa grande, como exorcismo, é doado a igreja do interior. O fazendeiro, O feiticeiro e O lobisomem, três novelas, transportam o leitor para a serra da Bocaina, em São Paulo, e para o rio Madeira. Em "O convidado nº 13" lembra o autor sua própria situação de capixaba que ia estudar no Colégio Americano do Rio e se hospedava na Voluntários da Pátria no Palacete de seu parente General Guaraná, que relata como

perdeu um braço na Guerra do Paraguai.

Em Torre do silêncio, Rio, A noite s/d, há nítida influência da literatura e do cinema. O Sr. Bill da obra anterior se torna o Bill, repórter do Star, nos Estados Unidos da América, e faz viagem de 20 minutos à lua através de sortilégio de um cientista indiano, Mestre do Himalaia, que se dedica ao "emprego da alma em pesquisas pelas regiões do universo, onde as distâncias e o frio superam tudo que a imaginação possa criar" (p.27). Em "Uma noite de horror" somos transportados, em junho de 1901, à terra do Amambai em busca de um estranho Nidac. "A torre do silêncio" se passa em Piccadilly, em Londres, e é "estória" do Coronel Sir Archibald Moran quando servia no 19º de Infantaria do Pundjab do Imperial Exército da Índia. A imaginação de Monjardim se espalha e vai a Innsbruck em "O satanaz de Iglanvaburg", ao Tibê, em "O purba", e às Bermudas, numa volta ao conto marítimo em "O diário do Medusa de Marselha", onde se relata luta com estranho monstro.

Ausente das livrarias, como ficcionista, durante quase trinta anos, Adelphi Poli Monjardim publica em 1976 Um mergulho na pré-história ficção científica cujo desenrolar se passa no Centro Oeste e na Baixa Amazônia. A expedição inglesa Summerville vai à região do Araguaia, com todas as peripécias de uma expedição à selva, inclusive com choques com alemães de Herr Fritz e japoneses de Tanaka. Os fatos ocorrem pouco antes da 2ª Guerra Mundial e os personagens acabam encontrando animais pré-históricos e 4 ovos de dinossauro, fotografados para o Pall-Mall. Anotamos alguns espanholismos estranhos em autor tão purista. A paisagem cambiava (p.321) e passamos uma noite em branco (p.332). A coexistência do homem com os grandes sáurios negada pela ciência é apresentada pelo autor (p.338) num vale sem saída (p.353) onde morre um sáurio (p.354) "tão grandes as suas mandíbulas que de uma bocada partiria um homem ao meio" (p.354). Penetram os pesquisadores numa extraordinária caver

na e "peregrinaram quatro horas pelas sombrias abóbadas daquela catedral subterrânea, e, em igual tempo, desandaram milênios da História da Humanidade" (p.358/363). O amante de ficção científica encontra neste mergulho um magnífico exemplar das técnicas que o gênero costuma usar.

Em Sob o véu de Isis, Monjardim volta aos contos. Em "O Enigmático Sr. Constantinus" - um E.T., ao longe, numa orgia de luz, o sol poente refletia-se nas águas tranqüilas da baía de Vitória. A conversa entre Constantinus Zalokostas e Daniel Poniatowski se dá no Clube Ítalo Brasileiro, ali na Ilha do Boi, à vista do Convento da Penha, e se discute o Porto de Tubarão e o futuro de Vitória, que "será a Pittsburg da América Latina" (p.13). O conto volta, outrossim, ao tema da viagem à lua, já versado em Torre do silêncio. Em "A maldição de Franz Scopell" os fatos se passam na Serra do Caparaó e no Pico da Bandeira, mas o autor comete um engano localizando-os no município capixaba de S. José do Calçado. O uso de estalagem (p.54) e estalajadeiro (p.42) também é inusitado, na região. Em "O transplante" há o uso ficcional de uma técnica operatória moderna, no banqueiro Marchesini, no Rio; "A Ilha" relata um caso de José Cação, o pescador, e mais uma vez uma personagem real ingressa em sua ficção: trata-se do falecido jornalista de A GAZETA Edgar Gomes Feitosa (p. 93). Em "Ilha do Francês", pela terceira vez o tema do tesouro é versado por Monjardim, que volta a Londres, em "O Ídolo" e ao interior do Amazonas em "O Vale da Morte", aventurando-se por Rivera, no Uruguai, em "O retrato".

Os Imigrantes, Fortaleza, Henriqueta Galeno, 1980, é talvez o livro mais bem estruturado de Monjardim: um nobre arruinado deixa Florença, em 1875. Aqui o Conde Luigi de Castiglione vem para o Espírito Santo, convocado por Pedro Tabacchi, e segue para São Paulo, onde vão passar-se os sucessos mais importantes do reconto o qual se encerra com final feliz.

Recentemente, 1988, Adelpho Poli Monjardim lançou pela Oficina Letras & Artes, O Brasil no ano 2100, que ele intitula ensaio, mas que poderia ter uma leitura ficcional de vez que a história se inicia em Vitória, em 16.09.2100, relatando a visão do mundo de Sorel, prêmio Nobel de História e pacifista confesso e ativo.

A que escola se filiou o autor que estamos examinando? A nenhuma, diríamos, embora reconheçamos o caráter barroco de seus escritos. A pertinência de sua temática é evidente, e encontramos nele um vezo geográfico - para ser universal fugiu ele do regional e ambienta suas peças nas mais longínquas regiões do globo.

Qual o sentido de sua obra?

Uma leitura renovada dela nos leva à resposta que o próprio Adelpho Monjardim deu à revista Cuca: "Eu gosto muito de fazer ficção. Pra mim o maior escritor é o ficcionista. O historiador não cria nem pode inventar. O ficcionista cria tudo, cria o fantástico. Eu sou o único aqui que escreve sobre o fantástico(sic). E o governo continua não dando apoio às letras e às artes em geral. A Academia Brasileira de Letras não tem um só representante do Espírito Santo. É esse o valor que as autoridades dão à literatura. O governo não se interessa. Eles acham que o escritor é ocioso. Aqui no Estado é até um vexame dizer que se é escritor. Eu não digo não." (9)

3. João Calazans, um escritor *sui-generis*

João Calazans é das mais complexas personalidades de escritor capixaba. (10)

Natural de Vitória, não lhe localizamos o assento de nascimento. Estudou no Ginásio Espírito Santo, onde, segundo a lenda, foi estudante terrível. Filho de José Calazans P. de Azevedo e

de Terezinha Calazans, ele relojoeiro e professor de modelagem (11) ela professora primária. Bacharel em Direito. Revolucionário paulista em 1932, foi preso por suas idéias comunistas. Passou a década seguinte em seu Estado natal, exercendo a profissão de jornalista. Proferiu, em 7 de março de 1936, conferência no Rotary Club de Vitória(12). Em A TRIBUNA, com Eugênio Sette lançou bem organizado suplemento literário, que elegeu Narciso Araújo Príncipe dos Poetas Capixabas. Graças à amizade com o Interventor Santos Neves passou a dirigir a Coleção Autores Capixabas(13). Com a redemocratização do país foi para Belo Horizonte, onde editou a revista literária Panorama e depois para Recife, onde também editou revista Crítica. Na Capital pernambucana veio a falecer, em 1976.

Seu romance Pequeno Burguês, datado do Rio, dezembro de 1933, só foi publicado em 1952, pela Livraria José Olympio Editora. Narra episódios vividos em São Paulo por Leandro de Albuquerque, jovem nordestino de Propiã que se filia, medrosamente, ao Partido: "que grande orador era Leandro: Ninguém podia dizer que o Partido estava fraco de oradores, pois ali estava um verdadeiro guia da massa oprimida" (p.19). Arregimentação de tecelões no Brás ou no Ipiranga, na IRFM, prisões, deportação para o Uruguai, nova prisão, amor com a "trotskista" Clemência que depois se bandeia para os integralistas, recebimento de uma herança do padrinho Florêncio, a riqueza muda-lhe os planos, por pouco tempo, pois o padrinho não morrerá. A desilusão de um pequeno-burguês "fatia de queijo entre duas bandas de um pão - burguesia e proletariado" (p.174) faz com que Leandro tome um trem na Estação Norte e "lá se foi" (p.175).(14)

Não é a obra que seus conterrâneos esperavam de Calazans. Anuncia ele, em Pequeno Burguês, dois livros "de próxima publicação", que seriam do maior interesse para nossa terra: A Ilha em pânico e História Literária do Espírito Santo. Onde andarão estes livros?

Veríssimo de Mello, em conferência, em 1980, na Universidade Federal do Espírito Santo, definiu bem: "João Calazans, homem culto, escritor de talento, alma generosa e amiga, não teve tempo e nem sossego para realizar a obra literária que nos poderia ter dado. Sua vida foi terrivelmente atribulada e dispersiva. Além do seu livro, Pequeno Burguês e sua revista, deixou-nos, contudo, lembrança inapagável de sua figura humana singular. Ele soube carregar, sobre os ombros, como um bravo, sua adversidade. E lutou, lutou muito, até os últimos dias de sua vida, para sobreviver de cabeça erguida ante a fúria desencadeada pelos ventos do seu fado tão amargo." (15)

4. Outros Romancistas

A.) LEVY ROCHA

Levy Rocha nasceu a 14 de março de 1916 em São João do Muqui, filho de Emílio Coelho da Rocha e D. Vicência Cúrcio da Rocha. É nosso maior bibliófilo e um dos mais distintos historiadores espírito-santenses. Seu romance Marapé, conquanto editado pela Revista Continente Editorial do Rio, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, em 1978, entra neste capítulo por se referir a uma realidade capixaba dos tempos da Revolução de 30. Romance regional, Marapé conta, com linguagem elevada, os fastos de uma pequena vila interiorana do Espírito Santo, seus coronéis, soldados, professores, homens e mulheres do povo. Há uma correta aplicação do folclore e do linguajar popular (16), bons diálogos e, dentro da mesmice interiorana, movimentação constante de crimes e festas que vão acabar em tragédia, maior para o povinho local do que a revolução de que só tomaram notícia pela passagem de um trem carregado de tropas, a caminho para tomar Cachoeiro (p. 146). Quinze anos depois o farmacêu

tico Romário, personagem do romance (seria calcado no ilustre escritor Almeida Cousin?), passando pela vila rabiscaria na capa de um livro:

*"Este lugar mudou de nome,
Agora chama Marapê;
Se não é vila nem cidade,
então, me digam o que ele é ..."* (p. 151)

fazendo *pendant* com a quadrinha inaugural:

*"São Felipe não é vila
e nem cidade,
é um lugar pequeno
cheio de novidade."* (p.7)

B.) JOSÉ TATAGIBA

José Tatagiba, magistrado, mais poeta que prosador, nascido em São José do Calçado em 1896, é autor de Os torturados, Rio, Of. Gráfica Jornal do Brasil, 1935, elogiado à época do lançamento por Augusto Lins. (17) Livro palavroso, enfadonho, mistura personagens reais do Estado do Rio e do Brasil, Nilo Peçanha, Pinheiro Machado, Cesar Tinoco, Azevedo Cruz, Joanídia Sodrê, Carmem Miranda, Raul Pederneiras e Procôpio Ferreira com as de ficção propriamente ditas. A história começa com a chegada a 01.04.1890, da chata Celeste ao porto fluvial de São Mateus, norte do Espírito Santo. Aí o coronel João Vieira se associa com João Luiz em negócio de serralha, e o sócio se casa com Elza, filha do Coronel. O casal se muda para Campos, RJ e a história perde interesse para os capixabas, com os lances do adultério da segunda esposa da personagem, sua loucura e assassinato do filho. Há uma interessante figura, Rosental Capivara, o poeta dos charutos, que merecia ser melhor explorada. Depois de 203 páginas, chega-se ao final feliz com o casamento em "altar doirado de dois belos jovens".

C.) JOSÉ WANDEVALDO HORA

Em 1957, pela Imprensa Oficial, o bancário José Wandevaldo Hora, sergipano falecido no Rio, em 1977 (6.12.1920-13.05.1977), lança Os cataventos têm sua música, que versa a vida em Rio Verde, a princesa do sudeste goiano, com as loucuras decorrentes dos altos preços do gado zebu. Aqui registramos a obra, por ter sido editada entre nós, e por aqui ter vivido o autor.

D.) WALDIR MAGALHÃES PIRES

Na mesma ocasião, e nas mesmas circunstâncias, o Tenente do Exército Waldir Magalhães Pires lançou em Vitória Sangue, Amor e Neve que conta episódios da Força Expedicionária Brasileira, na 2ª Guerra Mundial, na Itália.

E.) ARMANDO OLIVEIRA SANTOS

No final do período, mas escritos antes, Armando Oliveira Santos lançou dois romances: Targo, romance (O cachorro do circo Samy), Rio, Pongetti, 1961, memórias de um cachorro captadas telepaticamente por um aparelho atômico (18). A seguir, lançou Solar de Itaparica (biografia romanceada), Rio, Pongetti, 1963, com prefácio de José Condê (19). O autor relata suas ligações com Portugal, "menino e moço me levaram de casa de meus pais" mal parodiando Bernadino Ribeiro, sua infância na rua 23 de Maio, a escola de Dona Terezinha Calazans (mãe do escritor João Calazans), as regatas, o casamento do irmão Alberto com Dona Lucila Avancini, homenagem poética aos filhos Antônio José, Paulo Diniz e Maria Teresa e à esposa D.Nair (p.255/256). Livro em que se nota a falta de uma boa revisão, mas que não deixa de ter alguma importância como documento.

5. Quatro autoras de romances

Quatro são as principais romancistas, no período que estamos resenhando: Virgínia Gasparini Tamanini, Neida Lúcia Moraes, Margarida Pimentel e Felicidade Mêia. (20)

A.) VIRGÍNIA TAMANINI

Virgínia Tamanini nasceu na Fazenda Boa Vista, no Vale do Canaã, Santa Teresa, a 4 de fevereiro de 1897. Autódidata, e cercada por parentes cultos, um irmão advogado, um cunhado jornalista, dedicou-se à poesia, ao romance e à pintura. Já em 1922 publicou, sob o pseudônimo de Walkiria, o romance-folhetim Amor sem mácula, em O Comércio de Santa Leopoldina. Em plena maturidade, resolveu passar para o papel a história de sua família e publicou, em 1964, Karina, já em 11.^a edição (1985) e traduzido para o italiano, que conta, de maneira cinematográfica, a vida e as dificuldades de Dona Catina, sua genitora, uma imigrante italiana tentando adaptar-se ao interior do Espírito Santo. Seguiu-se-lhe Estradas do Homem, Vitória, 1977, uma continuação de Karina, em que seu casamento e lutas são narrados, mas que não logrou o êxito da obra anterior.

O poeta Sérgio Blank assim se reporta à principal obra de Virgínia Tamanini: "Aparentemente Karina de V.G. Tamanini demonstra ser um texto sentimental, e um tanto piegas ou ... catito. Mas não é bem assim. A narrativa feita com paixão e ternura acaba conquistando pelo carinho que deixa sempre transparecer. Tanto pelas personagens retiradas do cotidiano de seu passado, quanto pela forma direta e a necessidade de passar com delicadeza para os outros estas estórias, guardadas mesmo é no coração." (21)

B.) NEIDA LÚCIA MORAES

Neida Lúcia Cunha Moraes nasceu em Vitória, em 12 de junho de 1929. Em 1967, com prefácio de Benjamim Moraes Filho(22), lançou o romance Olhos de ver. O velho juiz, Dr. Rômulo, conhecia pouco o seu mundo, e não tinha olhos de ver as personagens a seu redor, porém o jovem Ricardo pode descrever a vidinha pacata de uma cidade morta, suas brigas políticas, sob o pano de fundo da era de Vargas, seus amores, as lutas dos Drs. Jorge e Lima, em prol da cidade. Nesta obra, premiada pelo Instituto Nacional do Livro, há um intermezzo vitoriense (p.30 a 35) em que o adolescente Jorge sobrevive como garçon e encontra um amigo.

Sete é número ímpar, com prefácio de Austregésilo de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras(23) é edição de 1971, e versa a problemática política da geração de 68, perdida em meio à ditadura, e envolvida em dúvidas no que tange ao futuro e à esperança. Passando-se no Rio, em Praga e Amsterdam, o drama de Marcos, André, Dalton, do professor Anselmo, foi um pouco o vivido por milhares de jovens metropolitanos brasileiros naquele conturbado período de nossa história.

Em 1987, através da Dois Pontos Editora Ltda. do Rio, Neida Lúcia Moraes lançou seu último romance, Simbiose, que segundo o prefaciador José Augusto Carvalho são vários romances dentro de um, numa mistura de realidade com ficção. Vê-se, coisa rara entre nossos escritores, o uso correto do folclore como no caso de João e o pé de feijão. A estória é análise do mundo atual, com discussões algumas vezes longas. Fala em coisas do Espírito Santo, Camburi, Penha, Clube Libanês (p.89-91) de onde são Sílvia e Sebastião, personagens principais que se mudam para São Paulo. São quatro profissionais liberais reptados por um jornal paulista a que escrevam um livro (p.90-259) o que dá colorido e força ao texto.

C.) MARGARIDA PIMENTEL

Margarida Sodré Pinto de Souza Benatti Lena Pimentel nasceu em Vitória, em 8 de fevereiro de 1936, filha de Natal Pedro Benatti Antonini Lena e Elize Sodré Pinto de Souza Lena. Autora de Apenas um homem, Edições do Val, Rio, 1965, cujas cenas se passam em Petrópolis, Vitória e Guarapari, com descrições do Morro do Penedo, Praia de Santa Helena, do Vento Sul, do Morro da Fonte Grande. A heroína nasce um filho "nem um sábio, nem um herói, Apenas um homem". (24)

Em 1967, através da Livraria São José do Rio, Margarida Pimentel lançou Vento Macho, livro de crônicas com prefácio de Alexandre Passos, em que se destacam "Leão sem juba", "Nota dez", "O futuro a Deus pertence", "Falta paz interior" e "Meu filho" mas textos de qualidade inferior ao dos dois romances publicados.

Adultério sem flagrante, Rio, Eldorado, 1975 busca "a perfeita harmonia de duas vidas que nasceram uma para outra" e tenta descrever um amor que nos transporte ao irreal e dentro dos devaneios se fortifica e cresce (p.66).

Margarida Pimentel anuncia mais os romances, em preparo Chaminé de barro, República dos bodes e Dois maridos e um cavalo.

D.) FELICIDADE MÉIA

Felicidade Albertina Méia, de origem humilde e rural é uma comprovação da luta por um ideal - o de se tornar escritora. Nasceu em São Miguel, no interior de Guarapari, e trabalhou de 1943 a 1973 na Administração do Porto de Vitória, hoje CODESA. Publicou Joguetes do Destino, 1965, Meu filho meu juiz, 1967(6), Se o silên-

cio falasse, 1969, todos pela Pongetti do Rio, e em 1984 O Banco do Jardim, pela gráfica da Fundação Ceciliano Abel de Almeida.

Veja-se, na abertura de Meu filho, meu juiz!... como a autora introduz o tema aos leitores "Estava uma linda manhã de primavera. A própria natureza, creio, que revelaria se possível fosse sua felicidade diante da magnificência daquele fenômeno, de que ela mesmo era criadora. Ernani e Lauro, filhos do casal Ormino e Izabel Rodrigues, brincavam no jardim em frente à casa fazendo suas traquinices ..." D. Izabel, obviamente, cuidava de seus afazeres domésticos. Em Se o silêncio falasse é narrada uma excursão marítima de um grupo de bandeirantes, à moda de guia turístico, e são notórias as influências das novelas de rádio em Joguetes do destino. À página 34 de O Banco do Jardim, mercê da espontaneidade, há um excelente depoimento sobre a vida interiorana no E.Santo(25). Ultimamente a autora escreveu Monólogo do Sol, inédito.

6. Os contistas

É pobre a produção de livros de contos, na literatura capixaba, no período que estamos estudando.

A.) ALMEIDA COUSIN

Almeida Cousin(26), conquanto tenha publicado seus melhores contos na extinta revista Vida Capichaba, de que foi redator, só divulgaria em livros uma pouca de estórias em 1985, em Contos de Aiamor, edição da Academia Espírito-Santense de Letras, 1985. São dez estórias curtas - A serenata de Schubert, A heroína desconhecida, Caboclo Estúrdio, Ciúme, Preconceito, Veneno, Dorival Morentil, Conta falida, Taistruff e O tempo correu para trás, em que, num

linguajar clássico, o autor é moderno em seus temas, inclusive como precursor da ficção científica, em suas perquirições sobre o tempo. As personagens destes contos são gente da cidade e do campo, da Europa e do Brasil, gente estranha, esquisita comparsaria, movendo-se, viva, em atmosfera de sonho e mistério - amor e morte, na fórmula eterna. Tem Almeida Cousin outro livro de contos O veneno do sexo, inédito.

B.) CRISTIANO FRAGA

Identicamente a Almeida Cousin, temos Christiano Ferreira Fraga(27) que em seu livro Lembranças, Rio, 1978, publicou contos, casos, versos. São 19 estórias curtas - A moça do retrato, Feitiço tropical, Conversa de amigos, A história do esqueleto, Diagnóstico e tratamento, Uma na folha, Penso que pago, Café e polenta, Gratidão, Estaca zero, O fantasma cor de conhaque, Xicrala, Os pobrezinhos, Acima da lei, Dois casamentos, Presente de Natal, Andressa querida, Conceição e Notícia de enterro.

Uma velha que já foi moça, um francês perdido nos trópicos, anedotas, folclore, casos de médicos, histórias de Campos e do interior do Espírito Santo, o autor se mostra um observador atento e produtor de um texto escorreito, em que se destaca a célebre história de seu próprio casamento (p.78-79).

C.) CLOVIS RAMALHETE

Clovis Ramalhete, em 1940, já ganhava com Ciranda o prêmio Vecchi de Romance. É a história de uma pensão no Catete, e segundo seu depoimento só entrou no concurso por insistência de seu amigo Guilherme de Figueiredo, que mandou datilografar os originais e o inscreveu no Concurso. Em 1966, pela Martins, lançou O Anjo

torto, com alguns contos de boa feitura como "Lambe-lambe, estória de um fotógrafo que faz um furo"; "Leontina da Cruz, estória de uma meretriz da Rua Santo Amaro", e sobretudo "O piano, o grande conto capixaba", também uma história de um representante comercial humilhado e ofendido: o médico Dr. Teobaldo, chamado para examinar o herói, diz (p.138): "Diagnosticar o Astério assim, sem exame, é difícil, mas posso tentar. Esclerose cerebral, paranóias, ou se quiser velhice e despeito. É o sol amargo da vida, a espoliação... Sei lá? Um pouco de tudo isto. Os livros não sabem nem eu. Sô sei o que posso lhe dizer. - Nada de processo, para a lei ele é irresponsável, conheço-o bem. Olhe, vocês não prenderam um homem, prenderam um baço."

D.) PAULO ALVES

Paulo Alves, filho e irmão de escritor(28) na década de 40, com o livro de contos Albertina parecia ser a mais promissora estréia da literatura capixaba de então. Tendo feito concurso para a promotoria e constituído família, inexplicavelmente abandonou a literatura. Que desencanto teria levado escritor tão bem dotado a abandonar a literatura? Dificuldade de editar, como ironicamente expressa na abertura de Albertina? Não o sabemos, e o próprio autor, consultado, foi reticente, negando-se até a fornecer os mínimos dados autobiográficos.

Albertina são doze contos, onde se antecipa o uso da Metalinguagem, como no pirandelliano "O autor e o personagem". Há, outrossim, fortes traços locais como o registro do tempo dos bondes (p.57-59) e a presença do "tintureiro", falar regional significando carro de presos (p.74). São doze contos: O autor e o personagem, Não devemos aplaudir o craque, Papai Noel e o Super-Homem, Albertina, Pri

ma Lúcia, Beijinho, Notícias de Verinha, O anel, É hoje, é hoje, é hoje, O desfecho querida, O carro e Medo, que mereciam uma segunda edição.

E.) RUY CORTES

Pela edição tardia de velhos textos, José Antônio RUY CORTES(29) reproduz a trajetória literária de tantos outros autores capixabas, do período. Em 1972, editou pela Pongetti, Makako Marenko (com glossário) em que o autor pretende, através de uma conversa, entre Poti, Zemendes, Mr.Williams, Von Fritz e Abaré, contar uma estória da história, a origem do homem e da cultura. Outros contos: A febre, A medalha, As baboseiras do Machinda, O toque-toque da muleta de Anita, Rainha das flores, O complicado coro do Sr. Antunes, A fronteira, A lagartixa de dois rabos, A conta, O troco, A máscara iluminada, O segredo e O sinal. Em 1981, através da Editora Henriqueta Galeno de Fortaleza, Ruy Cortes lançou As pernas do Sr.Diabo, 12 contos de crítica social, 1/3 deles versando casos de adultério. Em A Taça retrata-se a vida de um circo mambembe do interior; Noila, a "taça humana" faz um número perigoso, com desfecho dramático, para chamar atenção de seu antigo amor (ou ódio) Célio. Vovó Rita é história de uma velha afro-brasileira de quase 90 anos que conta sua vida. Os pirilampos é crítica à sociedade de consumo, em que um servidor autárquico, ateu e "*bon vivant*" faz mil trapalhadas para manter família e amante; em Quarteto felizmente o Dr.Menezes, proprietário de uma casa de saúde, casado com D.Filô, aceita a prática de adultério da esposa e o pratica também. Noite de núpcias reproduz um bestialógico contrato de casamento, um conto policial com o detetive Jevou que descobre dois misteriosos assassinios. Um rio passa no meio é ficção científica irônica, com descrição (p.65) da política no país dos Ixês. Precursor do romance ABARAMA (1988) há

crítica ao F.M.I. e aos estrangeiros. O Boca Torta é história de mendigos, maltrapilhos, imundos. Busca o realismo fantástico no onírico Herança. Lídia é a pretensa esposa de um professor de matemática onde há crítica ao (p.99) "tipo de sociedade em que o trabalho de um homem daquele gabarito intelectual era pago com o que dava apenas para viver quase na indigência, o que o levava à loucura." O Diário e Duas Rosas versam, novamente, o tema do adultério. E o conto que dá título ao livro conta uma lenda sevilhana, contada por um falso Maxwel, o Frei Antero.

F.) MESQUITA NETTO(1900-1974), um caso à parte.

Em São Mateus, norte do Estado, José de Mendonça (30) conhecido como Mesquita Netto, publicou dois livros: Nossa terra e nossa gente, 2ª edição, 1939, em colaboração com Tonivon Carlhova (o comerciante Antonio Carvalho) e Diabo leve a Paixão, 3ª edição, 1936.

O 1º livro é um repositório de anedotas mateenses que os autores chamam de contos regionais, nas quais pela primeira vez o sexo aparece, explícito, na literatura capixaba, numa prova de coragem, em época de censura ditatorial. Crítica à sociedade (p.139-140) e menção ao uso da camisa de Vênus em tão recuada época é algo de inusitado em nossas letras. O Malaquias, em outra história, gostava de dançar agarrado (p.119). Há uma pitoresca descrição de uma viagem de São Miguel do Jequitinhonha a São Mateus por picadas abertas na mata virgem, nos recuados dias de 1930.

São contos de Diabo leve a paixão: O crime de frei Antônio, Canção da primavera, Rosa, Uma dessas mulheres, Angústia, Orgulho da raça e Coração de Ouro. Como em Ruy Cortes, predominam os casos de adultério, um tentado, em Rosa, com grande prova de dignidade do casal caboclo.

Embora praticamente desconhecido, Mesquita Netto pode ser, na humildade de seu trabalho interiorano no jornal O Norte, o grande contista do período que estamos estudando.

C O N C L U S Ã O

Temos aqui, antes de encerrar este capítulo, que assinalar que certos autores que não editaram obras, e o se o fizeram não tivemos acesso a elas, autores desconhecidos, mas que merecem citados porque seus textos, algum dia, poderão ser redescobertos, e, qual Qorpo Santo ou Souza Andrade, valorizados pelas maravilhadas gerações futuras.

Listemos, baseado em Augusto Lins(31) os seguintes

1931 - Os erros da carne, romance de Osvaldo Pangó e Escórias flutuantes de Aristófanes Barbosa Lima.

1936 - O escultor de Popéia de Felipe Chemali.

E os inéditos Sombras errantes de Waldir Menezes, Lombilho Velho de Wolgham Barbosa, O casamento de Chichica de Arnulpho Neves (premiado no Concurso científico e literário de 1936), Agonia do amor de Araújo Aguirre.

Ficção (1930-1960)

NOTAS DE REFERÊNCIA

- (1) In Uma página de história literária Espírito-Santense: "No Espírito Santo numerosos folhetos e alguns livros se editaram nos últimos anos. Uns e outros, como sempre, sem aparecerem nas vitrinas do comércio local."(p.8)
- (2) In História da Literatura Espírito-Santense.
- (3) Parece que se aplica aqui, na totalidade, o que Antônio Cândido disse sobre nossos escritores brasileiros, comparando-os a Machado de Assis ao considerá-lo exceção: "literatura em que, a cada geração, os melhores recomeçam da capo, e só os medíocres continuam o passado", in Formação da literatura brasileira, tomo 2, S.P., Martins, 1975, pp.117-118.
- (4) Adelfo Monjardim, in Cuca, ano 1, nº 2, p.13, conta a história. *"Eu fiz amizade com o poeta Carlos Nicoletti Madeira, cuja família tinha uma firma importante. Um tio desse meu amigo entrou de sócio e nós, que tínhamos uma grande amizade, nos metemos na aventura da representação. Nós dois não dávamos para a coisa, o outro, o sócio, é que entendia. Era Monjardim, Madeira & Cia. O Carlos estava escrevendo Caiçaras, um livro de contos, e tinha a estória de um sujeito, o Tico, que era curandeiro por artes mágicas e curava até erisipela, que chama de 'izipra'. Eles tinham uma sala no centro da cidade. - Um dia, às seis da tarde, era um dia quente como o diabo, o Alberico (o terceiro sócio) subia as escadas, e cansado, suado, deixou-se cair sobre sua cadeira. Eu, de minha mesa, observava Carlos, o poeta, que de cabeça baixa, escrevia seu conto. Estava tão concentrado que parecia não ter notado a chegada do sócio. Refeito, Alberico abriu o bloco de pedidos e de cabeça baixa começou a ditar para Carlos: Vinte latas de dez quilos de manteiga Três Corações, para José Neffa e Irmãos; dez latas para Rocha e Cia.; dez latas para Pontes e Silva..." Estranhando o silêncio Alberico levantou a cabeça no exato momento em que Carlos, concluindo uma frase do conto, falou alto..."e da izipra*

ficou curado, prueque o Tico é bom mêmô". A firma acabou aí.

- (5) Parecer, in fine, de O romance de Teresa Maria, Vitória, I O Editora, 1937.
- (6) Nasceu, em Vitória, a 16 de setembro de 1903, filho do Barão de Monjardim e de D. Beatrice Poli Monjardim. Quando seu pai exercia, na Capital Federal, a deputação, estudou no Rio, o que iria influenciar muito sua obra. Deputado Estadual e Prefeito de Vitória, é membro da Academia Espírito-Santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Suas obras de ficção: O tesouro da ilha de Trindade, Rio, A Noite, 1942, Novelas sombrias, Rio, A Noite, 1944, A torre do silêncio, s/d, Um mergulho na pré-história, Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1976, Sob o véu da Isis, Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1978, Os imigrantes, idem, idem, 1980, constituem, em conjunto, a maior obra ficcional de um autor capixaba. Veja-se a seu propósito entrevista em Cuca ano 1, nº 2, p.12 a 16, e A GAZETA, Caderno 2, 10/07/1988.
- (7) Lins, Augusto. Uma página na história literária do Espírito Santo, Vitória, PMV, s/d, p.19.
- (8) E mais, no preâmbulo informa que "*há bem pouco um grupo de espírito-santenses composto de engenheiros, médicos, advogados e jornalistas concertou uma viagem à famosa ilha para estudá-la sob seus múltiplos aspectos à luz da ciência, no louvável afã de integrá-la à comunidade nacional por meio de uma linha permanente de navegação com o porto de Vitória. Infelizmente dificuldades que se tornaram insuperáveis forçaram o abandono temporário da nobre e patriótica empresa.*" E que só seria retomada pela Marinha de Guerra do Brasil, anos mais tarde, embora, teoricamente, a Ilha pertença ao município de Vitória.
- (9) Cuca, ano I, nº 2, p.16, em entrevista a Mariângela Pellerano. Não leu Monjardim o artigo de Mã Rachel Abreu Lima e Pereira na mesma revista Cuca, ano 1, nº 3, sobre "O fantástico na literatura capixaba", p.29/33.
- (10) Na década de 30, Augusto Lins o considerava "crítico literário dos mais poliformes e ousados, contraditório organizador com aparência de desorganizado", in Uma página da história literária do Espírito Santo, p.18.

- (11) Conta Milton Caldeira que o Professor Eduardo Andrade sempre que encontrava o Prof^o Calazans, na Escola Normal, não perdia oportunidade para um chiste incompreensível.
*"Boneco de barro é modelagem,
 sai da frente, que lá vai fromage."*
- (12) Sobre O moderno pensamento lusitano (Ferreira de Castro e Mendes Correias) editado pela Imprensa Oficial. No mesmo folheto há referência a uma conferência anterior "O negro na arte e na vida social" realizada em 1932 no Centro de Estudantes Livres em São Paulo, 1932. Anuncia, outrossim, os livros, em preparo Pequeno Burguês, publicado, finalmente, em 1952 e Insurreição romance da raça negra, não editado.
- (13) Da qual só saiu um livro, a 2ª edição, em 1944, do Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense do Padre Antunes Siqueira. Mas a lista de reedições era notável e até hoje não foi conseguida por nenhum órgão local: Os Rubim (pai e filho), Pereira de Vasconcellos, Basílio Daemon, Misael Pena, Graciano Neves, Moniz Freire, Afonso Cláudio, Bernardo Horta, Eurípedes Pedrinha, Colatino Barroso, Aristides Freire, Colatino Barroso, Jonas Montenegro, Belisário Vieira da Cunha, Gomes Netto, Azambuja Suzano, Peçanha Póvoa, Amâncio Pereira, Marcelino Duarte, Ulisses Sarmento, Vergílio Vidigal, Candido Costa e Tomas Guizan, praticamente todos os autores da passada literatura espírito-santense.
- (14) Veja-se em Lucas, Fábio - O caráter social da literatura brasileira, 2.a ed. S.P. Quíron, 1976. p.89/90, a opinião sobre Pequeno Burguês: *"Em 1952, João Calazans publicou Pequeno Burguês (escrito em 1933), novela cuja ação se passa inicialmente em São Paulo. Leandro, o herói, mora numa pensão, discute política ('Deus é só dos ricos'), sonha ser ditador do Brasil, para, entre outras infantilidades, vingar-se do professor do Grupo escolar, do Pe. Florêncio, etc. Acaba sendo preso e irá parar com os outros prisioneiros políticos, em Montevideu. Volta ao Brasil, preso novamente, foge da prisão e se encontra com Clemência, suposta herdeira de pequena fortuna, ligada a fascistas. Não haverá herança e Leandro tomará um trem para o Norte: 'Para a burguesia, era um tipo suspeito, perigoso, um comunista. Para o proletariado, era um traidor, renegado, quase um policial. Que destino toma ele?' (p.176). Aparecem no romance*

os integralistas, grupo direitista brasileiro." Note-se o pequeno engano de Fábio Lucas: a suposta herança seria do Padre Florêncio, padrinho de Leandro, para este e não para Clemência.

- (15) Mello, Veríssimo - "João Calazans", in Revista do IHGES, nº 35, p.65-74.
- (16) Linguajar que mereceu do próprio autor um "Glossário para um romance regional" in Estudos em homenagem a Ceciliano Abel de Almeida, Vitória, 1978, p.92/99.
- (17) In Uma página da história literária do Espírito Santo, p.10.
- (18) Em Targo, elogio a Jerônimo Monteiro, Presidente do Estado, à página 60 e demonstração de ufanismo de página 208 a 209.
- (19) "Há, diz o prefaciador ilustre, assim, neste livro, uma família e sua história ou, mais exatamente, um casarão com ascendência ao humano e um romance misto de espírito e de pedra - tudo como bem conviria ao autor."
- (20) Não pudemos compulsar o livro O destino de uma mulher de Isabel Diniz, editado em São Pedro do Itabapoana, em 1934, do qual diz Augusto Lins, Uma página da história literária do E.Santo, Vitória, s/d, p.10/11: "Este livro chega a descrever, mesmo em breve apanhado a situação política que antecederia a outubro daquele ano, quando Noemi - personagem - é enviada como enfermeira para qualquer parte. E é num posto de socorro aos combatentes que vai encontrar Milton ferido e tratá-lo. "É 24 de outubro, dia da 2ª redenção brasileira" escreve a autora. Por isso, Noemi, premiada com a liberdade pelos serviços prestados à revolução, não mais voltou ao presídio, e nos braços de Milton viveu feliz."
- (21) "Literatura capixaba. Karina, o romance de Virgínia Tamanini" in A TRIBUNA 2 21.08.88.
- (22) "Este livro, diz Benjamim Moraes, encontra-a já amadurecida, analisando diversas facetas da vida humana. Há nele a descrição dos tipos psicológicos, a diferenciação dos caracteres, a apre

ciação dos planos intelectuais e o aprofundamento no terreno versátil das emoções."

- (23) "Consegue, na opinião de Athayde, algo de literariamente novo no Brasil, colocando-se na linha que tem sido especialmente inspiradora da novelística norte-americana posterior à Primeira Guerra Mundial."
- (24) O crítico Walter Spalding vê nesta obra "um sentido social, humano, político e cristão". Cristiano Fraga, in Romancistas do Espírito Santo, Rio, S. José, s/d entende que "a romancista visa a uma realidade social mais esclarecida e humanizada".
- (25) "Meu pai não era um grande fazendeiro; tinha, porém, boas propriedades, uma considerável lavoura de café e muitas outras espécies de culturas; além de bem suprido armazém. Morávamos num ponto estratégico para o comércio. Imagine você: a estrada que dava acesso aos colonos que se dirigiam até à cidade de Guarapari, passava justamente entre a nossa residência e a casa comercial (...) Despachei muitos fregueses de meu pai, vendendo carne-seca, sal, querosene, sabão, ferramentas, etc.etc. Um comércio misto. Milho, farinha, feijão e arroz tinham menos saída porque quase todos colhiam para o gasto diário. O café, esse sim, era a moeda oficial, com que eram pagas as contas, cujo transporte fazia-se através de lombo de burros." p.35.
- (26) Ocupante da cadeira nº 16 da Academia Espírito-Santense de Letras e membro do Instituto Histórico e Geográfico do E.Santo, José Coelho de Almeida Cousin nasceu na cidade de Sacramento, no Triângulo Mineiro, em 15.12.1897. Formado em farmácia, em Ouro Preto, cedo se mudou para o Espírito Santo, onde exerceu sua profissão, foi professor do 2º grau e jornalista. Sua obra maior, publicada a partir de 1932, é a poética, com a epopeia Itamonte, Naufrações (1937), O amor de Dom Juan, a tradução das Odes de Anacreonte, 1948 e os Poemas da terra e da vida, 1956. Além disto, publicou ensaios, memórias e crônicas.
- (27) Ocupante da cadeira nº 21 da Academia Espírito-Santense de Letras e membro do Instituto Histórico e Geográfico do E.Santo, Christiano Ferreira Fraga nasceu em Ccampos, RJ, em 7 de agosto de 1892. Médico, clinicou no interior do Espírito Santo e depois em sua capital. Um dos mais completos polígrafos de nossa terra, faleceu em 6 de janeiro de 1984.

- (28) Os escritores José Paulino Alves Junior e Geraldo Costa Alves, ambos da Academia Espírito-Santense de Letras.
- (29) Natural de Barra Mansa, onde nasceu a 26 de fevereiro de 1898. Foi ferreiro, dentista e advogado. Magistrado aposentado, dedica-se à literatura. Recentemente, em 1988, editou o romance Abaranga.
- (30) Seu filho, Guttman Uchoa de Mendonça, a nosso pedido, escreveu biografia de seu pai, que se encontra arquivada na Cultural ES à disposição dos pesquisadores.
- (31) Uma página da história literária espírito-santense de nossos dias. PMV - Departamento Municipal de Estatística - Conferência Mensal 12, Vitória, s/d.

OS CRONISTAS

Renato Pacheco

I N T R O D U Ç Ã O

A crônica, gênero desconsiderado por tantos e aceito como menor por muitos, e que, em português, começou, no século XV, com Azurara e Fernão Lopes, como história, ganhou dignidade e projeção, a partir de Machado de Assis(1) através da publicação diária de textos em jornais, principalmente na antiga Capital da República. Mister se faz, para o integral desenvolvimento do gênero crônica, a existência de uma imprensa organizada em bases empresariais, o que só ocorre nos grandes centros.

Não é fora de propósito, pois, a assertiva de que três, a nosso ver, dos cinco maiores cronistas capixabas tiveram que alçar vôo de nossa terra e exercer seu labor jornalístico-literário em outras plagas.

Também é reconhecido, *urbi et orbi*, que, em nosso século foi um cronista capixaba - Rubem Braga - que retirou a crônica do ostracismo em que estava e elevou-a a níveis nunca antes alcançados(2)

A.) RUBEM BRAGA

Em Cachoeiro de Itapemirim, a 12 de janeiro de 1913, nasceu Rubem Braga, filho do Tabelião Francisco de Carvalho Braga e de D. Rachel Cardoso Braga. Leitor inveterado desde tenra idade, formou-se em direito, aos 19 anos, em Belo Horizonte, mas nunca advogou. Dedicou-se, desde muito jovem, ao jornalismo (seu irmão Armando era proprietário do Correio do Sul de Cachoeiro). Reporta-

gens, crônicas, comentarista político, em pouco o nome de Rubem Braga era nacionalmente conhecido. Trabalhou em inúmeras publicações de Belo Horizonte, São Paulo, Recife e Rio. Tornou-se amigo de Alcântara Machado e Mario de Andrade. Relatou as fontes de guerra da Revolução de 1932, na Serra da Mantiqueira, e da FEB, na Itália, em 1945.

Em 1936, reuniu em livro suas melhores crônicas: O conde e o passarinho. Seguiram-se O morro do isolamento, 1944, Um pé de milho, 1948, O homem rouco, 1949, A borboleta amarela, 1955, A cidade e a roça, 1957, Ai de ti, Copacabana!, 1960, A traição das elegantes, 1967, Recado da Primavera, 1984, Crônicas do Espírito Santo F.C.A.A., 1984, além de inúmeros livros de crônicas selecionadas.

Em 1955, transferiu-se para Santiago do Chile onde chefiou nosso Escritório Comercial. Em 1961, foi nomeado Embaixador do Brasil em Marrocos, posto em que esteve até 1963, quando pediu demissão. De 1967 a 1971, com Fernando Sabino, editou livros a través da editora do Autor, e depois Sabiã.

Aos 75 anos, desquitado, 1 filho e quatro netos, Rubem Braga mora num apartamento de cobertura, em Ipanema, onde tem inúmeras pitangueiras e continua fazendo uma página semanal na Revista Nacional, que funciona, como suplemento, em vários jornais do país.

"Um grande escritor que entra para a história literária unicamente como cronista"(3) diz dele Afrânio Coutinho. O velho Braga, como às vezes se auto denomina, embora Manuel Bandeira e Sergio Milliet também o chamassem assim, poeta da crônica, como disse José Lins do Rego, professor de lucidez, na expressão de Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga é, sem favor algum, o maior cronista brasileiro e o mais famoso escritor nascido no Espírito Santo.

Sua obra está pontuada de amor a Cachoeiro, ironia e lirismo(4). Seus textos versam o cotidiano inusitado: meninos, atrizes, as estações do ano, pequeninas notícias de jornais, bondes, amores, saltimbancos, árvores(5), o liberalismo e uma visão humana dos fatos(6), pescarias, telefonemas, bichos(7) e gente humilde, padeiros, carteiros, funileiros, uma multidão de moças sub-empregadas.

Para nós, para nosso fim, nessa obra, é em Crônicas do Espírito Santo, Vitória, F.C.A.A., 1984 que Rubem Braga aparece em sua luz mais favorável. Ali estão reimpressas crônicas sobre sua terra natal escritas entre 1938 e 1982 -: "Durante muitos e muitos anos escrevendo em jornais e revistas do Rio e de outros Estados, tratei de assuntos capixabas" diz ele na introdução dessa obra. Defendeu o Estado, em vários projetos, apoiou Dona Zilma Coelho Pinto, com sua Campanha de Alfabetização em Cachoeiro, lutou em prol da ecologia, divulgando o trabalho do cientista capixaba Augusto Ruschi, e expõe, como memorialista, muito de sua terra e gente, a infância, o mar talvez com pitangueiras e cajueiros, na praia, lembranças da fazenda, dos temporais, de Cachoeiro (o menino Zig, os tipos populares) a fábrica de pios de caça, de um parente dele, os primeiros textos literários, os carnavais, parentes e vizinhos, os humildes, com padres, maratimbas(8) e carteiros.

Uma boa parte da obra é fruto de um contrato que Rubem Braga e o artista plástico argentino, radicado na Bahia, Hector Bernabó (Carybé) fizeram, em 1954, com o Governador Jones Santos Neves para publicar uma obra sobre o Espírito Santo(9) a qual, com a derrota do candidato de Jones ao Governo do Estado - Eurico de Aguiar Salles - não se efetivou. Daí, crônicas sobre Iconha, Meaípe, Bandas de Congos, Italianos e Alemães, Rio Doce e sua navegação, o cacau, S. Gabriel da Palha, o Comercinho de São Mateus e o noroeste pioneiro.

Ressalta também, na obra, a preocupação ecológica de Rubem Braga, fundamental para conscientizar o povo em um Estado cujas matas foram, rapidamente, devastadas(10).

B.) JOSÉ CARLOS OLIVEIRA

José Carlos Oliveira, o Carlinhos Oliveira, nasceu em Vitória em 18 de agosto de 1934 e quando sentiu a aproximação da morte, anunciada por um médico, em Paris, voltou a sua cidade natal onde faleceu em 13 de abril de 1986. Filho do Tenente Músico PM Pedro Pinto de Oliveira e de D. Maria Oliveira, quis ser escritor e foi. Como tantos outros dotados de genialidade, seus nervos tinham precário equilíbrio. O suicídio do pai, a infância difícil (mas não infeliz), seu exílio da terra e da família(11) na adolescência fazem um quadro do passado muito diferente daquele outro capixaba que José Carlos Oliveira quis seguir - Rubem Braga.

Como cronista, e é como tal que vamos examiná-lo neste tópico, deixou extensa obra(12), publicada em vários jornais e três livros: Os olhos dourados do ódio, Rio, José Alvaro Editor, 1962, A Revolução das bonecas e O saltimbanco azul, Porto Alegre L & PM, 1979, uma crônica dos acontecimentos atuais, lembrando inclusive, corajosamente, Vladimir Herzog em "O carrasco e sua vítima"(p.239-243).

Em ambas as obras, conquanto lhe reconheçamos peculiaridades pessoais, se encontra o estilo de crônica que Rubem Braga inaugurara na década de 30, imediatamente reconhecido por um crítico local como "sem recalques" e "irreverentes"(13). Por aí também andou José Carlos Oliveira, num magistral passeio pelos meandros da memória. As crônicas em que relembra a infância não são doces como as de Rubem Braga - há marmitas para carregar e tijolos que assentar.

Só para exemplificar, num controvertido livro posterior que não vamos examinar aqui, tão difícil a sua classificação literária(14) há quase cinquenta referências à Vitória da sua infância: o Quartel da Polícia antigo, as casas próximas dos militares, o Orfanato Cristo Rei, a venda do Batistela, a Casa Funerária, todos participantes de geografia próxima à Praça do Quartel, a Rua Gama Rosa, a Praça Costa Pereira, o Cais do Saldanha, Jucutuquara, a fábrica de sacos de juta, o Grupo Escolar "Padre Anchieta", o Café Avenida, o Politeama, a estação da Leopoldina, e os atores que povoavam estes palcos: o pai, as irmãs, a mãe, os tipos populares (Dois Beijos, Grapuã, Rainha das Flores, o chinês Pololo), o Coronel Borges, os meninos e meninas do colégio, as professoras D. Ilma e D. Madalena, Sadi Cabral, Rosendo Serapião, e pairando sobre todos o Menino Precoce, apelido que lhe deram quando aos 15 anos causou escândalo com suas reportagens na Folha da Tarde.

Numa célebre entrevista que deu ao nº 390 de Pasquim (17 a 23.12.1976) considera-se um doido varrido, que depois de seis anos de análise ficou doidinho, portador de uma esquizofrenia mansa com tendência à catatonia. "Minha personalidade é estilhaçada". Nesta mesma entrevista autobiográfica e desinibida José Carlos Oliveira lembra que era de uma timidez mórbida, de uma vergonha profunda.

"Comecei aos 9 anos de idade como diretor do jornal do Grupo Escolar Padre Anchieta. Era diretor, redator e poeta. Uma poesia da época: "Bandeira do Brasil/por ti darei a vida/ e empunhei o fuzil/ para te defender, Pátria Querida!"

Mudando-se para o Rio, em 1957, ganhou, em pouco tempo, fama nacional de *enfant terrible* da crônica, um Rimbaud capixaba como lembra Ziraldo. Depois de quase trinta anos de vida agitada no Rio, mais meia dúzia de livros publicados, José Carlos de Oliveira, a convite da Fundação Ceciliano Abel de Almeida na UFES, veio

ministrar uma Oficina Literária, que deu muito que falar. Não concluiu seus trabalhos, tendo deixado prontos os originais de um livro de contos, postumamente publicado: Bravos companheiros e fantasmas, livro que não mereceu da crítica o apreço a que faz jus.

Ao falecer foi unanimemente saudado como um grande escritor, que ficou a dever à literatura grandes obras, como a edição revista de O Pavão Desiludido que muitas vezes prometera a amigos(15). "De certa maneira, diz o Jornal do Brasil em seu necrológio, a contribuição mais exuberante de Carlinhos Oliveira está na crônica." A partir de 1961, quando começou a colaborar no Jornal do Brasil, ganhou um lugar indiscutido entre os maiores cronistas do Brasil. Irreverente, atribuiu seu êxito ao fato de ser "uma espécie de psicanalista amador da Zona Sul, misturado com cronista". Embora gostasse do gênero, queria sair de seus limites, que pareciam condená-lo a amenidades, no tema e no tratamento. "Mas eu arreben-tei com isso, falando de Oriente Médio, da questão da África, do processo dos dissidentes russos, sem deixar de dar aquele toque leve, a aquela alegria ao leitor na hora de começar o dia". Personalidade extravagante, sarcástico e angustiado ao mesmo tempo, Carlinhos Oliveira se transfigurava ao beber. Foi a bebida, aliás, que mudou sua trajetória - profissional, literária, existencial. "Estudando minha relação com as garrafas, cheguei à conclusão de que ela era destrutiva. Então, resolvi eliminar o álcool de minha vida". Não teve tempo. Depois de fazer a opção de levar o resto da vida escrevendo - "de preferência num lugar quieto, com alimentação na hora certa, silêncio e uma boa mulher" - foi avisado do agravamento do seu estado de saúde. Ainda pôde rascunhar alguns livros, resgatar alguns prazeres da adolescência - (nadar era seu esporte favorito) e ler seus autores prediletos (Drummond, Fernando Pessoa, Camus, Sartre, Jorge de Lima, Augusto dos Anjos) antes que a morte viesse buscá-lo". (Repitamos uma frase favorita do grande cronista: "*Quis ser escritor, e foi*".)

C.) CELSO BOMFIM

Celso Elpídio da Rosa Bomfim nasceu em Santa Teresa, ES, em 2 de setembro de 1917 e faleceu em Belo Horizonte em 14 de dezembro de 1981. Colaborou assiduamente nos jornais de Vitória e no Estado de Minas de Belo Horizonte. Filho de Orlando Bomfim, o Barão, e de Dona Maria Gasparini Bomfim. Deixou um único livro de crônicas: Salvanelo, a montanha e o vento, Belo Horizonte, Saci, 1975, tendo confidenciado a amigos a existência de outro livro, pronto para o prelo, hoje desaparecido.

No livro publicado, as crônicas são centradas na colonização italiana no Espírito Santo, em sua meninice, no amor a sua pequena cidade natal (16).

Os circos, as famílias, as gozações teresenses, os Perini, Américo Gasparini, Carlos Avancini, o Pasolini, Linda do Acrisio são algumas das páginas de Salvanelo, que, a nosso pensar, tem seu ponto alto em "Junquilha verdadeiro", estória de um amor não visto com bons olhos pela família ítalo-capixaba, mas que foi mais forte que a morte, pois "as saudades foram tantas, porém, que ela atravessou o rio. Foi encontrá-lo do lado de lá".

Em suas crônicas em O Estado de Minas trata Celso Bomfim com humor e maestria da vida e da morte, caso de caboclo, mulheres, praias, amores, casos curiosos, como o da defunta que falou, burocracia, padres, futebol, cachaça.

Celso Bomfim, que com 20 anos havia sido eleito para a Academia Espírito-Santense de Letras, num recorde até hoje não batido neste sodalício, dedicou-se, intensamente, à advocacia - manteve, durante anos, um dos mais movimentados escritórios de Minas Gerais, frustrando-se sua autêntica vocação literária.

D.) EUGÊNIO SETTE

Eugênio Lindemberg Sette nasceu em Vitória, a 19 de janeiro de 1918. Como Celso Bomfim, dedicou a maior parte de sua vida profissional à advocacia. Mas, é um cronista de escol, como atesta a obra Praça 8, Vitória, 1953.

"A Praça 8 é do Povo, como esta frase é de Castro Alves. E o povo não perdoa. Ninguém se aguenta na Praça. Aquilo é um rolo compressor. Arrasa. Coventriza reputações. Desmancha poses e cartazes. Aniquila. Às vezes, aos poucos, outras vezes sumariamente. Zurze o couro alheio com uma força digna de Hércules. E nenhuma reação é possível, porque todos sabem de tudo, e, ao mesmo tempo, ninguém sabe de nada. É o mesmo que se esmurrar o vento. Não há resistência. Na vida dos ilhéus, a Praça não deve ser menosprezada. Porque ela é de precisão - registra tudo. É um aparelho mecanicamente ainda não inventado, tamanho é o seu poder de captação, retenção e distribuição. Tudo nela tem sua razão de ser."

Dá o autor, em seus textos, ênfase ao poético e ao folclórico, como nas crônicas "Poesia", "Agonia das tradições", "Louvação ao Padre que foi ver Gilda" e "Conversa de Mercado".

Em "Ensaio geral", "a noite abusava do direito de ser bela e a lua de estar cheia"(18). Na mesma linha lírica estão "Retorno ao tempo perdido", "Cantigas de roda", "Com amor e ironia" e "O anjo louro".

A tristeza e o "settecismo", como diria mestre Guilherme Santos Neves, são constantes: "Vozes amigas me dizem amargo e melancólico no que escrevo". "Vivemos um tempo sem grandeza". "Escrevo sem gosto e sem emoção". "É dia de domingo. Eu talvez seja o sujeito mais cansado desta Ilha". "Completo dez cigarros e uma crônica mal feita. Me vou."(19)

Mas é no entretecer a crônica com os fatos do dia a dia que Eugênio Sette conseguiu qualidade excepcional: Elizabeth Regina, a construção da casa, crianças que morrem, a criminalidade, o carnaval, o Siweepstake, a morte do Bispo D. Luiz Scortegagna, Impos-
to de renda (que renda? pergunta o cronista), Eva Perón, dia do Pa-
pai são temas presentes em Praça 8.

Na crônica "Ida e Volta" dedicada ao amigo que viaja, Tulo Hostílio Montenegro, está a nota marcante do cronista Eugênio Sette - o ilhéu arraigado em sua ilha de que é o maior cronista(20).

E.) ALVINO GATTI

Alvino Gatti nasceu em Colatina, em 12 de fevereiro de 1925, e faleceu em Vitória em 25 de junho de 1982.

Seminarista, veio para Vitória onde se formou jornalista e advogado. Sob o pseudônimo de Atílio Papini escreveu nos principais jornais da terra.

Postumamente, o Governo do Estado, com seleção, introdução e notas do jornalista Amylton de Almeida, editou, em 1987, dois grossos volumes, com suas crônicas editadas em A TRIBUNA, nos anos de 1980 e 1981.

A obra, postumamente publicada, é dividida em sete partes: O espaço da roça, a história dos outros, a natureza e os amigos, o homem e sua rotina, em Guarapari, romance e paixão segundo o povo; romance, paixão e separação. Proclama, em quase todas as crônicas, um amor muito profundo e belo, e que, em germe, continham, também, o anúncio de uma morte próxima, pois coração não há que resista a tanto amor. No livro, vê-se Gatti, mestre na arte de brincar com as palavras, dando-lhes perenidade e beleza que elas sozinhas não têm.

Sobre Alvino Gatti disse o jornalista José Carlos Monjardim Cavalcanti: "...Cronista do tempo e da vida, modelador perfeito de imagens, garimpeiro da alma e dos sentimentos..." (21) Criou, no dizer do escritor Sergio Blank, um mundo denso, intenso e poético. (22)

2. Os cronistas de Cachoeiro

Cachoeiro de Itapemirim, terra natal do Príncipe da Crônica Brasileira, é também celeiro de cronistas. Ainda agora vêm de lá dois livros de crônicas que atestam nossa assertiva: Jovens somos do Liceu, coletânea, Cachoeiro, 1986 e de Wilson Márcio Depes, Fotocrônicas, Cachoeiro, 1987. Do período que estamos estudando vamos examinar quatro cronistas.

A.) NEWTON BRAGA

Newton Braga, irmão de Rubem, mas com características próprias, é o grande poeta de Cachoeiro. Seu principal livro é Poesia e prosa, Editora do Autor, Rio, s/d.

Nasceu em 11.08.1911 na Fazenda do Frade e faleceu no Rio de Janeiro, em 1.06.1962, filho de Francisco de Carvalho Braga e D.Rachel Coelho Braga. Estudou, como Rubem, na Escola do Centro Operário e de Proteção Mútua (em frente à residência de seus pais, hoje Casa dos Braga) na Rua 25 de Março em Cachoeiro. Estudou no Ginásio Pedro Palácios e depois no Pio Americano, do Rio. Curso de Direito em Belo Horizonte (FDMG) onde foi colega de Cyro dos Anjos, Guilhermino Cesar e Tancredo Neves. Diretor do Correio do Sul. Tabela, como o pai, aposentou-se quando o juiz Ayrton Lemos exigiu que ele fosse para o Cartório de paletô e gravata. Enquanto os es-

creventes despachavam os processos, Newton, o titular do Cartório, que dava para o rio Itapemirim, pescava crumatás da janela de seu gabinete. Futebolista ardoroso. Casou-se, em 1936, com a artista plástica D. Izabel da Rocha Braga. Criou, em 1938, o Dia de Cachoeiro, até hoje comemorado, a 29 de junho.

A prosa do livro que reúne o melhor de sua obra, reproduz Cidade do Interior (p.49-91) e outros casos e epigramas (p. 95-238).

Vejamos a crônica Poesia (p.67)

" - A corola do olho se desprende e tombou em paz.

Há um evidente toque de poesia. Mas era o galista contando como foi que o seu "Prata" cegou o galo do Celso."

Newton Braga, homem puro, amigo dos simples, viveu mais que escreveu.

B.) ORMANDO MORAES

Amigo de Newton Braga, e sócio dele na edição de revistas sobre Cachoeiro e Mimoso e na Rádio Cachoeiro, Ormando Moraes nasceu em Vitória, a 4 de outubro de 1915, mas viveu a maior parte de sua vida profissional, como bancário, em Cachoeiro de Itapemirim. Como cronista publicou: Caderno de crônicas, Cachoeiro de Itapemirim, Tipografia Vitória, 1967, e Não fica bem a revolução chegar a pé, Vitória, FCAA, 1979.

O Caderno de crônicas tem como subtítulo Ou crônicas incertas. Nele o autor critica os cronistas sociais, o cruzeiro novo, as saias curtas. Fala de Newton e de Rubem Braga, da festa dos Neves, das montanhas. A melhor parte é a crônica reportagem, gente que vive do rio: lavadeiras, pescadores e tiradores de areia.

Em Não fica bem a revolução chegar a pé há episódio da revolução de 30 sobre a possível recusa de o agente da estação de estrada de ferro de Veado de fornecer locomotiva e vagões para transportar, em 18.10.1930, os revolucionários de Minas para Cachoeiro. Volta a Newton Braga, e há lembranças do Partido Socialista Brasileiro de 1948 a 1953, em Cachoeiro. Neste livro, também, de p.62-67, há referência a Seu Manduca, que se transformaria em romance Seu Manduca e outros mais, Vitória, DIO, 1986.

C.) LEVY ROCHA

Levy Rocha, já biografado entre os romancistas do período, dá à crônica o sentido clássico de recordação histórica. Suas Crônicas de Cachoeiro, Rio, Gelsa, 1966 recordam a primeira crônica de Rubem Braga(23), o primeiro jornal de Cachoeiro, Newton Braga e Ribeiro Couto, Virgílio Vidigal, Os Vieira da Cunha e uma nota sobre Imprensa "Quebra-peito".

D.) LOURIVAL SERRÃO

Lourival de Paula Serrão nasceu em Iconha, ES, a 8 de janeiro de 1906 e faleceu em Cachoeiro de Itapemirim, em 1984. Jornalista e advogado, publicou Retalhos da vida, crônicas, Cachoeiro, 1954. São textos singelos, tirados do dia a dia de um jornalista, que registram o dia do rádio, dos namorados, das mães, das árvores, das estações do ano, nosso jardim, os peixinhos de nosso jardim, a velha acácia de nosso jardim, o velho "*flamboyant*", o coqueiro centenário, as andorinhas, uma verdadeira vocação de biólogo da crônica.

3. A grande dama da crônica: CARMÉLIA

Carmélia Maria de Souza (1936-13.02.1974) cuja única obra, Vento Sul, Vitória, FCES, 1976, foi postumamente publicada, numa edição organizada pelo jornalista Amylton de Almeida, mercê de sua vida, virou mito.

Menina pobre, do interior, veio estudar em casa do irmão, o Prof. Antônio Dias de Souza, cursando o 2º grau do Colégio Estadual do Espírito Santo. Acometida de tuberculose, foi tratar-se em Barbacena, MG. Quando voltou, curada, libertou-se de todas as peias familiares e sociais que a maniatavam. Libertária, enfrentou acusações de subversão, durante o período da ditadura militar, e abriu, às novas gerações, frentes renovadoras, sem travar sua língua, sem dúvida a primeira grande cronista de nosso Estado.

Dela disse o crítico José Augusto Carvalho: "*Carmélia M. de Souza caracteriza-se pelo domínio da linguagem familiar (em que parece dialogar com o leitor), acrescentando-lhe um toque mágico especial que a torna quase protótipo de um modo capixaba de falar. As crônicas se constroem com múltiplas referências extratextuais ou exofóricas a personalidades de maior destaque da cidade: jornalistas, professores, industriais, políticos e outros mais de cuja amizade Carmélia privava. O leitor não-capixaba ou aquele que não tiver sido contemporâneo de Carmélia poderá, por isso, desconhecer as razões por que se tornou quase um mito da crônica jornalística. Carmélia parece ter historiado com humor e lirismo um período de transição da cidade que passava do provincianismo (em que todos conheciam todos) ao cosmopolitismo do crescimento industrial e urbano (em que ninguém conhece ninguém).*" (24)

Inventava Carmélia exclamações como Viva o Simposium! Odeio! Fé (ela se apelidava de Félia). Ameaçava dar bengaladas nos

chatos. Irreverente, comandava a vida noturna de certo grupo de intelectuais.

Depois de sua morte, a ela foram dedicadas duas peças de teatro (por Milson Henriques, uma Carmélia por amor em parceria com Amylton de Almeida), um livreto de Hermógenes Lima Fonseca Viagens de inspeção, 1982 e, pelo Governo, o maior centro cultural do Estado, o Carmélia Maria de Souza, na Vila Rubim, ocupando o antigo armazém do IBC, onde foi instalado o Teatro José Carlos de Oliveira, o Cineclube Ludovico Persice, a Biblioteca Audifax de Amorim e o Centro de Artesanato Mãe Ana.

4. Outros cronistas

Hã, no período que estamos estudando, cronistas menos famosos, mas possuidores de grande perícia técnica, embora asfixiados pelo ar rarefeito da província. Muitos como Alvimar Silva, Ciro Vieira da Cunha e Carlos Santana CÔ, como cronistas, nem saíram das páginas dos jornais e revistas em que colaboraram. (25) Outros chegaram ao livro e é sobre estes que vamos pousar nossa atenção.

A.) EURÍPEDES QUEIROZ DO VALLE nasceu em Anchieta (antiga Benevente) em 28 de janeiro de 1897 e faleceu em Vitória a 6 de junho de 1979. Magistrado e animador cultural, adotou, como cronista o pseudônimo Beneventino, com o qual editou Micrologos, crônicas e registros, Vitória, Tipografia Canaã, 1968. Aí estão reunidas crônicas publicadas de 1935 a 1968, do mais criativo cronista vitoricense de então, pois previa fábricas de aviões em Argolas, e linhas de ônibus Vitória-Cuiabá, além de incursionar pela função social da burrice ou pela psicologia do apelido. Relembra, ou trossim, figuras inesquecíveis como Dr. Silva Melo, Messias Chaves, A

mérico Coelho e Ceciliano Abel de Almeida. (Como Presidente da Academia Espírito-Santense de Letras durante mais de 20 anos exerceu papel singular de animador cultural, em nossa terra.)

B.) NELSON ABEL DE ALMEIDA, nasceu no Rio de Janeiro, em 15.06.1905.

Professor e advogado, nas horas vagas escrevia crônicas para os jornais e rádios locais. Destas selecionou algumas, publicadas na década de 20, na Folha do Povo e em A GAZETA e as editou em De seta e bodoque, Vitória, FCAA, 1982. Nelas relembra os companheiros da mocidade Corlumbo Ferreira, Antônio Feu Rosa e Paulo Athayde de Freitas. Justifica o título: "os jovens sempre foram irreverentes, sempre foram inquietos, sempre protestaram, sempre andaram armados DE SETA E BODOQUE, dando setadas, pelotadas, bodocadas às cegas, mas sempre com endereços certos..." Cástico, reclama contra os hábitos pouco civilizados do vitoriense (p.13) e contra a ânsia de progresso (p.35). "Vitória civiliza-se. E então indago a mim mesmo: onde a civilização de Vitória?" (p.57). Meditando, divagando e semanais são outras crônicas de N.A.A., que também publicou, nos jornais uma série de textos "Para ler no bonde..."

C.) JAIR TOVAR - Nasceu em Vitória, em 5 de maio de 1896 e faleceu no Rio de Janeiro em janeiro de 1985. Advogado, figura de proa da intelectualidade vitoriense, do Espírito Santo se auto-exilou quando da vitória da Revolução de 1930. Quando das comemorações do IV Centenário de Vitória, editou Trigo Velho, Rio, 1951 em que reuniu textos escritos na década de 20, em Vitória e mais 8 crônicas escritas no Rio. As crônicas versam as festas juninas, as matas da Penha, as bandas de música da Serra, os telefones, o pão às segundas, e a preocupação com a baixa do café, ruínosa para a economia do Estado.

D.) EMIL GIER - Deste Liebart Emillano dos Reis não conseguimos saber mais do que ele mesmo diz. Pela Vida Capixaba, em 1948, publicou Chuviscos. Diz-se maranhense e gráfico. "Venho para Vitória. Consigo colaborar na imprensa espírito-santense. No seio dessa gente acolhedora, simples e boa, onde a inteligência reponta aqui e ali, numa admirável afirmação da força espiritual do capixaba, sinto-me envolvido numa teia de amizades e considerações, em cuja tessitura meu espírito se agita e se exalta, revivendo tumultuosamente os velhos anseios que me acompanham, que me perseguem desde a minha infância: o desejo mais se me aguça de produzir algo de útil, qualquer coisa - ainda que pobremente, - que me console o espírito e que satisfaça meus acalentados sonhos."

D.) Dedo minguinho (crônicas) Vitória, 1949 é obra da Professora ANETTE DE CASTRO MATTOS. Ela as considera "um dedo minguinho da literatura". E trata do mar, ovos de páscoa, conversas de bonde(26), finados, ano novo, "flamboyant" da Avenida Alberto Torres, fazendo "pendant" com o do cronista Lourival Serrão, ciganos, impressões de leituras, músicas e cartas.

E.) ALMEIDA COUSIN, já retratado entre os contistas do período, reuniu suas crônicas de 1928 a 1929 num pequeno volume Cartões a Lálace, Vitória, FCAA, 1984, em que, num texto castiço, levanta os problemas que lhe chamavam a atenção na pequena Vitória de então.

F.) NILGE LIMEIRA em As crônicas de bolso, Vitória, 1974 dá-nos pequenos textos lembrando pessoas, Dório Silva, Irmã Catarina, Alberto Stange Jº, Job Pimentel, Moysês Medeiros Acioli, Aurea e Carmem Adnet, e pequeninos fatos do dia a dia. Embora não seja, cronologicamente, do período que estamos estudando, as raízes de seu livro nele se situam, donde sua inclusão aqui.

OS CRONISTAS (1930-1960)

NOTAS DE REFERÊNCIA

- (1) Que considerava a crônica, em 1854, "a hóstia social da comunidade pública".
- (2) Assim se expressa o crítico Massaud Moises, in A literatura Brasileira através dos textos, S.P., Cultrix, 1981, p.483:
"Exclusivamente cronista, Rubem Braga alcançou, mercê da continuidade com que se dedicou ao ofício e do talento que insuflou em seus textos, a condição de patriarca do gênero. Mestre de tantos escritores que depois dele se voltaram para a crônica, ganhou lugar certo nos quadros da Literatura Brasileira, com uma forma naturalmente destinada ao consumo diário e ao esquecimento. Senso de oportunidade na captação do sui generis no fluxo cinzento do cotidiano, lirismo, resultante da empatia com os pequenos dramas que marcam a passagem das horas, estilo plástico sem perder a clareza acessível ao comum dos leitores - eis alguns traços que fazem de suas melhores crônicas peças literárias dignas de sobreviver à fugacidade do jornal ou da revista."
- (3) Introdução à literatura do Brasil, São Paulo, EDLE, 1972.
- (4) "Só a uma pequena e seleta minoria de brasileiros foi permitido esse privilégio de nascer em Cachoeiro" in Um pé de milho, 3ª edição, 1947, p.71.
 Em O conde e o passarinho e Morro do isolamento, 4ª edição, Rio Sabiã 1961, de página 205 a 211, está, ironicamente, reproduzida toda a sua obra poética "Senhor! Senhor!", "Poeta cristão" e "Adeus".
 Seu lirismo perpassa todas as páginas que escreveu.
- (5) Veja-se a pungente estória do cajueiro velho que "caiu numa tarde de ventania" in A cidade e a roça e três primitivos, Rio Editora do Autor, 1964, 2ª ed., p.78. Ou "As árvores altas, be

las, ainda muito úmidas da chuva da noite, brilhando, muito verdes, ao sol" in Ai de ti, Copacabana! Rio, Editora do Autor, 4ª edição, s/d, p.11.

- (6) "E me acostumar até hoje sô não me acostumei com cadeia" Ai de ti, Copacabana! p.32.
- (7) Na obra de R.B. há gaviões, tuins, corruções, tartarugas, pavão. A crônica "O Pavão" em Ai de ti, Copacabana!, p.149-150, mereceu uma crônica de rebate de Manuel Bandeira in Andorinha, andorinha, p.289.
- (8) Nome que se dá ao pescador, na Praia de Marataízes, município de Itapemirim, ES.
- (9) De que saiu, muitos anos depois, (1981) através do DEC um livro muito inferior ao que Jones Santos Neves pretendia.
- (10) *"Conheci as matas do rio Doce na pompa e no mistério de sua pujança. Quando voltei lá, há pouco tempo, o que encontrei em muitos sítios, foi uma capoeira rala, uma vegetação pobre e salteada a lembrar o sertão do nordeste. Nossos rios estão secando. Capixabas, mineiros e baianos ocuparam tumultuariamente o que nos restava ao norte de terras ainda virgens. Agora a aventura desbravadora acabou. Daqui para a frente não bastará ter o braço rude e a ambição dura para tirar dinheiro da terra. Daqui para frente o capixaba, para poder viver de sua terra, terá de trabalhar com a cabeça. A mesquinhez de nossa renda per capita, o pauperismo de grandes camadas da população, a migração para as cidades e para as favelas do Rio, todo esse quadro de nossa pobreza estadual vós o conheceis melhor do que eu."* Discurso como paraninfo dos alunos da Faculdade de Filosofia, em janeiro de 1964 in Crônicas do Espírito Santo, p.155.
- (11) "Minha terra, a ilha de que fui exilado tão cedo, as praias em que cultivei a solidão selvagem, o vento sul ao sol do entardecer, as palmeiras girandolentes, a moqueca de peixe à capixaba", in "Recordação de Paola", Jornal do Brasil, B, 4.9.1972.
- (12) Informa Luiz Busatto que a Fundação Casa de Ruy Barbosa, por determinação de Plínio Doyle, organizou 11 grossos volumes de recortes das crônicas de José Carlos de Oliveira para o Jornal do Brasil, sô disponíveis aos pesquisadores.

- (13) Pergunta Augusto Lins, à página 10 de sua sempre lembrada Uma página da história literária do Espírito Santo: "Quem se atreveria ontem, na província, às irreverências de um Rubem Braga, nas suas crônicas sem recalques de hoje?"
- (14) O Pavão Desiludido, Rio, Bloch, 1972
- (15) Necrológicos do Deputado José Carlos Fonseca in Diário do Congresso Nacional/Seção I, 16.04.1986, p.2254, Veja, 23 de abril de 1986, p.98, Jornal do Brasil, 14.04.86, Caderno B, Suplemento Literário de MG, 3.5.86, p.11.
- (16) Falava seu pai Orlando Bomfim: "Meninos: talvez um dia o mundo seja para vocês, maior do que Santa Teresa do Timbuí; nunca porém, será melhor."
- (17) Crônica de abertura de Praça 8, p.4.
- (18) *Ibidem*, p.16.
- (19) *Ibidem*, respectivamente, p.46, 52, 62, 63, 68.
- (20) Perguntou-lhe um amigo por que não ia a Tóquio, visitar o irmão Embaixador do Brasil, Dr. Luiz Paulo Sette. Resposta de Eugênio - :
- Eu não perdi nada lá...
Insiste o amigo e como argumentou lembra que, na volta, poderia ele visitar, em Maryland, USA, o amigo de infância Tulo Hostílio Montenegro.
Eugênio Sette, de cara amarrada, responde com o refrão popular:
- Boa romaria faz, quem em sua casa fica em paz.
- (21) "Saudade que ficou" em A GAZETA, julho, 1983.
- (22) Literatura capixaba "As clássicas crônicas de Alvinho Gatti", em A TRIBUNA, 2, 17.07.1988.
- (23) Foi "A lágrima" publicada em O Itapemirim, órgão do Grêmio Domingos Martins do Colégio Pedro Palácios, em dezembro de 1926. *Op.cit.p.82.*
- (24) Carvalho, José Augusto, "Panorama das letras capixabas" in UFES, Revista de Cultura, ano VII, nº 23, 1982, p.81.

(25) Devem ainda ser mencionados, com o destaque que merecem, os cronistas José Luiz Moreira Cacciari e o excelente e irônico Wilson Borges Miguel, que escrevia com os pseudônimos Marangape e Fabrício Lima.

(26) "Se me fossem fáceis as idéias e a tanto me ajudasse a inteligência, arriscar-me-ia a escrever um livro de crônicas a que daria o título de 'Notas de uma passageira de bonde' exclusivamente sobre as conversas que, quem como eu por força das circunstâncias é obrigada a trafegar diariamente nesse veículo, forçosamente ouve."

HISTÓRIA DA LITERATURA DO ESPÍRITO SANTO

SUMÁRIO

PARTE I

Brasilogia, por Oscar Gama Filho	2
Barroquismo, por Oscar Gama Filho	12
Romantismo, por Oscar Gama Filho	31

PARTE II

Introdução, por Oscar Gama Filho	100
Sátira, por Luiz Busatto	112
O modernismo antropofágico, por Luiz Busatto	121
Muito soneto e algum verso livre: 1930/50, por Luiz Busatto	179
A Ficção: 1930/60, por Renato Pacheco	203
Os cronistas, por Renato Pacheco	235
A prosa de ficção contemporânea: o romance, por Francisco Aurélio Ribeiro	256
A prosa de ficção contemporânea: o conto, por Francisco Aurélio Ribeiro	269
Os anos 70 e 80: a poesia, por Deny Gomes	293
A literatura infanto-juvenil, por Francisco Aurélio Ribeiro	334
As publicações literárias (ou quase), por Renato Pacheco	349
As associações literárias e outras manifestações grupais relacio- nadas com a literatura, por Renato Pacheco	370

Posfácio

Pela Identidade Cultural Capixaba

OSCAR GAMA FILHO¹⁷

Para José Augusto Carvalho, meu eterno mestre

A presente *História da literatura do Espírito Santo* nos agracia com vários paradoxos lógicos a serem descobertos.

Um dos paradoxos lógicos que ela oferece recebe o nome popular de identidade cultural capixaba. Paradoxos dos mentirosos, como este, convidam filósofos a reflexões aparentemente sem solução do tipo “se uma árvore caiu na floresta e ninguém percebeu, ela caiu?”. Uma pessoa menos complicada resolveria: “ora, se a frase diz que a árvore caiu, então ela caiu!”. Semelhante proposta é a da busca da identidade cultural capixaba. Não que seja desnecessária — muito pelo contrário. No entanto, está equivocada quanto às premissas usadas para interrogar, qual esfinge, o seu objeto de estudo e, daí, descrevê-lo e explicá-lo.

Melhor transformar, então, provisoriamente, por mágica, identidade em ideologia da cultura capixaba. Abordaremos, por essa transformação alquímica, sua função, sua história, sua formação, seu desenvolvimento e a sua relação com a produção de um capital cultural regional. Daí seguiremos até que nossas palavras gremem, para nos fazerem compreender o processo de construção do lugar periférico da cultura capixaba.

I – POR QUE SOMOS CAPIXABAS?

Qual a origem de *capixaba*? A versão corrente, aceita entre os pesquisadores, concorda que *capixaba* significava, primitivamente, talvez desde o século XVI, a *lavoura* ou *roça* que se estendia da atual Rua Barão de Monjardim até a região da antiga Capitania dos Portos. Com o passar do tem-

17. Escritor, ficcionista, dramaturgo, historiador, compositor e ensaísta.

po, por uma extensão metonímica, a coisa possuída — a plantação — passou a ser a denominação concedida primeiro aos seus possuidores e, por fim, a todos os habitantes da ilha de Vitória. Posteriormente, talvez porque Vitória seja a sua capital, os naturais de qualquer parte do Espírito Santo passaram a receber esse epíteto.

II – O PRINCÍPIO DA IDENTIDADE

A palavra identidade deriva de *idem*, que significa *o mesmo*. Estaríamos diante, portanto, de um projeto estruturalista de procura do invariante presente nas diversas e contrastantes microrregiões culturais capixabas? Onde se encontra esse conjunto interseção, esse *graal*, essa pedra filosófica que as más línguas apelidaram de “logicamente inconsistente”?

Sabemos que ninguém pensa além da linguagem e que a identidade cultural é um subconjunto da cultura nativa. Ferdinand de Saussure enriquece nossa óptica, mostrando que os elementos da linguagem não possuem uma essência positiva independente. O sentido de uma palavra é definido negativamente pelas relações de diferença mantidas com todos os demais elementos do sistema. Para ele, na língua só há diferenças, e o mecanismo linguístico gira totalmente sobre identidades e diferenças:

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são (SAUSSURE, 2006, p. 136).

Para entendermos isso melhor, pensemos no caso de um cego de nascença que recuperasse a visão em uma casa completamente azul. Nós não conseguiríamos que ele compreendesse o que é o azul até lhe mostrarmos as outras cores. O azul é o que não é verde, roxo, amarelo, branco, vermelho, negro etc. O azul não possui um sentido independente e só pode ser compreendido por meio de suas relações de diferença com as demais cores e elementos do sistema.

Se a identidade resulta das relações de diferença do sistema linguístico, então a identidade cultural capixaba também não possui uma essência nítida: ela é o que as demais identidades não são. Ou seja: sua característica mais exata é ser “o que as outras não são”: a identidade cultural capixaba é aquela que não é a mineira, não é a carioca, não é a baiana, não é a italiana — não é nenhuma das outras do seu sistema.

Freud enriquece nossa abordagem: a percepção da diferença, pelas crianças, na fase fálica, é a instauradora do complexo de castração, que, constituindo o apogeu do Édipo, permite a formação do superego. Sem a diferença, estaríamos definitivamente condenados à privação do superego e à neurose narcísica, sinônimo de psicose.

Heidegger, em *O princípio da identidade*, nos adverte de que a busca da identidade diverge da procura matemática da igualdade, expressa com singeleza na fórmula $A=A$:

Que diz a fórmula $A=A$, em que ordinariamente se apresenta o princípio da identidade? A fórmula designa a igualdade de A e A. De uma equação fazem parte ao menos dois elementos. Um A se assemelha a um outro. Quer o princípio da identidade expressar tal coisa? Manifestamente não. O idêntico, em latim *idem*, designa-se em grego *tò autó*. Traduzido em nossa língua, *tò autó* significa o mesmo. Se alguém repete sem cessar o mesmo, por exemplo, a planta é planta, exprime-se numa tautologia. Para que algo possa ser o mesmo, basta cada vez um. Não é preciso dois como na igualdade. A fórmula $A=A$ fala de uma igualdade. Ela não nomeia A como o mesmo. A fórmula corrente para o princípio da identidade encobre, por conseguinte, justamente o que o princípio quereria dizer: A é A, quer dizer, cada A é ele mesmo o mesmo (HEIDEGGER, 1979, p. 179).

A tarefa aumenta, portanto, em complexidade. Não basta acharmos elementos iguais em várias partes do Espírito Santo. Nem nos compararmos com outras identidades. Não é tão simples assim. A inviabilidade ou a impossibilidade dessa tarefa de forma alguma elimina a possibilidade ou a necessidade da existência da identidade capixaba. A identidade é uma unidade logicamente incomparável, ainda que se preste a ser comparada. Analogamente, em psicologia, erram os leigos que se referem a alguém como “sem personalidade”, quando todos a possuem, por tibia, frágil ou sem brilho que seja. Continua Heidegger:

O que o princípio da identidade, quando ouvido em seu teor fundamental, expressa, é exatamente aquilo que todo pensamento ocidental-europeu pensa, a saber, isto: a unidade da identidade constitui um traço fundamental no seio do ser do ente. Em toda parte, onde quer que mantenhamos qualquer tipo de relação com qualquer tipo de ente, somos interpelados pela identidade. Se não falasse este apelo, então o ente jamais seria capaz de manifestar-se em seu ser como fenômeno. Por conseguinte, também não haveria nenhuma ciência. Pois se não lhe fosse garantida previamente e em cada caso a mesmidade de seu objeto, a ciência não poderia ser o que ela é (HEIDEGGER, 1979, p. 180).

Concluimos que nem tampouco o Espírito Santo poderia ser o que visivelmente é sem a relação entre o Estado e seus habitantes, o que, automaticamente, gera a identidade intuída por muitos. Para Heidegger, citando o pré-socrático Parmênides, “identidade é tanto pensar (aprender) quanto ser”. Daí ele deriva a equação “o ser faz parte da identidade” e mostra que a identidade capixaba estaria na semente de onde surgiu o ser do estado do Espírito Santo. Em suma, não parece correto imaginar que o Espírito Santo deveria, hoje, produzir sua identidade: o estado surgiu dela,

ou seja, o ser e o pensar capixaba surgiram de uma identidade pré-existente, culturalmente difusa por não possuir uma teoria que a explicitasse. Mas uma identidade que em tudo podia ser intuída e que emana das páginas dos primeiros cronistas. Bem como de José de Anchieta. Ainda Heidegger:

É preciso que reconheçamos: nos primórdios do pensamento, muito antes de a identidade se formular em princípio, fala ela mesma, e precisamente, através de um dito que dispõe: Pensar e ser têm seu lugar no mesmo [n. do A: *na identidade*] e a partir deste mesmo formam uma unidade. [...] O ser é determinado a partir de uma identidade, como um traço desta identidade. Pelo contrário, a identidade, mais tarde pensada na metafísica, é representada como um traço do ser (HEIDEGGER, 1979, p. 180-181).

Lembremo-nos do óbvio ululante antropológico dos meninos-lobos: uma criança criada entre os animais, sem contato com outras pessoas, não se torna um ser humano. É necessária uma identidade cultural humana para produzir o ser, o pensar e a existência com outros que caracterizam um homem. É preciso, *a priori*, a identidade capixaba para que seja produzido o ser e o pensar do Espírito Santo. E esta identidade só pode ser considerada dentro da redução fenomenológica — a *epoquê* —, que colocaria o Espírito Santo entre parênteses, eliminando a existência efetiva do mundo exterior e retirando-o de uma posição comparativa que nada esclarece. Nenhuma identidade cultural — japonesa, italiana, alemã — resiste a uma “literatura comparada” entre seus traços típicos e os de outros países, onde também se encontram, ou, mesmo, de onde se originaram.

A identidade cultural é intertextual: um mosaico vivo em que centenas de nações dialogam, absorvendo, destruindo e transformando interminavelmente os seus elementos; é um subconjunto de um conjunto maior formado pela identidade humana. Não há uma identidade original. E nem a identidade capixaba merece a classificação de primitiva, de inferior ou de rústica. Lévi-Strauss demonstrou, referindo-se a sociedades ágrafas, que não existe cultura primitiva ou inferior a outra: todas são adultas, incomparáveis e elaboradas. A visão do primitivo ou rudimentar seria uma projeção das próprias deficiências do investigador contaminado pelo etnocentrismo (citamos de memória).

Com facilidade podemos localizar os elos de identificação — entre as microrregiões — que construíram a malha de teia em que se situa a individualidade cultural capixaba.

Se, como postula a psicanálise, a aquisição da personalidade humana, pela criança, ocorre por meio do processo de identificação, as microrregiões culturais também estruturaram seu *ego* através desse mecanismo. Lembremos, *en passant*, que *eu*, tradução da palavra latina *ego*, tem sido empregada como sinônimo de identidade.

Cabe, aqui, um parêntese: segundo Laplanche e Pontalis, a identificação é o “Processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 295).

Sua importância é fundamental. O próprio Freud, aliás, nos mostra que ela vai além da imitação e tem como base a relação entre fantasias inconscientes comuns às pessoas ou aos objetos que são alvo da identificação.

Além disso, há, interligando seus elos, mecanismos semiológicos criadores de um sistema único: as microrregiões têm, como conjunto interseção, o fato de pertencerem ao Espírito Santo, de voltarem os olhos para sua capital, de se encontrarem sob um mesmo governo, de serem submetidos à manipulação cultural por meios de comunicação de massa comuns, de possuírem símbolos estaduais idênticos e de construir os microssistemas literários a que se referem Paulo Roberto Sodré e Sérgio Amaral, em sua “Apresentação”. Esses mecanismos criaram uma linguagem capixaba peculiar e plasmaram uma massa ideologicamente homogênea e distinta da que é encontrada no exterior ou em outras unidades da federação, mas que se amalgama e se confunde com o macrossistema literário brasileiro.

A identificação preserva e interioriza aquilo que há de semelhante entre suas possibilidades genéticas de ser e o objeto de identificação externo. Por analogia, percebemos que as microrregiões culturais possuem uma identificação, pois há partes de uma microrregião apropriadas por outra, sem que pertençam às suas características típicas: encontramos moqueca no funil teuto-italiano e sopa de capelete em Guarapari. A microrregião, em sua gênese, quando ainda não apresentava características definidas, buscou o que havia para se identificar — em outra — e o jogou para dentro de si, assimilando-o e adquirindo personalidade graças a esse processo.

Cada microrregião se identificou, portanto, com elementos da realidade alheia e os incorporou a si, ou aos espaços vazios que possuía, preenchendo-os em tudo que não era determinação filogenética anterior, de acordo com suas possibilidades genéticas pré-determinadas pela identidade cultural, que, como vimos com Heidegger, determina o ser e o pensar.

Realmente, correspondendo ao conceito freudiano de fantasias primitivas ou protofantasias — de origem filogenética —, as microrregiões possuem uma carga filogenética ditada pela proximidade umas das outras, pela história, pela topografia, pelos acidentes geográficos, por respirarem partículas semelhantes do cosmo, pelo fato de serem montanha, planície ou beira-mar e, naturalmente, por elementos imperceptíveis, pois residem em seu inconsciente coletivo. Constituiriam o que os enólogos chamariam de *terroir capixaba* — conjunto de traços regionais que tornam um vinho diferente de outro de mesma cepa, mas plantado em local distinto.

III – DE COMO NASCEU O BRASIL

Voltemos ao momento do parto, do nascimento do Estado brasileiro. Tudo fica claro-sangue e o século XVI incha como o útero da mãe-terra prestes a dar à luz o monstro gerado sem a participação paterna. Sim, o Brasil nasceu por clonagem, sem o *pai* que caracteriza o surgimento de qualquer Estado: o *povo*.

Colônia criada “por decreto”, no Brasil quinhentista, paradoxalmente, as leis, as instituições, o governo e a religião foram preparados e implantados fora daqui, no estrangeiro Portugal, *a priori*, de cima para baixo, antes da presença daquele elemento que deveria produzi-los: o povo. Por incrível que pareça, na formação nacional, o Estado precedeu o povo. Qualquer semelhança com a atualidade não é mera coincidência. E, se não havia povo, não se pode dizer que existia pátria. Os únicos que, nesse pré-Brasil, possuíam algo parecido com a noção de pátria — se é que tinham — eram os índios. A pátria dos brancos obviamente estava em Portugal. Como o povo existente — o gentio — não constituía o povo brasileiro, muito menos capixaba ou português, e não tinha a confiança da Coroa, tornou-se necessário procurar dissolvê-lo cultural e fisicamente para se formar um outro.

A criação de um Estado sem a participação popular produziu sérios problemas. Sem pai, não foi possível a ocorrência da castração edípica. Sem a castração edípica, não aconteceu a introjeção da proibição paterna, base do superego. Sem superego, não pudemos contar com uma instância censória, com uma moral verdadeira.

Sua condição marginal à lei desde sempre inscreveu o Brasil em um processo que, inicialmente obsessivo, com seus rituais — religiosos, políticos, culturais, científicos, esconjuradores de um mal invisível, mas presente —, evoluiu para um quadro psicótico. Desprovido da marca legal primitiva, ele não pôde se inscrever na lei, nem tampouco a aceitar. Restou-lhe apenas o espaço vital da loucura.

Concluimos que a esquizofrenia do país se originou no fato de que o Estado brasileiro surgiu antes do seu pai. Vivíamos, até há pouco, no segundo momento, em que o surto havia fragmentado e dissociado o Aparelho de Estado, transformando-o no espírito dividido a que se refere a origem etimológica de esquizofrenia. Esse resultado aponta, sempre e necessariamente, para um caco-átomo indivisível, resistente ao processo de desintegração, que a identidade traduziria, por seu caráter de unidade pré-existente.

Porém talvez já esteja ocorrendo esta recuperação, esta saída da psicose esquizofrênica em direção ao ingresso em um quadro de neurose obsessiva — certamente um progresso, mas, evidentemente, não uma cura. Este revezamento entre as posições obsessiva e neurótica foi abordado nesta *História da literatura do Espírito Santo*, ora publicada pela Edufes.

Hoje, em 2023, o povo, de uma forma ou de outra, tem procurado se revestir de uma tacanha cidadania, resgatando-a, recuperando a sua brasilidade e ocupando o lugar simbólico do pai no inconsciente nacional, tornando possível o resgate tanto de sua macroindividualidade sã quanto o da microindividualidade capixaba.

IV – IDEOLOGIA DA CULTURA PERIFÉRICA CAPIXABA

O código genético que interliga nossas diferentes microrregiões culturais se materializa na ideologia da cultura capixaba. Por meio dela, o Espírito Santo passa a ter uma geopolítica, limites territoriais, símbolos, hinos, problemáticas, defensores, amigos e inimigos. Sem ela, seríamos todos irmãos.

Mas abrir mão de sua proteção, em um novo mundo dominado pela globalização neocolonialista, em um planeta em aquecimento apocalíptico, corresponde, exatamente, a deixar de existir.

A gestação da ideologia da cultura capixaba começou no século XIX, quando se iniciou a produção do capital cultural regional. Desenvolveu-se lentamente, a partir de então, para nascer, de fato, no governo de Jerônimo Monteiro.

Capital cultural é a soma que, derivada direta ou indiretamente do enriquecimento social, está empregada em setores relacionados à cultura, levando ao aumento de suas atividades. O capital cultural se valoriza mais ideológica do que economicamente, por meio do investimento em uma mercadoria — a cultura — que será “vendida” de forma primordialmente ideológica para a sociedade, originando ganhos diversos, também monetários, que se estruturarão em um aparelho cultural (instituições de arte, academias, editoras etc.).

O nosso conceito de aparelhos de estado pode ser traduzido mais ou menos pelo mesmo que o de instituições.

Dois eventos, datados do século XVIII, consolidaram o lugar cultural periférico ocupado pelo Espírito Santo no contexto nacional.

O primeiro deles determinou que a capitania fosse praticamente transformada em uma simples barreira de proteção das “Minas Gerais”. Privou-nos, assim, do capital cultural gerado pelas ricas lavras de ouro que, descobertas em terras capixabas por Antônio Rodrigues Arzão, em 1693, seriam incorporadas a São Paulo em 1709: Portugal, temeroso do ataque de piratas, decretou que os territórios situados a leste de Minas — e a oeste do Espírito Santo — fossem considerados “áreas proibidas”, de acesso vedado, e interditou a construção de estradas por elas. Ao mesmo tempo, a Coroa comprou a Capitania, impediu a prospecção de ouro, aprimorou suas fortificações e desestimulou as poucas atividades e iniciativas econômicas que ainda ocorriam.

Tais medidas, além de terem condenado a população à pobreza, retardaram e dificultaram o povoamento, a exploração e a expansão do território. Em consequência, não pudemos nem progredir internamente nem, ao menos, vender produtos aos mineiros, o que garantiria uma participação indireta na riqueza dos garimpos e aumentaria o capital cultural circulante.

No segundo deles, perdemos os jesuítas, que, expulsos do país em 1759, eram detentores do monopólio das instituições escolares e do controle da maioria absoluta das atividades artísticas. A Companhia de Jesus participava, de forma ativa e intensa, do aparelho econômico espírito-santense. Possuía, entre muitos outros bens, ricas fazendas que garantiam a sua subsistência e a continuidade dos seus trabalhos por aqui: destacavam-se Araçatiba, como engenho de açúcar; Muribeca, na criação de gado; Itapoca, na fabricação de farinha.

Esses acontecimentos deixaram marcas profundas na cultura, que entrou de vez em um marasmo comatoso. Ela só despertaria com a injeção de capital ocorrida, graças ao café, em meados do século XIX. No entanto, a predominância do capital cultural agrícola, enquanto em todo o Brasil surgia o capital cultural industrial, mais dinâmico, resistente, modernizador e capaz de autor-reprodução, levou-nos a ficar para trás. Esse terreno começaria a ser recuperado no século XX, na

década de 1970, quando o processo de industrialização capixaba, produzindo um capital cultural inaudito, garantiu que suas instituições se estruturassem de forma definitiva.

Não achamos correto falar de nação brasileira ou de nacionalismo — de nativismo, sim — antes de 1808, ano em que a corte portuguesa se instalou no Rio de Janeiro. Deixamos, então, de ser uma simples colônia, com os olhos voltados para Portugal, para nos tornarmos, em 1815, Reino Unido a Portugal e Algarves. Não podíamos, obviamente, construir uma ideologia por falta dos aparelhos ideológicos de Estado necessários, criados por diversas medidas de D. João VI. Seu governo revogou as restrições impostas à indústria, ao comércio e ao funcionamento de tipografias. A partir de 1808, passou a haver liberdade de imprensa, de instalação de indústrias, e os portos nacionais foram abertos às nações amigas — o que representou, na prática, o fim do monopólio do Reino sobre a Colônia. Além disso, sua política instituiu a Imprensa Régia, o ensino superior, o Banco do Brasil, o Jardim Botânico, a Academia Real Militar, a Biblioteca Real, a Fábrica de Pólvora, o Arsenal Real da Marinha etc. Por fim, em 1816, a missão artística francesa desembarcou no país.

Repetindo, compulsivamente, a tendência primitiva de implantar a realidade por decreto, de cima para baixo, sem ouvir as razões mercantis ou populares, o governo produziu, assim, estruturas econômicas e ideológicas que a conjuntura colonial não engendraria tão cedo e que foram responsáveis pela formação da nação e dos organismos indispensáveis à sua sobrevivência e à reprodução das suas condições de produção.

Como era de se esperar, logo depois de estruturado, o conjunto primitivo de entidades adquiriria vida própria e se encarregaria de criar uma segunda geração de aparelhos e de agentes que dessem conta da tarefa de compor uma ideologia da cultura nacional. Tal objetivo nortearia a organização do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838. Por outro lado, a liberdade de imprensa permitiu a criação de editoras e a publicação de jornais, livros e revistas que, provocando uma efervescência artística, científica, crítica, intelectual e política, aceleraram a maturação da nacionalidade.

No entanto, só em 1826, com a publicação, em Paris e em francês, do *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, de Ferdinand Denis, pela Leconte & Durey, pela primeira vez a literatura brasileira passou a ser estudada como um *corpus* textual diferente do português.

Ainda que o sermos portugueses não compromettesse a formação *natural* das características capixabas, de certa forma impedia seus movimentos *culturais*, já que o modelo ideal paradigmático da sociedade brasileira da época se identificava com a Europa portuguesa. E a ela, portanto, os como nós oitocentistas se voltavam, considerando-a o modelo da perfeição a ser alcançada: nossa meta de Meca.

Podemos compreender, agora, o paradoxo lógico com que abrimos este ensaio: se ninguém percebeu a árvore cair, de que forma saberemos se ela caiu? Analogamente, ainda que nossa identidade cultural pré-existente estivesse sendo desenvolvida, em estado bruto, natural, até mesmo antes do século XVI — afinal, a participação indígena na nossa formação ultrapassa a doação da palavra capixaba —, é necessário o pensamento da cultura para captar os dados produzidos e in-

tegrá-los em um sistema de ideias do porte de uma ideologia. Melhor dizendo: preparar moqueca ou torta capixaba em panela de barro não é o bastante.

Precisamos, entre os primeiros passos, dos estudos de um lexicógrafo ou de um filólogo que se proponham a elaborar um *Pequeno vocabulário ortográfico do dialeto capixaba*. Nele, não poderia faltar a contribuição secular dos portugueses, dos italianos, dos indígenas nativos, dos afro-capixabas escravizados e de tantos outros povos. Bem como da culinária e das manifestações folclóricas típicas, com seus linguajares característicos. Deveria incorporar até mesmo a língua dos pomeranos, que só existe no Espírito Santo, pois desapareceu na Alemanha. Uma rica fonte pode ser encontrada na gíria chula da Vitória antiga, listada em *Cantáridas*, antologia de poemas fesceninos escritos por Guilherme Santos Neves, Jayme Santos Neves e Paulo Vellozo (1986).

Mas como, se não temos nem sotaque? Ledo engano: o sotaque capixaba é não ter sotaque, o que o torna diferenciado no Brasil. Aqui se fala um português sem alteração excepcional, em que não se puxa o “s” palatal antes de pausa ou no final de sílaba, como o fazem os cariocas; ou o “r” vibrante, à moda paulista.

O Espírito Santo, contudo, apenas conseguiu desenvolver uma infraestrutura econômica forte o bastante para produzir o capital cultural necessário à montagem de um aparelho ideológico completo a partir da segunda metade do século XIX, quando o café passou a ser o principal artigo de exportação.

Em 1840 viria à luz o jornal pioneiro *O Estafeta*, que circulou uma vez. O *Correio da Vitória* surgiria em 1849; *A Regeneração*, em 1853; *O Capixaba*, em 1856, e assim por diante. A imprensa passou a servir de púlpito para as discussões dos intelectuais da província que, ainda timidamente, se esforçavam para buscar os legítimos valores e costumes da plaga.

Os trabalhos de José Marcelino Pereira de Vasconcelos são uma boa mostra de tal esforço. Em 1856, ele publicou, em Vitória, na tipografia de Pedro Antônio d’Azeredo, o volume inicial da primeira antologia de que temos notícia: o *Jardim poético ou coleção de poesias antigas e modernas, compostas por naturais da Província do Espírito Santo*. O segundo tomo sairia quatro anos depois, em 1860. Entre ambos, José Marcelino lançou, em 1858, o *Ensaio sobre a história e estatística da Província do Espírito Santo*.

O fato de terem sido impressas — precursoramente — em Vitória nos autoriza a considerar essas obras de José Marcelino como evidências da presença de um movimento romântico estruturado em um aparelho cultural. Trata-se de uma etapa heróica, de procura de uma linguagem para o ensaísmo, em que encontramos muito do espírito da coletânea caótica — de poemas, no *Jardim poético*; de nomes, feitos, descrições, números, documentos e geografias, no *Ensaio* — e pouco da luz racionalizadora da ciência. Fase ainda primeva do desenvolvimento, similar à da busca da nacionalidade empreendida em termos de Brasil, nela parece ser mais importante invocar e comprovar a existência do Espírito Santo e de seus fenômenos do que a compreender.

Fazendo parte do novo aparelho ideológico cultural que se formava, surgiu a Sociedade Dramática, primeira companhia regional — depois que os jesuítas foram expulsos, no século XVIII —,

responsável pela encenação, em 20/08/1841, da peça *Maria Teresa, Imperatriz da Alemanha ou o Heroísmo do amor filial*.

Em virtude da intensa participação dos românticos, muitos deles políticos de relevo, as entidades culturais capixabas foram se constituindo. Em 16/07/1855, ocorreu a inauguração da Biblioteca Pública da capital. Em 1832, a maçonaria instalou, em Vitória, a Loja Beneficência, que seria seguida pela Loja União e Progresso, fundada em 1872.

Os intelectuais abraçaram com entusiasmo as causas de interesse do neocolonialismo: a campanha pela abolição da escravatura teve ampla repercussão. Garantiu, sabemos hoje, a ampliação dos mercados consumidores dos produtos ingleses e a passagem do modo de produção escravista para o capitalista. Em 1869, seria criada a Sociedade Abolicionista da Escravatura do Espírito Santo, que, em breve, estaria acompanhada de inúmeras associações congêneres.

A ideologia da cultura capixaba começou a se delinear melhor quando se tornou necessária para a implantação do projeto desenvolvimentista promovido, com mais vigor, a partir do governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912). Em 1909, ele instituiu o selo e as armas do Espírito Santo. Antes de sua posse, cantava-se, nas cerimônias públicas, *La Marseillaise*, o hino nacional francês. Esse despropósito foi mais ou menos corrigido por meio de determinações que levaram a substituí-lo pelo Hino Nacional Brasileiro.

Os símbolos podem ser comparados a verdadeiros retratos do Estado e, à semelhança das imagens de deuses e de santos, têm a função de tornar o abstrato concreto, e o irreal, palpável. Sua implantação constituiu, assim, uma “prova” sensorialmente perceptível da existência do Espírito Santo como unidade distinta do resto da nação. O advento de Jerônimo Monteiro, portanto, marcou o nascimento de um “saudável” bairrismo.

Depois da produção do selo e das armas, o passo seguinte foi o estabelecimento de associações que desempenharam a dupla tarefa de formação das elites e de criação das bases teóricas “comprobatórias” da especificidade e da peculiaridade da cultura regional. Esses objetivos nortearam a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, em 1916, e da Academia Espírito-Santense de Letras, em 1921. Em 1923, nasceu a revista *Vida Capixaba*, que seria, por mais de três décadas, a principal divulgadora de nossas características.

A Segunda Guerra Mundial abalou as raízes agrícolas tradicionais da sociedade e introduziu novas empresas, a exemplo da Companhia Vale do Rio Doce e da Companhia Ferro e Aço de Vitória, ambas surgidas em 1942. Ao mesmo tempo, a difusão do modo de vida e dos valores norte-americanos pelo cinema e pelo rádio contribuíram para a modernização do estado. Essa dinamização se estendeu às artes. Em 1946, jovens escritores — como Christiano Dias Lopes Filho, futuro governador — lançaram a Academia Capixaba dos Novos, que se propunha diminuir o marasmo literário vitoriense. Em 1947, ocorreu a Quinzena de Arte Capixaba, uma amostragem ampla que incluiu recitais poéticos, teatro, palestras, concursos, concertos e exposições. Finalmente, em 1947, foi instituído o Hino do Espírito Santo, único símbolo que faltava. Em seu lugar, desde o governo Jerônimo Monteiro, o Hino Nacional Brasileiro era cantado nas cerimônias oficiais.

Eurico Rezende (1979-1983), com uma única medida administrativa, transformou os principais organismos encarregados da promoção da ideologia da cultura capixaba em inexpressivos departamentos de seu governo, ferindo de morte o bairrismo de que se nutrem os elementos típicos. Entre os moribundos, lamentamos, em especial, pela Fundação Jones dos Santos Neves e pela Fundação Cultural do Espírito Santo — esta se encontrava, quando de sua facada nas costas, sob a direção iluminista do brilhante escritor e pesquisador Renato Pacheco. Ficamos, então, à mercê do neocolonialismo cultural oriundo do estrangeiro e dos grandes centros que nos cercam: Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia.

V – ARTES DE CRIAÇÃO DA CULTURA CAPIXABA

De todos os agentes de construção da ideologia de que necessitamos — para continuarmos a existir —, os artistas merecem ser destacados pelo seu poder de introduzir vida, voz e personalidade no que era barro: intuitivamente, os habitantes de um local se reconhecem em certas características culturais produzidas por eles. Seus olhares genesíacos ressuscitam o que é matéria bruta e inerte e criam uma grande personagem: o Espírito Santo. Sim, pois o estado necessita de uma construção psicológica que o transforme em ser social maior do que a simples soma de dados, pessoas, ruas e moradias. Eles têm o poder de nos apresentar a interessantíssimos tipos populares e — mágica! — fazê-los se reunirem, suspensos no ar, sob a forma do mosaico eternizado que nos define.

Do todo de características desarmônicas, só a arte pode dar conta, graças a seu demiúrgico poder de sair do passado, apreendendo-o, para plasmar o futuro. Compõe, assim, o universo cultural, captando-o de sua desarmonia abstrata natural e dando-lhe o toque harmônico da variante estética.

Essa maravilha ocorre não no mundo ideal e irreal de Platão, e sim dentro de uma prática — que podemos sentir, porque a identidade cultural e a sua ideologia se materializam em atos, costumes e posturas rituais que deságuam em edificações, em cidades, em ruas e — quem sabe? — na disposição do homem sobre os campos. Muito mais do que pousa sobre os símbolos do estado, repousa sobre nós sua mão disciplinadora com padrões que — se quisermos ser capixabas — devemos ser capazes de incorporar. É como o ritual de entrada em uma ordem tão secreta, que mesmo nós desconhecemos nossa entrada. Mas os membros reais dariam a própria vida por ela.

Da trilha aberta por uma identidade cultural capixaba pré-existente é que surgiram o ser e o pensar que caracterizam, no presente, o Espírito Santo. Pelo mesmo caminho, restaria ao povo também resgatar sua cidadania e, impulsionado por ela, obter uma evolução em seu quadro psíquico. Adquiriria, então, resistência contra a psicose, criando poderosos anticorpos microssociais que se encarregariam de diminuir os sintomas de corrupção absoluta, de catatonia, de autismo, de delírios mal sistematizados, de alucinações e de regressão comportamental comuns em nossa plaga, para tentar retomar o caminho da neurose obsessiva a que os lemas *ordem e progresso* e *trabalha e confia* parecem se referir.

Tratar-se-ia, acreditamos, do processo de cura do ser social, a que nos referimos anteriormente, de um modelo de luta contra a violência, a corrupção e o crime. Evidentemente, os arquétipos da justiça, do vigor econômico e da honestidade precisam de se estruturar após a degradação secular que apenas simulacros deles mesmos produziram.

Contudo, apesar do que dissemos, algumas pessoas ainda não aceitarão esse raciocínio. São os que acreditam que não existia identidade cultural italiana antes da fundação de Roma. Estão certos? Não há, de fato, uma identidade cultural americana, nem alemã, nem japonesa, nem baiana, nem irlandesa? Vamos tratar de produzi-la, então, conforme James Joyce advogava: “Sê bem-vinda, ó vida! Eu vou ao encontro, pela milionésima vez, da realidade da experiência, a fim da moldar, na forja da minha alma, a consciência ainda não criada da minha raça” (JOYCE, 1971, p. 238).

Sim, os irlandeses, como Joyce, também não constituem, de fato, uma raça. Sua obra, contudo, contribuiu para criar e divulgar a identidade cultural irlandesa pelo mundo inteiro e pelo futuro afora. Tornamo-nos conhecidos, na década de 1970, por defendermos a produção de uma *consciência de raça capixaba* (GAMA FILHO, 1979, p. 13). A contemporaneidade nos deu razão, transformando essa divisa joyceana na atitude que hoje impulsiona o Espírito Santo.

A busca da identidade aponta para o toque de tempero capixaba. Proferindo esta palavra-chave da alquimia verbal, espécie de “abre-te, sésamo!”, podemos compreender a importância das várias microrregiões culturais de que somos compostos. Graças à identificação, elas incorporaram dados culturais umas das outras e guardam um sensível sentido de peculiaridade local, de diferença em relação a localidades semelhantes encontráveis no exterior ou no restante do país: apenas nós temos nosso caboclo indígena das praias — filhos espirituais dos jesuítas —, nossos afro-capixabas, nossos baianos amineirados do norte, nossos teuto-italianos alegres, nossos agropecuaristas caricaturais das montanhas.

É o *terroir capixaba*, leve toque típico do Espírito Santo, livramento terreal onde todos podem se comportar do jeito que quiserem, graças à sua democrática “pasmaceira” — uma de nossas características, segundo o dramaturgo romântico Amâncio Pereira — que, cordialmente, não impõe formas de ser. Sejam bem-vindos a ela!

Neste *terroir*, um dos tijolos fundamentais é o microssistema literário capixaba, que esta obra constrói enquanto também dele constitui prova.

Casamar, 13/07/2023

Referências

DENIS, Ferdinand. **Résumé de l’Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’Histoire Littéraire du Brésil**. Paris: Lecointe & Durey, 1826. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstreams/5554c83c-0d4d-4e66-8d51-8619578dca2b/download>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GAMA FILHO, Oscar. A busca de uma consciência de raça. **A Tribuna**, Vitória, p. 13, 15 mar. 1979.

HEIDEGGER, Martin. O princípio da identidade. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

JOYCE, James. **Retrato do artista quando jovem**. Tradução de José Geraldo Vieira. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

NEVES, Guilherme Santos; NEVES, Jayme Santos; VELLOZO, Paulo. **Cantáridas e outros poemas fesceninos**. São Paulo; Vitória: Max Limonad; Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1986. (Coleção Letras Capixabas, v. 20).

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Foto: Adriana Machado



Deny Gomes

Foto: Elizabeth Nader



**Francisco Aurelio
Ribeiro**

Foto: site Academia Espírito-santense de Letras



Luiz Busatto

Foto: Cypriano



Oscar Gama Filho

Foto: site Morro do Moreno



Renato Pacheco

Foto: Maria Clara Medeiros Santos Neves



**Reinaldo Santos
Neves**

História da Literatura do Espírito Santo
História da Literatura do Espírito Santo

